ANO 38.º — SÁBADO, 27 DE SETEMBRO DE 1958 — N.º 12.862

Diario de Lisbôa

FUNDADOR — JOAQUIM MANSO — DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SÁ
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

25 mil homens tomam parte

nas manobras de Santa Margarida

a que assistem o ministro do Exército de Espanha

e os chefes das forças armadas de Portugal

(Do nosso enviado especial)

SANTA MARGARIDA, 27 — (Pelo telefone)—Atingiram hoje a sua fase culminante as manobras militares deste ano, nas quais toma parte a 3.ª Divisão, comandada pelo general Antunes Cabrita, efectuando o exercício «Tornado», superiormente dirigido pelo general Bucetа Martins, simultaneamente comandante da 3.ª Região Militar e director das manobras, que é assistido por um Quartel-General comum.

O «Corpo do Exército» é teórico, pois só um agrupamento divisionário está completo, sendo os conjuntos militares das restantes formações apenas representados por elementos figurativos.

Ultimados os preparativos necessários á montagem da grande operação ofensiva, esta iniciou-se hoje de madrugada, na zona Santa Margarida-Ponte de Sor-Seda-Avis-Montargil o exercício previsto, com utilização de armas atómicas, também figuradas.

A chegada do ministro

A fim de assistir á ultima parte das manobras, e a convite do general Julio Botelho Moniz, ministro da Defesa Nacional, chegou ás 13 horas, num avião especial, a Tancos, o general D. António Sánchez-Guerra, ministro do Exército, da Espanha, que é acompanhado pelos tenentes-coroneis D. Francisco Cerdán Lopez e D. Enrique Calzada Atienza e pelo tenente Francisco Carillas. Aguardavam-no, além daquele membro do Governo, o coronel Almeida Fernandes, ministro do Exército; os subsecretários de Estado do Exército e da Aeronáutica; os chefes dos Estados-Maiores das Forças Armadas e da Força Aérea; e o coronel Lopes Franco, oficial de ligação.

Estavam também presentes os comandantes da Base e do Batalhão, e os adidos militares português, em Madrid; e espanhol, em Lisboa.

Foi prestada guarda de honra pelo Batalhão de Pára-Quedistas, devidamente armado, com bandeira e fanfarra e a banda de musica da 3.ª Região Militar.

Após o desembarque, todos se dirigiram, em automóveis, para o posto de comando do quartel-general das manobras, em Ponte de Sor, onde foram recebidos pelo general Bucetа Martins.

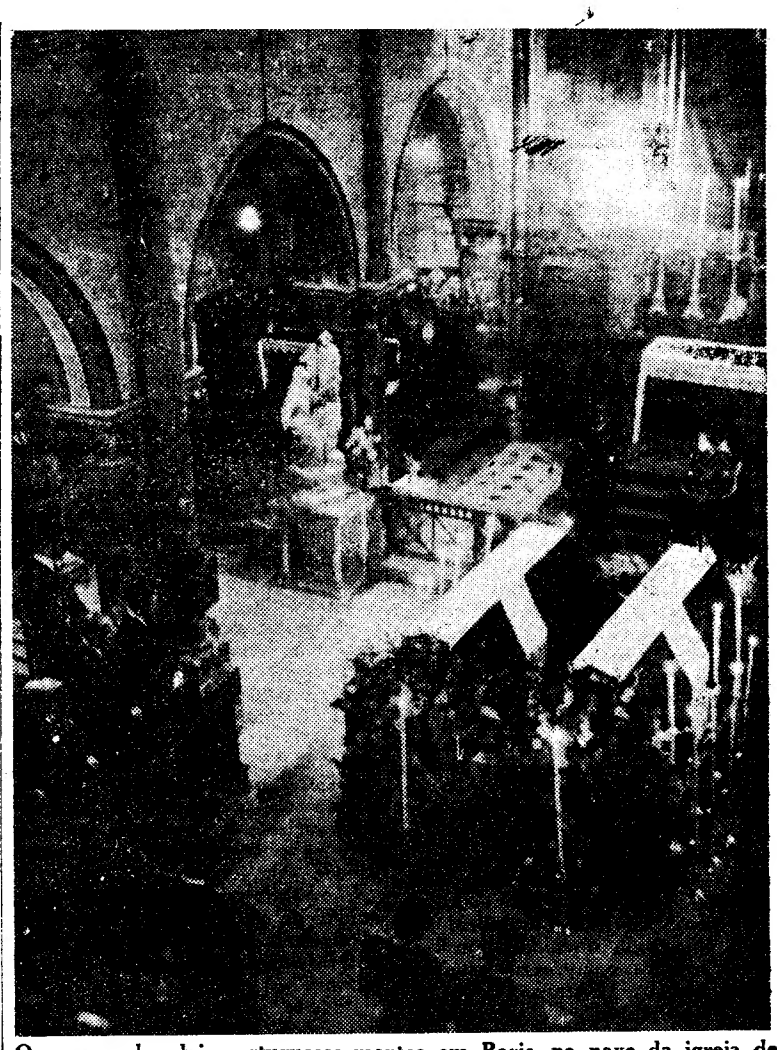
Também na presença do almirante Moore, chefe da «Maag», do general Seguin Reynes, chefe da Divisão de Instrução e Treino do «Shape» e de vários adidos militares estrangeiros, houve uma breve exposição do tema dos exercícios e da evolução da situação, seguin-

(Continua na 14.ª página)

Nota do dia

O leite

O leite é uma excelente bebida. Além disso, é um alimento indispensável a crianças e a doentes. Em todas as cidades do Mundo onde se exerce uma fiscalização rigorosa sobre a qualidade dos alimentos, a pureza do leite que se bebe não deixa lugar a duvidas. Entre nós, arrasta-se há dezenas de anos este problema do abastecimento de leite á capital, que só agora parece encaminhar-se para a solução definitiva. Na cerimónia da posse, que se efectuou ontem, da respectiva comissão orientadora, fizeram-se afirmações e exprimiram-se propósitos que nos enchem de esperanças. O ilustre presidente do Município não deixou de aludir, no entanto — para que a nossa impaciência não exija milagres —, ao velho rifão popular que diz (por outras palavras) ser o ultimo troço da caminhada o mais difícil de percorrer. Tudo indica, porém, que em breve Lisboa poderá beber sem receio o leite que até há pouco tempo não se podia consumir sem grave risco para a saude. Basta dizer que ainda há vinte anos, conforme afirmou um técnico na cerimónia de ontem, cada centímetro cubico de leite que se consumia em Lisboa continha exactamente trinta milhões de bacterias. Nem menos uma. Foram precisos, portanto, vinte anos de esforços e de luta incansável contra a rotina, a especulação e a ignorancia para chegar a resultados satisfatórios, sendo possível fazer funcionar dentro em pouco a Central Leiteira «sem que o teor microbiano constitua já qualquer impedimento». Havemos de concordar que já não era sem tempo.



Os corpos dos dois portugueses mortos em Paris, na nave da igreja de Bagneux. (Ler notícia na página central)

As operações do referendo

prosseguem na Argélia

sem que se registem incidentes

ARGEL, 27 — A Argélia vai no segundo dia do escrutínio. Ainda não se vota, nas grandes cidades, mas sim apenas dos «djebels» e, sobretudo nos aduares próximos da fronteira marroquina.

A comissão central de fiscalização ainda não divulgou cifras oficiais sobre a percentagem dos votantes. Ontem, á noite, o secretário-geral adjunto daquela comissão, Schwelk, disse: «O escrutínio continua até ao dia 28. Não podemos fragmentar os resultados. Mas estamos habilitados a declarar que este primeiro dia foi muito satisfatório».

Entretanto, indicações colhidas nas comissões departamentais per-

(Continua na ultima página)

No Ministério do Interior, em Paris, foram instalados grandes paineis com a discriminação dos vários departamentos, para se afixarem os resultados do escrutinio de amanhã

Salvo da morte pelo seu cão

BROOKLYN (Wisconsin), 27 — Esta cidade foi, recentemente, testemunha de mais uma prova concludente da dedicação do cão ao homem. Donald Ferris viajava no seu automóvel acompanhado pelo cão. A determinada altura, derrapou no gelo que cobria a estrada e despenhou-se por uma ribanceira, no fundo da qual ficou inanimado, esvaindo-se em sangue.

Ao ver o dono ferido, o animal saltou por uma janela, correu até casa, distante alguns quilómetros, conseguindo trazer ao local do acidente várias pessoas, que transportaram Ferris ao hospital, a tempo de salvar-se. — (A. N. I.).

NOTA ECONÓMICA

A preparação dos técnicos

para a administração de empresas

Dirigida a «Tribunus», em referência á recente «nota» aqui publicada sob o título de «Considerações gerais sobre os estudos económicos em Portugal, recebemos a seguinte carta, que merece publicação na íntegra, tanto pela natureza dos problemas considerados como pelo nível de que se reveste a sua exposição. É de autoria de um estudante, finalista do curso universitário cuja especialização abrange os problemas em causa, o que não deixa de valorizar a razão de interesse que lhe atribuimos (N. da R.).

A leitura da «nota» publicada no «Diário de Lisboa» de 10 do corrente parece-me encerrar justas reflexões, capazes de auxiliarem a estrutura de uma adequada solução que as realidades impõem.

No ano lectivo que vai iniciar-se no próximo mês de Outubro, sou apenas aluno finalista do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, pelo que a minha comparência ao «largo e sereno debate» que aquela «nota» pode pretender abrir será talvez uma impertinência a relevar. Todavia, a minha posição de estudante universitário impõe-me conscientemente a tomada de uma posição acti-

(Continua na 10.ª página)

Diario de Lisbôa
PUBLICA HOJE
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Crianças de hoje, homens de amanhã...

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

REUNO numa só pergunta, numa única, todas as que me têm dirigido a propósito da higiene e dos cuidados a ter com os recém-nascidos.

Eis essa única pergunta: Como devemos cuidar da criança recém-nascida e quais os cuidados higiénicos que devem rodear a sua pele?

O banho? A propósito do banho existem várias opiniões. Até há poucos anos, é quase dos nossos dias (cada cabeça sua sentença), as opiniões eram as mais diversas. Certos especialistas defendiam a técnica do banho imediato; outros combatiam-na, argumentando com a ferida umbilical, dizendo que o banho podia originar a infecção da mesma, infecção que era grave antes da época dos antibióticos.

Aconselhavam estes últimos a lim-

(Continua na página seguinte)

Visado pela Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da página anterior)

peza da pele do recém-nascido, com algodão, embebido em glicerina e álcool, em partes iguais, tendo o cuidado de não tocar no cordão umbilical. Os defensores do banho imediato dizem, e com acerto, que aquele outro modo de ver e de actuar não tem razão de ser.

As crianças devem tomar banho após o nascimento; simplesmente esse banho exige determinadas precauções.

A água do banho deve ser rigorosamente fervida e a banheira tem de ser (quando não é de plástico) esterilizada, queimando álcool no seu interior, sempre que haja de ser utilizada. A temperatura da água oscilará entre 36 e 37 graus.

As pessoas encarregadas do banho lavarão cuidadosamente as mãos e os braços, procedendo em seguida á sua limpeza com álcool puro.

É conveniente, antes do primeiro banho, untar a criança com vaselina, a fim de a libertar da camada mais ou menos espessa que normalmente a envolve. Em seguida deverá ser cautelosamente introduzida na água, com a cabeça apoiada numa das mãos da pessoa encarregada de lhe dar o banho.

É necessário utilizar um bom sabonete. Após o banho, no qual a criança foi devidamente lavada, convém seja limpa com uma toalha aquecida e em seguida polvilhada com um talco de confiança. A escolha do talco tem uma grande importancia, pois pode ocasionar dermatites medicamentosas ou de contacto.

Estão contra-indicados o amido e o pó de arroz, pois ambos fermentam em contacto com o suor e a urina, podendo dar origem a lesões graves.

O penso da ferida umbilical será feito com todo o cuidado, utilizando-se sempre compressas esterilizadas e álcool a 90 graus. Há que evitar as pomadas com sulfamidas e antibióticos. É sempre tempo para sensibilizar as crianças com as novas drogas.

Os fleimões do peito, tão vulgares nos recém-nascidos (e tão graves) têm a sua origem, quase sempre, em unhadas ou em manobras mal feitas, muitas vezes na maneira inábil, desajeitada, como se pega nos pequenos seres.

Todas estas precauções durante o banho são indispensáveis no decurso das primeiras três semanas. Só findo este período, a criança será friccionada, diáriamente, ao sair do banho. Água-de-colónia, quando de boa origem, serve para a fricção.

A criança, nos primeiros meses da sua vida, deverá ser banhada todos os dias. As horas mais próprias para esta operação são de manhã, ao levantar, e á noite, antes da última refeição. O banho á noite é calmante.

Passado o primeiro mês, o banho terá a temperatura de mais ou menos 35,5 graus.

Revestem especial importância os cuidados a adoptar com os orifícios e as cavidades naturais, pois esses cuidados evitam, na maioria dos casos, as doenças eruptivas, tão vulgares e tão graves nos primeiros anos.

A boca, toda a cavidade bucal, tem de ser cuidadosamente limpa e protegida, desembaraçada das mucosidades existentes no momento do nascimento e nos primeiros dias.

A boca da criança será limpa com uma compressa esterilizada, embebida em água fervida e quente. É necessário que ésta operação seja feita com delicadeza, evitando as feridas ou roturas da mucosa.

As crianças não devem chupar objectos de qualquer natureza, nem tão-pouco os brinquedos. Quando alimentadas a biberão, as próprias mamadeiras de borracha ou plástico serão convenientemente esterilizadas pela fervura.

Convém habituar as crianças a cuidar da boca desde a mais tenra idade. A lavagem bucal evita, assim, a fermentação dos restos de alimentos.

Pode-se afirmar que esta é uma das épocas mais críticas da criança. Existe a tendência, aliás pouco acentuada no nosso País, de lhe ministrar medicamentos destinados a favorecer a saída e o crescimento dos dentes. Ora, estes medicamentos não têm eficácia alguma. Nos casos especiais, o choque vitamínico é suficiente.

Os olhos das crianças necessitam também de ser especialmente vigiados e cuidados. As moscas, todos os insectos que vivem a nosso lado, nas nossas casas e compartilham connosco a vida, poisam de preferência nas pálpebras das crianças e nos cantos internos dos olhos. A solução de boricina e o optrex são óptimos para lavagem e limpeza dos olhos.

Convém igualmente proteger os ouvidos e o nariz. A prática, tão divulgada entre nós, de introduzir leite materno nos ouvidos das crianças é (quase sempre) a causa de afecções de certa importância, além de representar um processo corrente de transmissão de várias doenças.

Quando me referi aos banhos, esqueci-me de apontar a necessidade que o médico assistente tem de conhecer a composição química da água da localidade em que a criança vive.

A análise química da água tem uma grande importância. Se esta é muito rica em sais minerais, o banho pode prejudicar a pele. A água das chuvas, fervida, seria a ideal para o banho, pois é quase isenta de sais nocivos. Não deixa depósito.

Muitas crianças apresentam várias erosões ou lesões da pele, de tom avermelhado, pruriginosas, que lhes provocam uma inquietude especial. Este grupo de doenças de pele evita-se dirigindo cuidadosamente a alimentação da Mãe ou da ama. Refiro-me em especial ás crianças criadas no campo.

O vinho, as bebidas alcoólicas, as comidas condimentadas, usadas para abrir o apetite, a carne de porco, certos peixes são responsáveis por muitas doenças alérgicas.

Outras doenças de pele, tão vulgares nas crianças de tenra idade, são provocadas pelas roupas que vestem. Os restos de substâncias químicas, depositadas nessas roupas, traumatizam a pele fina da criança. Para evitar estas e ainda outras doenças é de boa prática ferver a roupa e secá-la ao Sol.

Muitas vezes uma ferida sem importância, uma simples erosão, constitui a porta de entrada de um agente microbiano que, a distância, pode ocasionar graves transtornos.

A limpeza das unhas é muito importante: não se trata de um luxo: trata-se, sim, de defender as crianças de complicações perfeitamente evitáveis.

O cabelo deve ser-lhes cortado com frequência. É que as grandes cabeleiras impedem a ventilação e a respiração do coiro cabeludo, facilitando ainda a acumulação de pó e de substâncias sujas e prejudiciais.

Estes conselhos não são desnecessários. Vive-se ainda, em certos meios, num primitivismo confrangedor...

A. d'E.

Dr. Luiz Vasconcellos Dias (Filho)

Retomou clínica

Não esquecemos nada?

É verdade!

A

CAFIASPIRINA

que refresca e anima

É um produto garantido pela BAYER

QUATRO NOITES EM

MADRID

Viagem especial em automotora, de 30 DE OUTUBRO a 3 DE NOVEMBRO

e numero limitado de participantes, com visita da cidade (manhã) e viagem a TOLEDO e Aranjuez (um dia) em magnífico «autopullman»

Consulte a organização turística portuguesa (Tel.: 21905 28686

Soc. Turismo Santa Maria, S.A.R.L.

R. AUREA, 292 (esquina do Rossio) — LISBOA

ELE & ELA

A grande atracção

VIDA MUSICAL

Homenagem a uma banda do Montijo

No Pavilhão dos Desportos do Parque Eduardo VII, efectua-se, amanhã, domingo, a partir das 16 horas, uma homenagem, prestada pela Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, á banda, da Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro, do Montijo, segunda classificada no Concurso Mundial de Bandas Civis, na Holanda, e que executará o programa com que obteve aquela honrosa distinção.

Sociedade Musical União do Beato

Amanhã, domingo, ás 17 e 30, começará, na sede da Sociedade Musical União do Beato, na Calçada Duque de Lafões, 22, mais um concerto, que será executado pela banda de Caçadores 5.

Programa de variedades

A Emissora Nacional apresenta hoje, pelas 21 e 45, um programa de variedades, com os pianistas Beatriz de Sousa Santos e Ivo Mayer, os cançonetistas Maria de Lourdes Resende e Jimmy e os conjuntos de Jorge Brandão e «Ritmos e Melodias»; e ás 22 e 45, a Orquestra Típica, com os artistas, Alda Mota, Luís Manuel, Madalena Iglésias e o Sexteto Vocal Masculino.

Festival Sibelius de 1958

A Emissora Nacional transmite amanhã, ás 22 horas, o 9.º programa do Festival Sibelius de 1958, inteiramente preenchido com a Sinfonia «Kullervo» — poema musical para orquestra, solistas e coro masculino, de Jan Sibelius. Esta obra foi executada durante um concerto solene oferecido pelo Conselho de Estado da Finlandia, em honra do rei e da rainha da Dinamarca. O programa é interpretado pela Orquestra da Cidade de Helsinquia, dirigida por Jussi Jalas, com a colaboração dos cantores Liisa Linko e Matti Lehtinen, e do coro masculino «Laulu-Michet».

Grupo coral Santa Cecilia

O Grupo Coral Santa Cecilia, agrupamento artistico de cerca de 50 vozes mistas, leva a efeito, esta noite, uma sessão artistica de musica e poesia, na colónia de férias da F. N. A. T. na Costa da Caparica. Nessa sessão tomam parte aquele grupo coral, que interpretará numeros de musica sacra, polifónica profana e de musica popular portuguesa, sob a direcção do seu ensaiador padre Manuel Alves Louro, professor do Externato Frei Luís de Sousa, e o conhecido poeta e declamador Mariano Calado, que dará um recital de poesia.

Recitais de Arte e Cultural promovidos pela F. N. A. T.

Na próxima quarta-feira pelas 21 e 45, na colónia de férias «Um lugar ao Sol», efectua-se mais um concerto da série que a F. N. A. T. tem vindo a promover. Neste recital tomam parte a cantora Maria Amélia de Abreu e a pianista Leonor Fernandes.

Serão executadas obras de Gluck, Paisiello, Mozart, Schubert, Chopin, Falla, Villa-Lobos, Joaquim Nin, etc.; «negro spirituals» e canções populares portuguesas de Artur Santos, Armando José Fernandes, Claudio Carneyro, etc.

Centro Cultural Infantil

O Centro Cultural Infantil da Fundação Musical dos Amigos das Crianças, retoma as suas actividades no próximo dia 1 de Outubro, começando, também, as novas inscrições.

Conferência em Évora sobre Olivença

EVORA, 27 — (Pelo telefone) — Hoje, ás 21 horas, no salão nobre dos Paços do Concelho, o jornalista eborense José Manuel Queimado fará uma conferência sobre o tema «Olivença á face da História e do Direito».

Sal de Fruta ENO dá boa saúde

todos os dias!

ECONOMIZE! Lembre-se na próxima vez que comprar Sal de Fruta ENO que o frasco grande é mais económico.

Tome sal de fruta ENO, todas as manhãs para manter essa sensação de bem estar.
ENO com as suas propriedades anti-ácidas, estimula o fígado e actua como laxante suave.

SAL DE FRUTA ENO

ENO e SAL de FRUTA são marcas registadas

O cavalheirismo de Donald Campbell

LONDRES, 27 — Depois de tentar ontem bater o seu próprio «record» de velocidade sobre a água, o célebre corredor Donald Campbell mergulhou no lago Coniston para encontrar um anel de noivado pertencente á mulher dum dos seus colaboradores. Comovido pelo desgosto causado a essa senhora pela perda do anel Campbell vestiu uma combinação de «homem-rã» e mergulhou no lago. O lodo, porém, impediu que a joia fosse encontrada. — (F. P.).

DESAFIO CRUEL

a um apreciador de alcool

BUENOS AIRES, 27. — José Cochero, conhecido pela sua afeição á bebida, foi desafiado por um desconhecido para ver quem conseguia ingerir mais genebra.

Os dois contendores reuniram-se num pequeno «bar» dos suburbios de Buenos Aires. Cada um pegou numa garrafa de genebra e bebeu com impressionante rapidez. Como, assim, se encontrassem empatados, por 1-1, decidiram continuar a beber, e foram despejando pela guela várias pequenas medidas com a «explosiva» bebida.

Deu-se então o inevitável: Cochero caiu fulminado pela intoxicação.

Interveio a Policia e chegou-se á conclusão que o vencedor de tão estranho torneio de «genebra» só havia ingerido água. — (ANI).

Quatro companhias de declamação

vão receber subsidios do Fundo de Teatro e anuncia-se para breve a lei sobre a construção de casas de espectáculo

Um despacho do sr. ministro da Presidência acaba de homologar o parecer do Conselho de Teatro sobre subsídios a conceder, pelo Fundo de Teatro, a companhias de declamação, na próxima temporada. Quatro agrupamentos, o que é dirigido por Francisco Ribeiro, o que vai ser orientado pelo dr Gino Saviotti e Giuseppe Bastos, o de António Pedro e o de Manuel Couto Viana foram os escolhidos, baseados em razões que ao Conselho pareceram as mais justas, consentaneas e garantia de acerto.

Antes de tornar publica a sua decisão, o Conselho de Teatro fez um oportuno balanço da orientação até agora seguida e que se iniciou em 1955, sendo o subsídio, a princípio variável e englobando o imposto unico, despesas diárias (encargos de serol) e a renda do teatro. Depois, tentou o critério do subsídio fixo mensal, cuja administração ficava a cargo das próprias empresas que, aliás — recorda o balanço em causa — não cessavam de se queixar da insuficiência dos subsídios. E, assim, na época finda, se passou a um subsídio de tal montante que permitisse uma boa exploração artística, sem sobressaltos administrativos. A falta de fundos, porém, não permitiu que se fosse além do subsídio a uma só companhia.

Isto — acrescenta o Conselho de Teatro — sem prejuizo dos benefícios atribuidos a companhias de teatro experimental, itinerante, e de teatro infantil e juvenil: teatros experimentais do Porto (António Pedro) e de Lisboa (só levou á cena us espectáculo) e ainda as companhias itinerantes de Vasco Morgado, Vasco Santana (pelo Ultramar) Rafael de Oliveira, Teatro Nacional Popular (Francisco Ribeiro), António Manuel Couto Viana e os «Comediantes» de Alves da Costa.

E, a seguir, o Conselho de Teatro confessa que as três épocas de experiências parece não terem sido ainda suficientes para se admitir que se entra agora no caminho decisivo. Considerados certa ausência do publico e o valor dos preços do espectáculo (gratuitos, para alguns sectores da população) conclui aquele parecer que devem ser os estudantes e os trabalhadores aqueles que futuramente merecerão especial tratamento, no que respeita á redução de custo dos bilhetes.

Lamenta-se depois, a impossibilidade, até agora registada, de subsidiar com alguma amplitude, teatro de amadores e lembra-se que compete ao S. N. I. ajudar os «agrupamentos novos», desejosos de criar alguma coisa que fique.

Registe-se, como parte importante do documento em causa, anunciar-se que, por meio de prémios, vão ser dados novos estímulos aos autores nacionais e que o Governo vai brevemente rever a legislação em vigor, no sentido de se facilitar a construção de novas salas de espectáculos, nomeadamente teatros.

Por fim, o parecer do Conselho de Teatro anuncia que o Teatro Nacional Popular (Francisco Ribeiro) para o Trindade, receberá 180 contos mensais; o Teatro de Sempre (Gino Saviotti e Giuseppe Bastos) para o Avenida, 140 contos; o Teatro do Gerifalto (Manuel Couto Viana), á tarde, no Monumental, 50 contos; e o Teatro Experimental do Porto (António Pedro) num teatro declamado fixo, 90 contos.

«O Conselho de Teatro — termina o documento — entende dever tomar, mediante contrato, certas medidas, quer no que respeita aos vários aspectos da exploração, quer no que se refere á realização artística. O repertório incluirá, pelo menos, a percentagem legal de originais portugueses; serão estudados os preços dos bilhetes, reduzidos para certos sectores de publicó, designadamente estudantes e trabalhadores; não se consentirá a permanência em cena de peças que, ao fim da terceira semana, demonstrem um reconhecido fracasso de bilheteira definido, para o efeito, em função de percentagens de frequência e outras razões; limitou-se a três dias, sem desconto de subsídio, o período de paralisação entre a saída de uma peça e a estreia da seguinte; encarar-se-á a possibilidade de utilizar os teatros para outros espectáculos, designadamente infantis e culturais, sem prejuizo do funcionamento normal das companhias».

E, como fecho da sua exposição o Conselho lembra e bem que não se pretende estabelecer soluções definitivas mas, antes, acertar, na medida do possível.

Pode, porém, comentar-se que um princípio moral parece ter informado as resoluções do Conselho, dando trabalho a dois agrupamentos criando artistas e, ainda, ao mesmo tempo, um clima de obrigações — qualidade e renovação de repertório, por exemplo — que não podem deixar de ter-se na conta de progresso moralizador.

De ontem para hoje

VIVER EM PAZ

NEM sempre os homens supremos são os supremos chefes das suas acções E ai temos, como paradigma, esse homem que é o primeiro cidadão da França, expressando, de uma maneira bem simples, o voto do homem comum que passa a ser em França o presidente da Republica, quando termina o seu mandato. René Coty, homem simples, prudente, honrado, de bom tacto e bom senso — e que muitas outras mais virtudes se reclamam de um verdadeiro presidente? — anseia por libertar-se da teia complexa em que a política inquieta do seu país o colheu. E ontem, ao abandonar o pavilhão português no XXIV Salão Náutico Internacional, desabafou, com o seu ar natural, que um dos seus melhores desejos será voltar a Portugal. Guarda do nosso País grata lembrança. Logo que seja «de novo cidadão livre», livremente escolherá o seu destino. Muito para lá de um simples cumprimento diplomático, as palavras de René Coty revelam a tendência do homem cuja síntese se contém na simples frase: viver em paz.

FEIXE DE IMAGENS

O prof. Rocha Nobre, catedrático da Universidade de S. Paulo, foi á Associação da Agricultura falar da situação actual da Economia Agrícola do Brasil. Foram cerca de trinta minutos de convivência com os problemas agrícolas do país amigo, elucidativos, feitos de exposição e crítica desempoeirada que consolou os menos habituados a tal clima e satisfez a todos, pelo grau de justeza revelado.

✱ «O Século» chama hoje a atenção para a ausência de Portugal no Museu do Homem (Paris). Ali estão representados usos e costumes do povo de todo o Mundo. Mas a gente portuguesa tem apenas uma apagada e vil imagem dos belos trajos madeirenses. Na verdade, os campinos, os serranos, os minhotos e os pastores do Alentejo, por que não estão lá como são?

✱ Em Bruxelas (Exposição Universal) estão a decorrer as Jornadas da Cortiça. A excelência da nossa produção (Portugal é no Mundo o primeiro produtor) corre fama a par e passo dos vinhos portugueses, apresentados na Exposição Alimentar de Munique. No pavilhão de Portugal os visitantes são recebidos, á entrada, com um cálice de «Porto».

✱ Uma criança brincou com os fósforos. Arderam os pobres haveres (incluindo as lanchas) de dois pobres pescadores de Benavente, António Ferreira e Alfredo Tocha; em Abrantes, ao tentar salvar uma muar de morrer num palheiro em chamas, nestas pereceu Agostinho Chaleira (34 anos); arderam seis pinhais em Alcanede e no Luso (Angola) a sede do Clube Desportivo Ferrovia.

✱ «Foste tu que me comeste os figos!» O feitor, Armando Pinto (Touça, Freixo de Numão) vendo o pai, o filho e o irmão a descansar á sombra da figueira, acusou e os inocentes negaram. Então, o tiro partiu. E em tal hora que já dali não saiu com vida Luís Pedro Marques (40 anos, casado, cinco filhos menores).

JORNAL PEQUENO

O Chefe do Estado recebeu o governador-geral de Moçambique. No seu livro de cumprimentos, inscreveram-se o capitão-de-fragata José Peixoto Lima, visconde de Riba Tamega e Adão Pacheco Polónia. ✱ O Presidente do Conselho trabalhou com os ministros das Finanças e da Economia e recebeu o sr. Leonard H. Short. ✱ Regressou a Lisboa o capitão Agostinho Lourenço, que participou, em Londres, nos trabalhos da Assembleia Geral da Interpol, de que é presidente. ✱ O Município de Silves vai gastar cerca de 72 contos na construção de casas para pobres. ✱ Por via marítima, seguiu para Cabo Verde o tenente-coronel Galvão de Melo, novo comandante militar daquela província. ✱ Regressaram a Lisboa os cadetes que estiveram em Inglaterra, a retribuir a visita dos cadetes britanicos. ✱ Mil duzentos e cinquenta contos é o valor das comparticipações do Estado para melhoramentos publicos (quase todos abastecimentos de água). ✱ Em Terras de Bouro, ao regressar da feira, vários feirantes engalfinharam-se e dois deles (Joaquim de Sousa e Francisco Labaredas) sairam da refrega com fractura de cranio. ✱ Em Outão, foi esmagado por um «jeep» que pusera a funcionar (não sabia guiar), o soldado José Maria Antunes (Funchaleira). ✱ Regressaram á Grécia os navios de guerra gregos fundeados em Ponta Delgada. ✱ O crítico de arte, sr. Luís Reis Santos, falou no XX Congresso Internacional de História de Arte (Paris) sobre o escultor Jacques Loguin.

SEXO FRACO...

ROMA, 27. — Uma dona de casa de 77 anos, a senhora Francesca Iacoangeli, de aspecto inofensivo apesar de corpulenta, capturou um gatuno que tentava estrangular uma vizinha e, ameaçando-o com a faca da cozinha, entregou-o á Polícia.

«Não foi nada dificil» — conta. — «Coitado! Ele estava tão amedrontado que quase desmaiou!» — (ANI).

Comemorações no Buçaco

A vitória das forças luso-britânicas sobre as tropas napoleónicas

A 27 de Setembro de 1810, o exército francês, comandado pelo marechal Massena, foi esmagado pelas forças luso-inglesas chefiadas pelo duque de Wellington. Esta batalha, onde se manifestam, nítidas, as qualidades militares do cabo de guerra britanico, e a combatividade e heroísmo dos soldados portugueses, foi decisiva para o aniquilamento das pretensões napoleónicas na península. As forças luso-inglesas, estratégicamente dispostas na serra do Buçaco, resistiram aos embates do inimigo e puseram-no em fuga. Celebra-se hoje, ainda uma vez, este feito memorável.

As comemorações principiaram, ontem, ás 21 horas, com repique de sinos e salva de 21 tiros de foguetes.

Esta manhã, ás 6 e 30, um terno de clarins do R. A. L. 2, tocou a alvorada, após o que repicaram os sinos e ergueram-se no ar girandolas de foguetes. Mais tarde, junto ao Obelisco, constituiu-se uma guarda de quatro soldados do R. F. 12, que ali se mantém até ás 18 e 30. Ainda de manhã executou-se uma prova de patrulhas para disputa da «Taça Batalha do Buçaco» e organizou-se uma procissão da Senhora da Vitória. No Largo do Obelisco, com a presença dos bispos de Coimbra e de Aveiro, do comandante da 2.ª Região Militar e adido militar inglês, celebrou-se uma missa campal. O altar estava rodeado por uma guarda de honra e á elevação o terno de clarins executou a marcha da continência.

A guarda de honra trajava segundo a época da batalha.

De tarde, com a presença das individualidades citadas, procedeu-se ao içar das bandeiras portuguesa e inglesa, no mastro de honra pelo oficial e sargento da patrulha vencedora da «Taça Batalhão do Buçaco». Deu-se uma salva de 21 tiros, iniciada por um canhão de 1810. O terno de clarins do R. A. L. 2 executou os hinos inglês e português. Foram depois destribuidos prémios á patrulha vencedora e brochuras sobre a batalha do Buçaco ao melhor soldado e cabo de cada unidade da Região. Por fim, a guarda de honra desfilou em continência ao monumento. No Cine-Teatro do Luso foram projectadas películas portuguesas e inglesas, enquanto que era distribuido um bodo aos pobres nas instalações militares.

De noite, estarão iluminados o Obelisco e os edificios da capela e do museu e a banda do regimento de Infantaria 12 dará um concerto publico.

Comemorações em Braga

BRAGA, 27. — (Pelo telefone). O Regimento de Infantaria 8, comemorou hoje a sua vitoriosa intervenção na batalha do Buçaco, onde, ao lado do regimento inglês, infligiu pesada derrota ás tropas de Napoleão, comandadas por Massena.

A evocação histórica desta batalha, começou com o hasteamento da bandeira, á qual foi prestada continência por uma Companhia com fanfarra. O aspirante Tigre dirigiu aos soldados algumas palavras alusivas ao acto e, por fim, as tropas desfilaram perante o comandante e a oficialidade.

Mercês honoríficas atribuidas a numerosos portugueses e a um estrangeiro

Foram agraciados:

Com a Ordem Militar de Avis: Com o grau de grande-oficial, os brigadeiros Emírcio Teixeira Pinto e António França Borges e os coroneis Luís Falcão Mena e Silva; Armando Patrocínio Guedes; Francisco Freire de Matos; e João Alexandre Caeiro Carrasco; com o grau de comendador o coronel Julio Duarte Costa, os tenentes-coroneis João de Almeida Viana e Eurico dos Prazeres e os majores José Alagoinha, Raul Ribeiro Ramos, Frederico Alcide de Oliveira e Silvino Silvério Marques; com o grau de oficial, os capitães Humberto dos Santos Rocha, Manuel dos Reis Cardoso, Carlos da Costa Gomes Bessa, José Emídio Andrade Pereira da Costa, Carlos Mota de Oliveira, João Sintra Carretas, António José Ramos Jorge, João Melo de Oliveira, António Fernandes da Graça, João Pedro do Carmo Chaves de Carvalho, José Alves de Carvalho Fernandes, Julio Teófilo de Assunção Vila Verde, Joaquim Inácio Pereira Vaz Junior, Jacinto António Frade Junior, Francisco de Sousa Serrão, Manuel José Monteiro, José António Rodrigues, Eduardo Augusto Nunes Garcia, Francisco Pereira Palminha, José Póvoas Janeiro, António Malta Leuschner Fernandes, Emílio Loubet Pinho de Carvalho, João António Barros da Silva Carvalho, António de Oliveira Martins, Ivo Neves Barreto de Paula e José Pereira de Sousa Guimarães; e com o grau de cavaleiro o capitão António Gentil Soares Branco e os tenentes Joaquim António Salgueiro, João Tomás Carrajola, Manuel da Silva Rebelo Junior, António Ricardo Felgueiras, Abel do Nascimento Ferreira, Eduardo Teixeira da Costa e António Contel Martins.

Com o grau de oficial da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada: o sr. Gustav Nylin, de nacionalidade sueca.

Com o grau de oficial da Ordem de Instrução Publica: a reverenda Madre Maria da Glória Arraiano.

Com o grau de cavaleiro da Ordem de Benemerência: o sr. Francisco Henriques da Costa.

O «Africa Ocidental» safou-se hoje

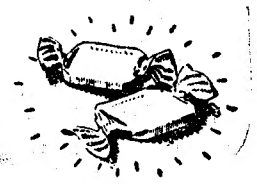
Como noticiámos, o «Africa Ocidental» encalhou, há dias, em frente de Sesimbra. Hoje, por seus próprios meios e com o auxílio do rebocador «Praia Grande», safou-se, depois de aliviado de parte da carga, para bordo de batelões. Verificou-se, depois, que não sofrera qualquer rombo, seguindo imediatamente para Setubal.

ACIDEZ?

As Rennie dão-lhe alívio instantâneo

Ao primeiro sintoma de acidez... Pastilhas *Rennie:* Chupe-as lentamente. Os seus ingredientes chegam ao estômago com todo o seu poder. Restabelecem ràpidamente o equilíbrio ácido, removem a dor, e desconforto. Se não conseguir alívio com *Rennie,* procure o seu médico.

PASTILHAS RENNIE



A venda nas farmácias em pacotes de 100 e 25

MAXIME Dancing

NOVA GERÊNCIA

PARA ADULTOS (Maiores 17 anos)

APRESENTA

A VEDETA DA CANÇÃO:

REGINA ROMA

EM GRANDE SUCESSO

PACO DE LUCIO

Y SU FIESTA BALLET

UM SENSACIONAL ACONTECIMENTO ARTISTICO!

A MAGNÍFICA PARELHA DE BAILE PORTUGUESA Josette y Mario Santiago E, ainda, todo o elenco do «Maxime» com ESTEVÃO E SUA ORQUESTRA

EM BREVE: INAUGURAÇÃO DA ÉPOCA DE INVERNO com duas super-atracções!

2.ª FEIRA no TIVOLI de novo, aos preços normais deste cinema

O GIGANTESCO ESPECTÁCULO DE MICHEL TODD COM

CANTINFLAS * DAVID NIVEN

Robert Newton * Shirley Mc Laine

e 44 VEDETAS DE PRIMEIRA GRANDEZA!

52 PRÉMIOS e, entre eles, 5 ÓSCARS!

A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS

MAIORES DE 12 ANOS)

UM EXCLUSIVO DA SONORO FILME

CALIPSO

PRAÇA DA ALEGRIA, 56

Telef. 34120

ADULTOS Maiores 17 anos

O MAIOR ÊXITO DO MOMENTO

WILBERT BRADLEY DANCERS

TODAS AS NOITES

CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS

«Na rota do Inferno», no São Jorge

Um filme forte, empolgante e arrebatador, «Na rota do Inferno», descreve a luta de dois motoristas de gigantescos camiões. Realizado por Baker Endfield, interpretado por Stanley Baker e Patrick Megoohan, o filme é dos mais notáveis desta época.

HOJE, às 22 h. e às 23 horas, a preços reduzidos

SOM E LUZ no Claustro do Mosteiro dos Jerónimos

«NOITE DO TEJO»

(Maiores de 12 anos — Sábados maiores de 6 anos)

Teatros e Cinemas

«Por causa delas...», no Maria Vitória

Imagens da revista «Por causa delas...», por Fernando Bento

Precisamente na altura em que o teatro ligeiro português, desempregando artistas e arruinando empresários, parecia comercialmente aniquilado, o dinamico Eugénio Salvador descobriu o segredo do êxito — a continuidade. Foi isto há uma meia duzia de anos e, de então para cá, o simpático actor-empresário tem mantido de pé, nos vários palcos de Lisboa, o seu «ovo de Colombo», arrecadando receitas suficientes para se manter afastado dos perigos iminetes da falência que rodeiam de perto este género de negócio.

Eugénio Salvador foi futebolista — e dos bons, dos do Benfica. Deve pois ter ido buscar ao futebol, o mais rendoso espectáculo da actualidade, a lição de que se tem servido. Reuniu á sua volta um grupo de profissionais valorosos, formou uma equipa, treinou-a, gizou esquemas de jogo, apurou a forma de uns tantos, no sentido de ajudar as naturais «performances» dos ases, e... pôs tudo em jogo. Ontem, após um curto «defeso», a equipa de Salvador voltou a exibir-se, num dos seus «estádios» preferidos — o palco do Maria Vitória, cujas reduzidas dimensões são já bem conhecidas de todos. A exibição não desiludiu a expectativa dos espectadores, principalmente da «torcida» que sempre tem acarinhado o grupo, o qual ainda não tem sócios, pela simples razão de não existir em regime de colectividade.

Sem grandes luxos, que aliás não estariam de forma alguma indicados, «Por causa delas...» é um espectáculo digno, onde sobressaém a engenhosa montagem e o bom gosto da apresentação, graças ás maquetas de Pinto de Campos, Má-

(Continua na 13.ª página)

RITZ CLUB

Adultos — Maiores de 17 anos

MÚSICA DE BAILE POR VILAÇA E SUA ORQUESTRA

NO SALÃO TÍPICO: NOTÁVEL SERVIÇO DE CEIAS COM FADOS E GUITARRADAS

UMA VERDADE QUE NINGUÉM DESMENTE: SEMPRE CASAS A' CUNHO! HOJE

UM ÊXITO SENSACIONAL COMO NÃO HÁ MEMÓRIA!

ADORACION y JOSE' LUIZ

A PARELHA DE BAILE DE QUE TODA A GENTE FALA!

HERMANOS SACROMONTE E, AINDA TODO O GRANDE ELENCO DE OURO DESTE «DANCING»

AMANHÃ: REAPARIÇÃO DAS QUERIDAS VEDETAS

CHIQUI RODRI E TONI RODRI

MUITO BREVE: 6 GRANDES ESTREIAS

● TEATRO ●

MONUMENTAL

EMP. LAURA ALVES — T. 55133

ADULTOS M/17 ANOS

HOJE, ás 21,45 horas

13.ª SEMANA TRIUNFAL

Laura Alves

NO SEU MAIOR EXITO

A Rainha do Ferro-Velho

Assis Pacheco

MARIA HELENA-ARTUR SEMEDO

Concurso qual a razão do êxito da peça A RAINHA DO FERRO-VELHO

1.º prémio — 1.000$00 Alfredo M. Faria Trav. do Rebelo — Cartaxo

2.º prémio — 500$00 Carlos José Grizi Av. Def. de Chaves, 14-1.º Lisboa

3.º prémio — 300$00 Pedro M. da Silva Gonçalves Av. Def. Chaves, 37 — Lisboa

Amanhã, esp. á tarde ás 16 h.

SUSPENSAS as entradas de favor

MARIA VITÓRIA

Emp.ª E. Salvador e R. Martins, Ld.ª

SALVADOR

MAIS UM TRIUNFO de SALVADOR

E DE TODOS OS SEUS COLABORADORES, AUTORES, INTÉRPRETES, CENÓGRAFOS, FIGURINISTAS; TODA UMA EQUIPA PERFEITA A COLABORAR NUMA PERFEITA REVISTA

POR CAUSA DELAS...

Um êxito como não há memória!

2 SESSÕES — ÀS 20.30 E 22.45 (PARA ADULTOS — MAIORES DE 17 ANOS)

AMANHÃ ESPECTÁCULO À TARDE ÀS 16 HORAS

Pavilhão dos Desportos

Amanhã, ás 16 horas, a Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio apresenta ao publico de Lisboa, a

Banda do Montijo

(S. F. 1.º de Dezembro)

que executará, num memorável concerto, o mesmo reportório que a classificou em 2.º lugar no CONCURSO MUNDIAL DE BANDAS CIVIS, realizado na Holanda.

ENTRADA LIVRE

ABC

ADULTOS
Maiores 17 anos

E. Teatral ABC
Tel. 36578

JOSE' MIGUEL APRESENTA

HOJE
ás 20.45 e 23 h.

Aida Baptista

UM GRANDIOSO ÊXITO de gargalhada

VIRA O DISCO

UM GRANDE ELENCO E LINDAS RAPARIGAS

Amanhã espectáculo ás 16 horas

A PARAMOUNT APRESENTA A PRODUÇÃO DE CECIL B DEMILLE

OS DEZ MANDAMENTOS

CHARLTON HESTON · YUL BRYNNER · ANNE BAXTER
EDWARD G. ROBINSON · YVONNE DE CARLO · DEBRA PAGET · JOHN DEREK

TECHNICOLOR® VISTAVISION®

O MAIOR ACONTECIMENTO NA HISTÓRIA DO CINEMA

MAIORES DE 12 ANOS — A partir de 1 Outubro em exclusivo no IMPERIO

SOLAR DA HERMINIA

Largo Trindade Coelho—Tel. 26164

BANQUETES
Jantares e Ceias
Fados e Guitarradas
com
HERMINIA SILVA
e o seu elenco privativo
(Maiores de 17 anos)

Leiam o «SEMPRE FIXE»

Passaroga

O «DANCING» DA MODA APRESENTA

UM ELENCO EM TRIUNFO SENSACIONAL!

EM ARTE — BELEZA — FANTASIA

BALLET MILOS RISTIC

Um conjunto de rara e fascinante harmonia plástica

HOJE — EM REAPARIÇÃO

BALLET ROSALIN ROY

A NOTAVEL BAILARINA **VICTORIA PASTUK**

Permanente musica de baile por **SERGIO E SUA ORQUESTRA**

TELEF. 23584
AV. LIBERDADE, 137
(ADULTOS M. DE 17 ANOS)

CAVALHEIRO

V. Ex.ª encontra: Doçaria caseira, Café de Timor em balão — Inconfundivel —

UMA PEGA 6$50 no

BAR RIBATEJO — Praça do Areeiro, 11-D.

LU

Tel. 32889

T. da Queimada, 8-A (Adultos — 17 anos) HOJE (até de madrugada). Fados e Canções, por **Alice Magina** — **Joaquim Silveirinha** — Odete Rosa — Manuel Hilário — Florinda Maria e o campeão da alegria **Manuel Bogalho**. Acompanhamentos por António Couto e José Inácio. **AMANHÃ — 1.ª Grandiosa «Matinée» da «Nova Época».**

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

IMPÉRIO

A obra-prima de FREDERICO FELLINI com a genial

GIULIETTA MASINA

AS NOITES DE CABIRIA

entra hoje em 6.ª e ÚLTIMA SEMANA

A PREÇOS NORMAIS

(ADULTOS — MAIORES DE 17 ANOS)

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ — TEL. 27173
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos) Uma história onde o amor e o perigo alternam a cada passo
HOMENS E TUBARÕES
em cinemascope com **Dan Dailey** e **Claire Kelly**

EDEN — TEL. 20768
15.30 - 18.30 e 21.30 O filme excepcional em «Eastmancolor»
GÉNIO E LOUCURA
com **Vittorio Gassman** e **Eleanora Rossi Drago** e **Ana Maria Ferrero**
Um problema amoroso que todas as mulheres compreenderão.
Adultos — Maiores de 17 anos

CONDES — TEL. 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos) 2.ª SEMANA
Os sentimentos e sonhos de uma despreocupada juventude
JOVENS MARIDOS
com **Sylva Koscina** e **António Citariello**

ALVALADE — Telefone 763086
15.45 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
Um filme de suspense! Amor! e aventura em cinemascope
HOMENS E TUBARÕES
com **Dan Dailey** e **Claire Kelly**

AVIS — Telefone 37163
15.30 e 18.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos) O mais belo romance musical
A RAPARIGA DAS VIOLETAS
com **Raf Vallone** e **Ana Mariscal**

TERRASSE — TEL. 20917
A's 21 (M/17 anos) Cinemascope
O VESTIDO ESFARRAPADO
Isto é Paris

TIVOLI — TEL. 50595
A's 3 h. e 6,15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos) 2.ª SEMANA
ORSON WELLES, Paul Newman e **Joanne Woodward** no violento e inesquecível filme em Cinemascope
PAIXÕES QUE ESCALDAM
Amanhã ás 11 h., S. Clas. «Anastásia» (M/12 anos)

POLITEAMA — TEL. 26305
15.15 - 18.15 - 21.30
2.ª semana de êxito sensacional com o extraordinário filme de acção violenta
O HOMEM QUE NÃO QUERIA MATAR
com **Don Murray** e **Diana Varsi**
Cinemascope — (Adultos—M. 17 anos)

ROMA — Telefone 727778
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos) o filme que excede em encanto e ternura **O ULTIMO COUPLET**
A RAPARIGA DAS VIOLETAS
com **Raf Vallone** e **Ana Mariscal**

CAPITOLIO — TEL. 27493
21.15 (M/17 anos)
ALFAIATE... DE SENHORAS
Dino
No Terraço — (M/17 anos)
VIDAS SEM RUMO

ESPLANADA PORTUGALIA — Telefone 56145
21,30 (M/17 anos) Technicolor
SOB O SIGNO DO MAL
Belezas em «scooter»

CINEMA IDEAL — Telefone 24194
A's 21 horas Cinemascope
OS CAVALEIROS DE CARLOS MAGNO
O bandido da Cova do Lobo
(M/12 anos)

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)
A HORA ZERO
com **Dana Andrews**

IMPÉRIO — Tel. 55134-5
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos) 5. semana da gloriosa obra de Fellini c/ **Giuleta Masina** e **François Perier**
AS NOITES DE CABIRIA
A preços normais

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
A luta já não é entre os homens... E' entre camiões de 10 toneladas
NA ROTA DO INFERNO
Stanley Baker — Herbert Lom
Vistavision — Ar refrigerado

MONUMENTAL — TEL. 55131
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/12 anos) Technicolor
As ilusões, os amores e os dramas no mundo do TEATRO
LAGRIMAS DA RIBALTA
com **Henry Fonda** e **Susan Stresberg**

ODEON — Telefone 26283
15,15, 18,15 - 21,30 (M/12 anos)
Um filme adorável que o publico jamais esquecerá
A RAINHA DO CUPLÉ
com a formosa vedeta **Lilian de Célis**

LUZ — TEL. 48560
A's 21 (M/17 anos) Eastmancolor
O ULTIMO COUPLET
Amor de violência

PAVILHÃO PORTUGUÊS (Parque Mayer) Tel. 566783
21.15 (M/17 anos) Cinemascope col.
HOMENS VIOLENTOS
Chuva

RESTELO — Telefone 610375
21.15 (M/17 anos) Cinemascope
TEMPESTADE SOBRE BERLIM
(Fraulein)
com **Dana Wynter**

TOIROS

NO MONTIJO

Amanhã, às 16,50
(Quatro horas e cinquenta minutos da tarde)

Sensacionalíssimo Festival em favor da Santa Casa da Misericórdia
em que se lidarão 8 bravos novilhos-toiros dos Ex.mos Srs. Pinto Barreiros, Irmãos Oliveira, Samuel Lupi dos Santos Jorge, António Durão e José Pedrosa

Tomam parte neste extraordinário Festival o saudoso e inolvidável ídolo de Portugal, Espanha e México

MANUEL DOS SANTOS

O finíssimo toureiro de puro estilo andaluz

Chico Mendes

O valente e pundonoroso matador de toiros

António dos Santos

E o extraordinário e fino novilheiro mexicano

Manolo Navarrete

Toureiam a cavalo os distintos e já consagrados cavaleiros amadores Ex.mos Srs.

Eng.º José Samuel Lupi, José Maldonado Cortes e Alfredo Conde

e pegarão os toiros de lide á portuguesa os brilhantes **FORCADOS AMADORES DE MONTEMOR-O-NOVO, DE QUE É CABO O EX.mo SR. JOAQUIM CAPOULAS**

Sombra a 40$00, sombra-sol desde 30$00, bancada de sol desde 15$00!

UM VAPOR ESPECIAL PARA A CORRIDA PARTE DO CAIS DA RIBEIRA, A'S 15 HORAS E REGRESSARÁ A LISBOA A'S 20.30

Bilhetes em Lisboa na ABEP Praça dos Restauradores, telefone 28823 e no Montijo pelo telefone 030235

Maiores de 6 anos

DESPORTOS

HÓQUEI EM PATINS

A vitória da Mundet sobre o Cascais

pôs o Sporting em riscos de baixar de Divisão

A vitória (3-1) da Mundet sobre o Cascais, além de inesperada, teve extraordinária repercussão na tabela classificativa, pois permite pensar-se que o Sporting baixará de divisão e o Parede terá de disputar os jogos de passagem.

Há, porém ainda uma esperança para os «leões» — que o Futebol Benfica e a Mundet vençam (ou empatem) o jogo que têm de disputar contra o Campo de Ourique. Se suceder assim, o Parede será o ultimo e o Sporting penultimo.

Como o primeiro lugar está por definir, pois há duas equipas ainda com probabilidades de o conquistar, as ultimas partidas do campeonato terão aspectos verdadeiramente dramáticos. E o mais curioso é que nem o Sporting nem o Parede têm agora, qualquer influência no seu futuro... Este está nas mãos de três estranhos — F. Benfica, Mundet, e Campo de Ourique.

Na partida de ontem, entre o Benfica e o Parede ambas as equipas actuaram mal. Os «encarnados» não tiveram em Urgeiro o médio necessário para coligar a defesa com o ataque. Por esse motivo os dois sectores actuaram desligados, como se formassem duas equipas.

Por seu turno, o Parede, além de não conseguir praticar hóquei de boa qualidade não teve (mais uma vez) a fortuna pelo seu lado, porquanto Sousa, em noite menos certa (a mossa no nariz derivada de forte bolada sofrida na primeira parte do desafio deve ter contribuido para isso), facilitou a vida do binário benfiquista, que logrou maior poder ofensivo quando formado por Perdigão-Lisboa, do que quando formado por Perdigão-Mário Lopes.

Está, porém, certo o triunfo (7-3) alcançado pelos campeões, que, deste modo, devem conseguir classificar-se, definitivamente, em quarto lugar.

Alinharam e marcaram:

BENFICA — Ferreira, Vitor Rocha, Urgeiro (1), Mário Lopes (2), Perdigão (4) e José Lisboa.

PAREDE — Sousa, Costeira, Arnaldo, Pinto (3) e Honório.

JOSE' GRAIS

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
Sintra	17	14	1	2	109-55	46
P. Arcos ...	17	14	1	2	89-39	46
Cascais	17	10	3	4	60-42	40
Benfica	17	10	2	5	82-53	39
Oeiras	18	7	1	10	57-75	33
C. Ourique ..	14	8	—	6	53-43	30
Parede	18	4	1	13	51-76	27
Sporting ...	18	4	1	13	47-85	27
F. Benfica ..	17	2	5	10	39-71	26
Mundet	17	4	1	12	45-93	26

Roger Becker, o categorizado jogador inglês que hoje defronta o cubano Garrido, numa das meias finais dos campeonatos internacionais de Portugal

TÉNIS EM CASCAIS

Grande expectativa

pelas finais de amanhã

Os campeonatos internacionais de Portugal, que, desde quarta-feira, estão a decorrer com o maior interesse, nos «courts» do Sporting C. de Cascais, sob uma modelar organização da Federação Portuguesa de Lawn-Tennis, a quê deram o seu patrocínio a Junta de Turismo da Costa do Sol e a Sociedade Estoril Sol, vão ter amanhã o seu epílogo, com uma jornada que se reveste do maior interesse, pois inclui as finais de singulares-homens e pares-mistos. As provas de singulares-senhoras de pares-homens estão a decorrer á hora do nosso jornal começar a circular.

Não se sabe, no momento em que escrevemos, quais serão os jogadores que amanhã disputarão o derradeiro encontro, ainda que se conheça que os finalistas sairão do quarteto Reinaldo Garrido (cubano), Roger Becker (inglês), Patricio Rodriguez (chileno) e Tony Pickard (inglês). O que é certo é que qualquer deles tem valor de sobra para valorizar o encontro de amanhã á tarde, e tornar memorável a reunião, para a qual o aristocrático clube da Parada veste as suas melhores galas.

No aspecto desportivo e de mundanismo a jornada de amanhã honrará as tradições do mais importante certame do nosso ténis.

Daniel Achondo-Ana Maria Estalella e Roger Becker-Pat Ward são os finalistas da prova de mistos, que completa o programa da melhor maneira.

CICLISMO

1.º Circuito da Baratã para amadores

Amanhã, ás 14 e 30, numerosos ciclistas partirão da Baratã, para disputar o 1.º Circuito para amadores, num percurso de 90 quilómetros, incluindo passagens em Algueirão, Granja, Lourel, Sintra, Chão de Meninos, Ranholas, Pero Pinheiro, Sabugo, Telhal, Carregueira, Belas, Venda Seca e Tala, e com chegada á Baratã. Além de 10 prémios individuais, serão disputadas três taças, por equipas.

TIRO

A equipa da Polícia de Lisboa conquistou a taça «Defesa Nacional»

Terminou a prova de tiro de guerra que há anos vem sendo organizada pela Sociedade de Tiro n.º 5, da Associação Naval 1.º de Maio, da Figueira da Foz. Pela segunda vez, a equipa da Polícia de Segurança Publica, de Lisboa, triunfou, com 676 pontos, pelo que conquistou a taça «Defesa Nacional». Nos lugares imediatos, classificaram-se: 2.º Guarda Nacional Republicana, de Lisboa, 614 pontos; 3.º, P. S. P., do Porto, 611; 4.º, Sporting Clube de Portugal, 610; 5.º, Sociedade de Tiro, de Viana do Castelo; 6.º, Associação Naval 1.º de Maio, da Figueira; 7.º, Batalhão de Metralhadoras 2, da Figueira; e 8.º, Sociedade de Tiro do Porto.

PELOS CLUBES

Ateneu Comercial de Lisboa

Na secretaria do Ateneu estão abertas as matrículas para todas as classes de educação física e desporto. A abertura das aulas está marcada para 15 de Outubro e do corpo docente fazem parte, como habitualmente, alguns dos nomes de mais prestígio na educação física nacional.

Várias provas de amanhã

AUTOMOBILISMO — O Grupo Desportivo da Azambuja promove, amanhã, ás 14 horas, no campo do Ribeiro, naquela vila, uma gincana de automóveis, a contar para o 1.º «Critério de gincanas de automóveis». Há o maior entusiasmo por este certame, para o qual foram instituídas muitas e valiosas taças, além de vários objectos para as senhoras.

—O Trofeu Turístico Clube «Shell», com cerca de 100 concorrentes, tem amanhã, na Figueira da Foz, a sua conclusão com a realização da «Prova de Perícia», ás 9 horas, frente ao grande Hotel da Figueira, seguindo-se o almoço de confraternização para distribuição dos prémios — muitos e valiosos.

CICLISMO — O 4.º «Circuito de Grandola», reune amanhã os melhores corredores independentes dos principais clubes que se dedicam á modalidade, dispostos a travarem luta entusiástica, ao longo das 40 voltas, num total de 100 quilómetros. A prova principiará ás 15 horas.

—Amanhã, ás 14.30 horas, começará a disputar-se, na Baratã, o 1.º «Circuito», para amadores, com um itinerário no total de 90 quilómetros, incluindo a passagem pelas seguintes localidades: Algueirão, Granja, Lourel, Sintra, Chão de Meninos, Ranholas, Mem Martins, Pero Pinheiro, Sabugo, Telhal, Carregueira, Belas, Venda Seca, Tala e Baratã.

HANDEBOL DE 7 — Disputam-se amanhã os ultimos encontros do 4.º Campeonato Nacional de Handebol de 7, em juniores e seniores.

Os encontros de juniores realizam-se no Porto (Constituição), com o seguinte programa: Universitário do Porto-Benfica, ás 15 h. e F. C. Porto-C. Ourique, ás 16 h.

Os encontros de seniores jogam-se em Lisboa (Campo de Ourique), do seguinte modo: Belenenses-Salgueiros, ás 14 h.; Sporting-F. C. Porto, ás 15.30 h.

HOQUEI EM PATINS — No «rink» de Benfica disputa-se amanhã um encontro de muito interesse do campeonato regional de hóquei em patins da 1.ª Divisão, defrontando-se o Sintra e o Benfica, ás 17 horas em reservas, e ás 18 horas, em categorias de honra.

MOTOCICLISMO — O Moto Clube de Lisboa retoma amanhã as suas actividades, fazendo disputar o «Rallye» a Alenquer — uma prova de regularidade, em estrada, na distancia de 75 quilómetros, seguida de uma prova de perícia, logo a seguir á chegada dos concorrentes áquela vila.

NATAÇÃO — Sob a organização da Federação Portuguesa de Natação, disputa-se amanhã, no canal do A'feite, ás 16 horas uma prova denominada «III Meia Milha da Federação», que está a suscitar o maior interesse.

—Na sua piscina de S. Bento, o Nacional de Natação, realiza amanhã, ás 10 horas, um festival para apresentação das escolas de natação da presente época.

VELA — Em frente de S. José de Ribamar e sob a organização do Clube Naval de Lisboa, disputa-se amanhã, ás 12 horas, a 5.ª e ultima regata do campeonato nacional de vougas, com o percurso no triangulo Algés-Trafaria-Caxias.

—Ao largo de Algés, disputa-se amanhã, a ultima regata do torneio anual de lusitos da M. P., que reune velejadores de Lisboa, Tavira, Olhão, Faro, Lagos, Portimão, Setubal, Porto e Murtosa.

VOLEIBOL — No campo da Parede disputa-se amanhã, ás 10 horas, o encontro da 2.ª «mão» dos jogos de passagem da 2.ª para a 1.ª Divisão do Campeonato de Lisboa. São adversários os grupos do Nacional de Ginástica e do Académico.

HOJE, À NOITE

ATLETISMO — Reunião internacional, ás 21 e 45 horas, no Estádio Alvalade, entre o Sporting e a selecção da Corunha.

HANDEBOL — Campeonatos Nacionais, na variante de sete: Sporting-Salgueiros e Belenenses-F. C. Porto, seniores, em Campo de Ourique, ás 21 e 30 e 22 e 45. Na Constituição, ás mesmas horas: Universitário-Campo de Ourique e F. C. Porto-Benfica, juniores.

Diplomados antigos e recentes e alunos do I. N. E. F. seguem, com o maior interesse e em ambiente muito favorável, uma das proveitosas lições do curso de revisão de conhecimento

Os cursos do I. N. E. F.

que hoje atingem o seu termo constituiram uma magnífica realização

Com a acumulação de vários actos, incluindo reuniões desportivas de camaradagem, distribuição de diplomas e jantar de confraternização, termina hoje o ciclo de cursos práticos de férias organizados pelo Instituto Nacional de Educação Física, decorrido com inteiro aproveitamento.

Os dois ultimos estágios que hoje cessam, são os reservados a treinadores e técnicos de basquetebol, dirigidos pelo famoso seleccionador francês Robert Busnel, e a professores e alunos daquele instituto para revisão de conhecimentos de educação física. Este ultimo curso, necessário e utilíssimo, reuniu cerca de setenta participantes, incluindo quase quatro dezenas de senhoras.

As matérias revistas foram: ginástica prática, ginástica pré-desportiva, ginástica correctiva, ginástica pré e após-natal, pedagogia da educação física, doutrina da educação física, material didáctico e bibliográfico de educação física, medicina desportiva, massagem, andebol, atletismo, basquetebol, voleibol, badminton, futebol de salão e danças. À margem do curso, e fora do «contrôle» do I. N. E. F., foram realizadas várias reuniões para discussão de assuntos profissionais, as quais resultaram também de muito interesse para a causa dos professores portugueses de educação física, há tanto tempo ambicionando pela posição a que têm direito. É digna de louvor a inclusão, pela primeira vez no Instituto, da ginástica pré-desportiva.

Além do director, dr. Andersen Leitão, e do subdirector, prof. José Esteves, daquele estabelecimento de ensino superior, constituiram o corpo docente do curso os professores D. Ingrid Figueiredo, D. Octávia Andrea, D. Guida de Freitas, D. Maria Mercês Mesquita Guimarães, D. Lavínia Pais, D. Maria de Lourdes Gancho, Pedro Nolasco, Moniz Pereira, Robalo Gouveia, Noronha Feio, Mário Lemos, Pedro Enes Ferreira, Carlos Costa Pereira e Eugénio Carvalheira. E' curioso o facto de apenas dois ou três professores pertencerem ao quadro docente do Instituto.

Durante o breve tempo do estágio, imperou um ambiente magnífico para profícuo trabalho, entusiástico, cordial e disciplinado. E' pois, de esperar que esta magnífica realização do I. N. E. F. traga benéficas influências ao panorama nacional.

Apesar do seu pouco tempo de permanência no nosso País, o famoso técnico francês de basquetebol, Robert Busnel — considerado o melhor da Europa — deixou valiosa escola, no curso que regeu no I. N. E. F. Ei-lo, com jovial ardor, vencendo a oposição do hábil basquetebolista, prof. João Coutinho

FUTEBOL

A posse dos dirigentes da Associação de Lisboa

Os corpos gerentes da A. F. L., eleitos para a época de 1958-59, são empossados no dia 30, pelas 21,30 horas, na sede do referido organismo.

A transferência do jogador Campos para o Olhanense

Está causando geral emoção, nos meios desportivos algarvios, o conflito suscitado pela Cuf a propósito da transferência do jogador Campos, que foi esta semana suspenso pela F. P. F.. A direcção do Olhanense, clube que Campos representou nos jogos do Nacional da 2.ª Divisão, acatou disciplinarmente a decisão da D. G. D., que a Federação lhe transmitiu, mas simultaneamente manifesta profunda estranheza em face da resolução tomada e das circunstancias, agora alegadas, que se filiavam com o pedido da transferência. Segundo declarações do presidente da direcção do Olhanense, sr. Lourenço Mendonça, o clube algarvio desconhecia a doutrina invocada pela Cuf e que fundamentou a suspensão ordenada. Aliás, a própria D. G. D., de posse dos elementos indispensáveis, não hesitou em deferir a transferência.

Em Olhão, espera-se que esta estranha questão seja resolvida o mais depressa possível.

Athos pediu a demissão

O jogador Athos apresentou ontem o pedido de demissão á direcção do Lusitano. Segundo se julga, o médio eborense tenciona representar um clube corporativo ou ir para Luanda.

Está a disputar-se

o Troféu Shell

A partir das 13 horas e 19 minutos, com partidas de Lisboa, Porto, Coimbra, Castelo Branco, Santarém e Figueira da Foz, começou hoje a disputar-se a prova de automobilismo «III Troféu Turístico do Clube Shell», que tem a colaboração técnica do «Arte e Sport» e o patrocínio do S. N. I., F. N. A. T. e A. C. P.

De Pontão para a Figueira da Foz, 163 quilómetros, os concorrentes cobrirão um percurso comum, com «contrôles» horários todos conhecidos. As provas complementares serão realizadas na Avenida Oliveira Salazar, na Figueira da Foz, efectuando-se as de aceleração, travagem e lançamento ainda hoje. A prova de perícia realiza-se amanhã, ás 9 horas, no mesmo local.

DESPORTOS

Nacional da 1.ª Divisão

Os clubes da Província em foco

F. C. Porto e Sporting travam o jogo mais importante, enquanto a Bracarenses e a Sadinos se não deparam grandes dificuldades

Parece ser cada vez mais difícil aventar uma série de vaticínios sobre os jogos da I Divisão, visto que nas duas primeiras jornadas o somatório das surpresas superou a capacidade dedutiva mais cautelosa. Estamos em crer que amanhã continuaremos a viver sob o mesmo signo da incerteza, afinal, um motivo forte para conferir a este campeonato um interesse particular. É que a aparente ligeira alteração no regulamento da prova, conforme já aqui acentuámos, provocou um extraordinário adensamento de precauções. Todos receiam ficar classificados para além do 10.º lugar...

A terceira jornada (com início ás 16 horas, excepto, em Braga, cujo começo é ás 15 horas) engloba os seguintes encontros:

Vitória de Setubal-Lusitano
F. C. Porto-Sporting
Sporting de Braga-C. U. F.
Barreirense- V. Guimarães
Belenenses-Caldas
Benfica-Académica
Torriense-Spt. da Covilhã

Os quatro melhores classificados actuam nos seus ambientes. Do grupo, dos seis com dois pontos, apenas dois são visitados: Belenenses e Torriense. Este apontamento, verdadeiramente singelo, revela, porém, uma importancia capital, susceptível até de fornecer indicações de certo modo elucidativas, porquanto nos 14 jogos, já disputados, registaram-se, unicamente, três vitórias fora de casa...

A marcha da jornada n. 3 sugere o seguinte: tranquilidade para os Setubalenses, Bracarenses e Portuenses; cuidados para os benfiquistas e Barreirenses; e duvidas para os Torresãos. Os Belenenses podem enfileirar no rol dos primeiros apontados, embora se recorde a vitória do Caldas, no Restelo, na época transacta, quando ninguém nela acreditava...

●

A Província está em foco. Esta é a grande sensação do campeonato. O Sporting de Braga, em 1.º, o F. C. Porto e Vitória de Setubal, ambos no 2.º lugar, por sinal um trio em forma, parecem fadados para o êxito, apesar da tarefa dos «Portistas» se afigure mais trabalhosa, porque o seu adversário é o campeão nacional, que não cede fácilmente.

O engodo pela baliza que os avançados bracarenses e sadinos estão a denunciar (em dois jogos, 9 e 7 golos, respectivamente) representa uma credencial valiosa — um diploma de sapiência. Contra ele, Eborenses e Cufistas oporão, como é óbvio, um decidido espírito de luta... que ás vezes é suficiente para a conquista de um ponto, pelo menos.

Nas Antas, realiza-se o grande embate da rodada, um jogo de pergaminhos no historial do nosso futebol, qualquer que seja a fórma dos contendores. O F. C. Porto já demonstrou a sua hegemonia, ao passo que o Sporting se debate para fixar um «onze» titular. Estes dois aspectos, porventura, levam a confiar-se mais nos Nortenhos que nos Lisboetas. Mas se estes dispuserem de avançados rematadores e movimentados, então a tarefa do adversário será trabalhosa. Em contrapartida, o Porto, possuidor de um substracto especial, tem os trunfos na mão. Vaticinemos: empate ou vitória dos «Portistas», esta mais admissível.

●

No Estádio da Luz, os Lisboetas têm um jogo de encher as medidas se, na realidade, Benfiquistas e Estudantes se aprestarem a um embate viril, de boa técnica — e nada mais. Aos «encarnados» faltará maior decisão no capítulo do remate, já que os lances até cerca da grande área se desbobinam com relativa facilidade — de sugestão prática. A actual Académica não é semelhante á da época passada, mas a sua tenacidade e inspiração são atributos a ter na devida conta — um aviso bem explícito. O favoritismo, no entanto, pertence aos visitados.

Os Vimaranenses, com os seus Brasileiros — homens que sabem do ofício — visitam o Barreiro. As características do rectangulo são familiares aos Minhotos, pelo que o grupo de Faia terá de usar de todas as cautelas para não desperdiçar a vantagem de actuar em sua casa. Vaticínio: vitória dos locais, mas difícil...

●

O Belenenses recebe o Caldas, no Estádio do Restelo. Os «azuis» não esqueceram decerto o desaire do passado domingo, em Guimarães e assim é de esperar que o «onze» se aplique com o empenho indispensável para evitar da parte dos Caldenses entusiasmos perigosos.

Afigura-se, no entanto, que o jogo reune condições para interessar os espectadores. A sociedade Yauca e Matateu pode vir a ser a nota de maior relevo, desde que a defesa visitante esteja pelos ajustes...

O Sporting da Covilhã vai de abalada a Torres Vedras. A forma dos Torresãos não se definiu nos justos contornos, mas no ambiente afecto, os visitantes experimentarão sérias dificuldades. A hipótese do empate admite-se, dado que os Serranos atravessam uma fase de bom equilibrio.

●

Os 14 clubes devem apresentar-se com as seguintes formações:

Vitória de Setubal — *Libanio; Soares e Manuel Joaquim; Polido, Vaz e Casaca; Inácio, Jacinto, Miguel, Fernandes e Serra.* Lusitano — *Vital; Teotónio e Paixão; Garcia, Falé e Vicente; Fialho, Flora, Caraça, Marciano ou Batalha e José Pedro.*

F. C. Porto — *Pinho; Virgilio e Barbosa; Luís Roberto, Arcanjo e Monteiro da Costa; Carlos Duarte, Gastão, Osvaldo, Teixeira e Hernani.* Sporting — *Octávio de Sá; Caldeira e Pacheco; Mendes, Galaz e Osvaldinho; Hugo, Vasques, Ivson, Diego e Morais.*

Sporting de Braga — *Cesário; Armando e Calheiros; José Maria 1.º, Passos e Pinto Vieira; Rafael, Ferreirinha, Teixeira, Mendonça e José Maria 2.º.* C. U. F. — *Gama; José Luís e Vale; Orlando, Palma e Carlos Alberto; Rodrigues, Oliveira, Arsénio, Quaresma e Uria.*

Barreirense — *Bráulio; Faneca e Rodrigues; Nogueira, Silvino e Pinto; Oñoro, Faia, José Augusto, Correia e Vasques.* Vitória de Guimarães — *Sebastião; Daniel e Abel; João da Costa, Silveira e Vaz; Bártolo, Edmir, Ernesto, Carlos Alberto e Rola.*

Belenenses — *José Pereira; Pires e Carlos Silva; Moreira, Figueiredo e Vicente; Abdul, Mendes, Yauca, Matateu e Martinho.* Caldas — *Vitor; Amaro e Anacleto; Dantas, Saraiva e Orlando; João, António Pedro, Mateus, Romeu e Rogério.*

Benfica — *Costa Pereira; Ferreira e Zézinho; Caiado, Artur e Alfredo; Cavém, Coluna, Águas, Salvador e Mendes.* Académica — *Arménio; Marta e Araujo; Malicia, dr. Torres e Wilson; Évora, Gil ou Miranda, André, Samuel e Jorge Humberto.*

Torriense — *Montero; Amilcar e Bernardes; Helder, António Manuel e José da Costa; Mário, Isidro, Azevedo, Saldanha e Bezerra.* Sporting da Covilhã — *Rita; Helder e Couceiro; Lãzinha, Lourenço e Cabrita; Manteigueiro, Lorenzi, Suarez, Martinho e Óscar Silva.*

PUGILISMO

Uma vitória por K. O. técnico do campeonato da Alemanha

HAMBURGO, 27. — O pugilista hamburguês Albert Wextphal conservou o título de campeão dos pesados da Alemanha ao derrotar, por K. O. técnico, o seu compatriota Heing Neuhaus ao 6.º assalto, num combate de 12, aqui disputado ontem á noite perante enorme assistência.

Westphal, que conta 25 anos, pesou 88 quilos, enquanto Neuhaus, que tem 32 anos, acusou o peso de 101 quilos. — (ANI).

TORNEIOS DE FUTEBOL

A 4.ª jornada da Zona Sul do Nacional da II Divisão tem invulgar interesse

O Campeonato Nacional da 2.ª Divisão prossegue amanhã com os encontros correspondentes á 4.ª jornada.

Na Zona Norte, o programa apresenta-se assim:

Gil Vicente (1)-Leixões (6)
Boavista (4)-Vianense (4)
Oliveirense (5)-Espinho (1)
Chaves (5)-Vila Real (3)
Tirsense (2)-Sanjoanense (3)
Peniche (2)-Salgueiros (2)
Marinhense (4)-Portalegrense (0)

O treinador Fabian fala para o nosso jornal. A seu lado, estão os húngaros Farenc, cuja situação com o Caldas não se definiu ainda, e o avançado-centro Sandor Kovacs

Entre parentesis, indicam-se os pontos que cada equipa tem para a classificação.

Podem apontar-se como desafios de maior interesse os que se realizam no Porto (em que o Boavista não pode confiar demasiadamente), em Oliveira de Azemeis (onde se espera o reaparecimento de Walter na equipa visitante), em Chaves («derby» transmontano) e em Peniche (com a equipa local moralizada pela brilhante vitória de há cito dias).

Duma maneira geral, os vaticínios não são fáceis, pois cremos que só o Leixões e o Marinhense poderão encarar as pugnas com certa tranquilidade.

* * *

Na Zona Sul, a jornada de amanhã inclui os seguintes desafios:

Coruchense (2)-Atlético (4)
Oriental (2)-Serpa (4)
Farense (0)-Juventude (3)
Arroios (0)-Portimonense (5)
Sacavenense (2)-Olhanense (6)
Almada (2)-Estoril (6)
Beja (2)-Montijo (4)

Entre parentesis, os pontos de cada equipa para a classificação.

O programa é, na verdade, atraente, pois, no conjunto, todos os desafios se apresentam nivelados, com difícil prognóstico quanto ao vencedor. E' curioso que, em todos os campos, as equipas visitadas têm menor pontuação, sinal de que os adversários estão a dar melhor conta de si. Ficam, assim, contrabalançadas as possibilidades dos grupos.

Surgirá amanhã a primeira vitória do Oriental? Conseguirão o Farense e o Arroios arrecadar os primeiros pontos para a sua classificação? Logrará o Sacavenense interromper a série de vitórias iniciada no primeiro dia? Manterá o Estoril a invencibilidade?

Tudo são incógnitas que valorizam a jornada.

Os jogos da A. F. L.

As duas provas que a A. F. L. tem presentemente, em curso continuam amanhã, fornecendo uma nova série de 18 encontros.

Na 1.ª Divisão distrital, disputar-se-ão os desafios:

Vitória-Casa Pia
Alhandra-Fut. Benfica
Sintrense-Operário
Vila-franquense-Desp. Olivais
S. L. Olivais-Alverca

Todos estes desafios são jogados em «reservas» e «honra», respectivamente, ás 14 e ás 16 horas.

A jornada é de tranquilidade para o S. L. Olivais, que é o actual «leader» da classificação.

* * *

O Campeonato de Juniores da 1.ª Divisão tem, igualmente, a sua terceira jornada. Eis o programa:

Série A — Atlético-Algés, Sporting-Belenenses, Cascalheira-Palmense e Arroios-Estoril.

Série B — Torriense-Oriental, Vialonga-Charneca, Alhandra-Povoense e Benfica-Olivais.

Todos os encontros começam ás 10,30 horas.

Foge-se amanhã um pouco á rotineira de jogos sem interesse de maior, pois a jornada inclui um Sporting-Belenenses, entre duas equipas sem derrotas. O Torriense-Oriental e na outra série o desafio de maior expectativa.

Húngaros no Caldas

Kovacs e o treinador Fabian

falam-nos das possibilidades da equipa no campeonato nacional

Como é do conhecimento geral, tem treinado no Caldas Sport Clube um jogador hungaro, á volta do qual se têm tecido as mais lisonjeiras referências, apontando-se como um avançado-centro de excelentes faculdades técnicas e elevada capacidade realizadora.

Trata-se de Sandor Kovacs, um mocetão de 28 anos, de excelente compleição atlética.

Jogou em dois clubes hungaros — o Szolnok e o Salgotarjan — e num austriaco — o Lustenau — todos da 1.ª Divisão.

Foi diversas vezes internacional — começando na equipa dos de menos de 22 anos — defrontando, entre outras, as equipas da Polónia, Roménia, Checoslováquia e Iugoslávia.

Kovacs, que assistiu ao jogo Caldas-Benfica, começou por declarar ter apreciado o entusiasmo e o espírito de sacrificio dos seus futuros companheiros e que os «encarnados» o decepcionaram.

— Teve pena de não alinhar? — perguntamos.

— Muita pena. Gostava que a minha estreia se tivesse verificado contra uma equipa de projecção.

— Tem jogado sempre a avançado-centro?

— Sempre. De resto, é o meu lugar preferido.

— Dizem que é um rematador temivel?

Quando Fabian traduziu a pergunta, Kovacs sorriu, respondendo:

— Remato com qualquer dos pés ou de cabeça. Nada mais. Aliás, a função de um avançado-centro é atirar, muitas vezes, á baliza E eu gosto de marcar golos.

— Quando se estreia no Caldas?

— Ignoro ao certo. Talvez na 6.ª jornada, contra o F. C. do Porto.

*

Aproveitamos a presença de Fabian, para trocar algumas impressões com o treinador do Caldas.

— Considerou util a digressão por Espanha, antes do inicio das provas oficiais?

— Não, nas condições em que ela se verificou. Viagens muito longas, em curtos espaços de tempo, não permitiram á equipa o necessário repouso entre cada jogo.

— Qual o jogo que mais lhe agradou?

— O que disputámos contra o Salamanca, vencendo por 2-1. Mais do que o resultado, agradou-me a exibição da equipa, que actuou sempre em plano de superioridade em todos os sectores.

— Que impressões lhe causaram as equipas espanholas que defrontaram?

— Todos revelaram uma preparação já adiantada. Tanto técnica, como fisicamente, as equipas espanholas que defrontámos possuiam nivel elevado, formando excelentes conjuntos.

— Está satisfeito com o rendimento do Caldas nestas primeiras jornadas do Nacional da 1.ª Divisão?

— A minha equipa está a subir nitidamente. Contra o Benfica, embora não estivesse totalmente bem, a sua exibição agradou-me. A pouco e pouco, procura-se atingir o indispensável ritmo.

— Espera, por isso, uma boa classificação?

— Lutamos sempre por ela. O campeonato é muito duro e dificil, mas se ficarmos a meio da tabela, já me dou por satisfeito.

— Tem problemas que afectem a regular composição da equipa?

— Há sempre problemas. O das lesões é talvez o mais grave. E' necessário dispor de elevado numero de jogadores de primeiro plano de modo que as substituições a que nos vemos forçados não quebrem o rendimento global. Mateus lesionado, Rogério doente, agora Lenine castigado, tudo isto são problemas que podem afectar o conjunto.

— Pensa que Kovacs se adaptará á toada do Caldas?

— Estou certo disso. Trata-se de um excelente jogador, de boa técnica e grandes faculdades de rematador.

— Uma previsão para o jogo com o Belenenses?

— Será necessáriamente uma partida dificil para nós, dada a categoria do adversário, que actua no seu ambiente. Mas o Caldas não entra no campo vencido e lutará por um resultado honroso. — I. P.

Ajudauto, L.da
PRONTO SOCORRO
de automóveis de qualquer parte
do País
TODOS OS DIAS
E A TODA A HORA
INCLUINDO DOMINGOS
R. Damião de Góis, 18-B a 18-E
a Algés — T. 610051

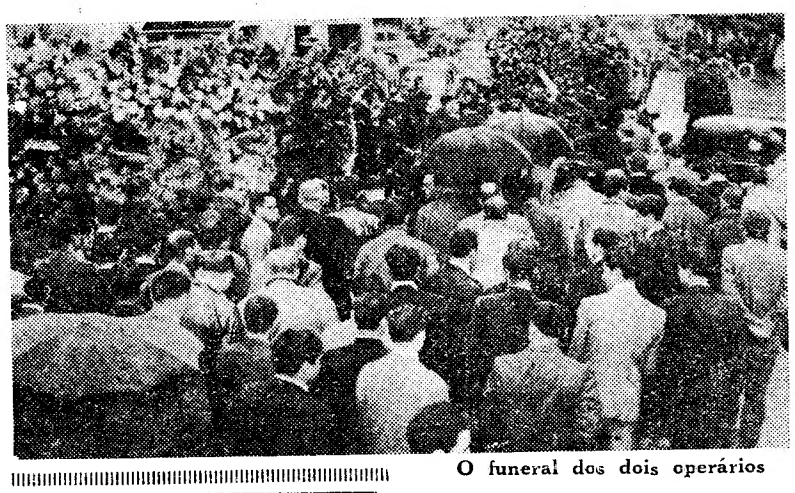
90 contos

por um osso no «cachorro»

BERLIM (Massachussets), 27 — Por causa de um pequeno osso, Frank Bright recebeu 3.000 dólares de indemnização — cerca de 90 contos — de um restaurante desta cidade.

Conforme se provou no tribunal, quando comia um «cachorro», Brigth trincou um osso que se encontrava na salsicha e que lhe ocasionou um dente partido e fractura do maxilar inferior.

O juiz deu-lhe razão na queixa, mas aconselhou-o a que passasse a comer mais devagar. — (A. N. I.).



O funeral dos dois operários

O PRETO NO BRANCO

Tempos passados

por RAMADA CURTO

O Malaquias Raposo é um velho como eu conheço muitos. E é de notar que cada vez vou conhecendo mais. Ao mesmo tempo que me faz também impressão que vou deixando de ver muitos outros. Possivelmente terão ido viver para a Província porque vou deixando de os ver não sei por que motivo. Talvez mudassem de casa. Penso que se reformaram e que como as pensões de reforma lhes permitiram esse luxo, vivem agora em moradias próprias. Mas o que é certo é que Malaquias os recorda e fala-me deles. Ainda ontem me falou no Joaquim Perfeito que era poeta. O Malaquias afirmava que ele era um poeta satisfatório e, como admirava o seu estro, chamava-lhe Joaquim «mais que perfeito composto». Era especialista em sonetos — no tempo em que os poetas faziam disso. Malaquias convenceu-o de que não se devia dizer soneto, mas sim «senete» e explicava-lhe que a palavra tinha origem francesa, depois que á poesia provençal sucederam as novas formas de arte da Renascença italiana. Eu não sei nada sobre a evolução das formas literárias e ignoro se Malaquias tinha razão. De resto hoje a poesia é informe e acho melhor assim. Dantes a poesia adoptava formas para se exprimir. Hoje quando uma alma está embebida de poesia, como uma esponja de água, em vez de a exprimir, espreme-a — á esponja — e a poesia sai informe mas por isso mesmo mais bela. A forma concisa e precisa serve só para os anuncios, com excepção dos anuncios das criada de servir porque essas são uma classe que se extinguiu. As «agências» não fornecem «sopeiras», fornecem apenas notícias. E fazem negócio. Entre uma criada que não serve para serviço nenhum e uma notícia, mesmo que não seja verdadeira, sempre se lê ou se ouve. Pois Malaquias lamenta os tempos passados em que havia poetas e criadas de servir. Davam grandes numeros de revista. Hoje domésticas são apenas as «senhoras», que essas mesmo não servem para comédias de costumes ou peças psicológicas, visto que os costumes são diferentes e ter psicologia é uma coisa que já não interessa a ninguém. O centro intelectual de Lisboa era o café Martinho. No estado de atraso intelectual em que se encontrava o País em tal tempo, nas mesas desse café não se discutia nem mesmo se falava de «foot-ball». Custa a acreditar mas é assim mesmo. Falava-se de literatura, de teatro e de política. Os assuntos foram felizmente sendo eliminados pouco a pouco. E' certo que hoje se fala ainda de literatura mas da que tenha sido premiada. Não se fala do talento do escritor que publicou o livro mas apenas da sorte que teve o escritor que recebeu o prémio. Malaquias, homem de outros tempos, pensa que seria util suprimir o livro e deixar apenas subsistir o prémio. Conheciam-se e apontavam-se a dedo os escritores que tinham talento. Hoje aponta-se a dedo o jogador que tem um bom «shoot». Entre uma bela página e um bom pontapé, desdenha-se a página ou mesmo desconhece-se, mas admira-se o pontapé. Havia homens de diversa cor política, hoje há homens de vária cor de pele, os excelentes jogadores que vieram do Ultramar. Eu felicito-me com o facto. Prova a homogeneidade da Nação. Do meu tempo recordo com saudade os portugueses que vinham das Novas Conquistas, Portugueses de lá, um pouco mais morenos mas em cuja pigmentação ninguém reparava. Se havia diferenças era entre os que de lá vinham. Malaquias recorda o Quadros e o Tiagó, ambos, se me parece, de Becholim. Tinham um pitoresco sotaque de pronuncia. Mas Quadros e Tiago não se davam bem. O primeiro era bramane, o outro calculo que fosse vazshiá, ambos porém portuguesíssimos e baptizados. Ora o Tiago que discutia de «manu a manu», de igual para igual para connosco, eu que sou do Cartaxo e Malaquias que é de Tondela, meteu-se de uma vez a discutir com o Quadros, conservando-se sentado. Quadros ficou pálido, o que equivale a dizer que ficou mais moreno e destarte increpou o Tiago:

— E desde quando você tem o direito de falar comigo sentado! E para mais para dizer asneiras! Ora levante-se lá, ande!

Tiago ficou branco mas levantou-se! Eu não sou bramane, sou bacharel, mas nunca me levantei a discutir com o Quadros. Eram dois Portugueses ambos inteligentes mas pertenciam a dois clubes diferentes lá na terra, ambos filiados na Federação que é a do Malaquias e a minha.

Pelo Martinho passava tudo, os inteligentes e os tolos, os ignorantes e os sábios. Destes ultimos o Malaquias desconfiou sempre — conheciam tudo, liam tudo, sabiam tudo. Deles dizia que chupavam a ciência toda como o mata-borrão chupa a tinta e como neste a ciência foje e os borrões ficam. Gostava mais dos espertos que não sabiam mas apanhavam de ouvido e ás vezes deles saia alguma coisa de original e a originalidade, é criadora, mesmo que seja de asneiras. E é por isso que eu e o Malaquias os desculpamos. A asneira é, por vezes, criadora e simpática. O mata-borrão, ao contrário, suja os dedos de quem lhe pega e não se entende nada das outras asneiras nem das outras coisas que chupou. Por isso Malaquias recorda com saudade os tempos passados e quando lhe sucede agora frequentar um café fica com a convicção de que a asneira é uma constante cósmica. Mas, é pitoresca e alada. E se há coisa que não sirva para nada é o mata-borrão. Quando muito transmite a outros a tinta em que se embebeu.

O Português

ferido pela Policia em Paris sairá do hospital dentro de dias

PARIS, 27. — O operário português Manuel Rodas Fernandes, ferido no «acidente» de Auteuil, foi visitado, de novo, no hospital de Boucicaut, pelo juiz instrutor do processo, dr. Zousmann.

O juiz decidira conceder liberdade provisória áquele indivíduo português, cujo estado é, francamente animador. A notícia correu célere e é manifesta a alegria experimentada pela numerosa colónia portuguesa.

Com efeito, começa, assim, a reconhecer-se a justiça da causa, e trata-se de um primeiro passo para a compreensão completa da verdade dos factos.

O processo judicial francês é, no entanto, demorado, o que, de qualquer modo, não invalida a fundada esperança de que a reparação moral e material chegará oportunamente. Aliás, a visita do juiz instrutor constitui indício de que o processo será abreviado, fazendo jus á verdadeira significação da lamentável ocorrência — o «caso do viaduto de Auteuil».

Apesar da liberdade concedida, o Manuel Rodas Fernandes permanecerá no hospital até que lhe seja dada alta pelos médicos, possívelmente na primeira semana de Outubro. — (A. N. I.).

Miscelânea

- *Pergunta-nos um leitor, não anónimo, se já se fez o inventário dos bens pertencentes ao património nacional.*
- *Suzy Duperrin, que os Franceses denominam «scout-girl» por gostar de fazer campismo, vai cantar na Gaité-Lirique, de Paris, ao que parece espécie de ópera, intitulada: «Romance em Portugal».*
- *Seria bom fazer-se um inquérito sobre o numero de automóveis hipotecados e dos que estão sendo pagos a prestações.*
- *O submarino americano «Tritão», o maior do Mundo, supomos que de propulsão atómica, custou a bonita soma de dois milhões e oitocentos mil contos.*
- *O novo selo russo representa o «Sputnik III» iluminado pelo Sol. Cuidado: o Sol quando nasce é para todos.*
- *Pablo Picasso para festejar o décimo aniversário de habitante de Vallouris (França) recebeu dez lindos manequins: cinco loiras e outras tantas morenas. Esperamos que, como pintor, tenha respeitado a sua beleza.*
- *Os médicos franceses andam preocupados. Esperam um surto de gripe asiática este Inverno, embora benigno.*

PASTA MEDICINAL
Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da boca

Em SETUBAL é o «Diário de Lisboa» vendido pelo sr. Augusto Carlos, Irmão, Ld.ª.

Um largo plano de auxílio

aos pequenos vinicultores

foi hoje anunciado em Cantanhede pelo presidente da Junta do Vinho

CANTANHEDE, 27. — (Pelo telefone). — Chegou esta tarde a esta vila o engenheiro-agrónomo Luís Quartin Graça, secretário de Estado da Agricultura, que era esperado pelas autoridades e por muito povo.

Aquele membro do Governo visitou a Quinta de Santo Isidro e as instalações da Junta Nacional do Vinho, e assistiu á cerimónia da bênção da Adega Cooperativa que percorreu, demoradamente, presidindo á abertura da Exposição da Actividade Cooperativa da Vinicultura e á sessão solene inaugural e descerrando uma lápide comemorativa.

Seguiu-se, na sede do Grémio da Lavoura de Cantanhede e Mira, uma recepção em honra daquele membro do Governo.

Usou da palavra o dr. Mário de Oliveira, na sua qualidade de presidente da Junta Nacional do Vinho, que começou por destacar o firme carácter, a elevada competência profissional e a devoção política ao regime político que serve, do engenheiro Quartin Graça, manifestando a sua «esperança na objectivação dos legítimos anseios da Lavoura» e a sua confiança no cargo e na pessoa que o representa. Classificando de «órgão impulsionador do movimento cooperativo da Vinicultura a Junta a que preside», disse:

— Para além da acção de prospecção e divulgação das vantagens do cooperativismo, a Junta Nacional do Vinho orgulha-se legitimamente de ter conseguido que a Lavoura tomasse a consciência de como o processo cooperativo constituía, efectivamente, factor básico do seu melhor ordenamento em face dos dados estruturais do respectivo sector e das características do ciclo económico do produto. De facto, para coordenar uma economia, em que predominam os pequenos vinicultores (basta ponderar que 85 % destes produzem um máximo de 5 pipas), importa fazer prevalecer no plano da empresa vitícola a necessidade e a conveniência da vinificação em comum. Só por este meio se pode obter o melhor rendimento da assistência técnica e financeira, o pleno aproveitamento de todos os factores que contribuem para um mais elevado índice de produtividade, isto é, para produzir melhor e mais barato. E é esta a instante necessidade que se põe genéricamente no quadro económico nacional.

Dissertou largamente sobre a necessidade de um esforço de cooperação, apontando como «um vivo e significativo exemplo» o caso da vinicultura portuguesa:

— Só quando nucleadas, essas empresas — que são células vivas do agro nacional — podem apreender e adoptar os métodos mais adequados á preparação dos seus produtos, por forma a colocá-los em melhores condições nos mercados interno e externo.

Recordou as considerações, sobre os mercados e a sua evolução, feitas pelo secretário de Estado, ao inaugurar a magnífica Adega Cooperativa de Lousada, na Região dos Vinhos Verdes, afirmando que se torna «indispensável que a vinicultura reconheça ser nela própria que reside o fulcro da renovação que se impõe no quadro da economia dos produtos agrícolas», e que não desprenda «dos factores de comercialização, vivendo excessivamente o interesse directo e imediato de cada sector e alheando-nos das vicissitudes dos mercados».

— A acção de cooperação — disse — deve transcender o domínio estrito dos sectores para se projectar harmoniosamente, num sentido de equidade e justiça, no ciclo económico, por meio de um progressivo entendimento recíproco dos problemas da Lavoura e do Comércio. Ora é neste plano que se põem as atribuições dos Organismos de Coordenação Económica, como órgãos técnico-económicos de origem essencialmente estatal, embora impregnados de espírito corporativo. Incumbe-lhes observar sempre os problemas que se lhes põem na coordenada, na síntese, de todos os interesses que actuam nos grandes sectores que lhes estão confiados.

Uma vez reconhecida, «como imperativo da nossa época, a indispensabilidade de o Estado intervir na ordem económica», afirmou que se radica progressivamente no seu espírito «o sentido de permanência desses Organismos, embora reajustados na sua estrutura, para melhor desempenho da sua função coordenadora».

Recordando que a Adega, hoje inaugurada, é a 24.ª do plano aprovado, por despacho do ministro Ulisses Cortês, de 16 de Abril de 1953, e que comporta 141 Adegas, disse:

— Que venha em boa hora servir esta região. Os benefícios que as anteriores já vieram trazer a outras zonas sobressaem visivelmente. A afluência de associados esgotou, de um modo geral, a capacidade de laboração das unidades que se encontram construídas. E isto é seguro indício de que a vinicultura sente, na sua própria fazenda, o benefício da cooperação. As adegas existentes já laboram 60.000 pipas de vinho e integram cerca de 6.000 vinicultores. Há, por isso, que prosseguir e intensificar a execução do Plano, fortalecendo a unidade de acção, pela congregação de esforços e boas vontades de todos, numa colaboração activa, principalmente a dos directos beneficiários.

As perspectivas da próxima campanha

Quanto ás perspectivas da próxima campanha, deu estas interessantes informações:

— Tudo indica que o volume de produção da futura colheita e as prováveis sobras da campanha que está a terminar não provoquem perturbações graves no mercado, por dificuldades de escoamento. Nesta ordem de ideias, torna-se necessário enfrentar confiadamente o futuro e não mostrar impaciência perante eventuais pausas de movimento de comercialização, que, só quando persistirem demoradamente, podem revestir fundamento de consideração económica. As providências que a Junta vai desde já adoptar têm em conta justamente essas circunstancias. Vai proceder-se á imediata abertura de um financiamento com base apreciávelmente ampliada e que se destina sobretudo ao pequeno vinicultor que, não possuindo condições de armazenamento próprio e resistência financeira, queira utilizar os depósitos da Junta para guardar os seus vinhos enquanto os não vender no mercado. A estes vinicultores será facultada imediatamente a

(Continua na 11.ª página)

PARA COMPRA VENDA e HIPOTECA de PROPRIEDADES
A CONFIDENTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAIS
DINHEIRO sobre AUTOMOVEIS
Emprestamos qualquer quantia
Transacção efectuada em menos de 1 hora
MÁXIMO SIGILO.
14 R. Passos Manuel
Telef 27011-28721
PORTO
Rossio 3 LISBOA
Telefones: 21391-30257

Os curiosos aglomeram-se em frente da casa de Almada

Curiosidade em Almada

pelo estranho caso

que não encontrou ainda explicação

No rés-do-chão de um edifício novo da Avenida Cristo-Rei, em Almada, há cerca de três semanas que os seus moradores andam sobressaltados e enervados com certos casos misteriosos, que algumas pessoas confirmam, sem admitir a menor objecção.

Dizem que viram pedras, vindas não se sabe de onde, cair no chão ou entrar em casa, com janelas fechadas e sem partir os vidros. Outras, segundo testemunhas, partem louça e os vidros dos móveis. Enfim, coisas do arco da velha, que a ingénua imaginação popular não deixa de aproveitar sempre com doentio gosto.

Ontem, o caso tomou maior vulto, dizendo-se que a chuva de pedras foi mais abundante. Foi chamado o rev. Louro, capelão da freguesia de S. Tiago, que, quando falava com o locatário, o alfaiate Alexandre de Oliveira, viu cair uma pequena pedra que o ia atingindo. Também parece ter visto saltar da algibeira de uma vizinha uma que foi parar a certa distancia.

Por seu turno, um guarda da P. S. P., que se encontrava presente, viu igualmente cair pedras, que o iam atingindo. Afirma-se que os fenómenos só se registam durante o dia e o facto, contado já de boca em boca, na laboriosa vila de Almada, provoca a curiosidade da população. Hoje, no passeio fronteiro ao prédio, aglomeraram-se muitas pessoas a comentar o caso, e formulando as mais variadas hipóteses, ao sabor da fantasia de cada um.

Claro que a maioria das pessoas não acredita que se trate de qualquer fenómeno sobrenatural, atribuindo, antes, o se passa ao produto de uma forte sugestão ou brincadeira de engraçado que merece correctivo. O que não resta duvida é que há danos a registar e que o caso trás intrigada muita gente.

Hoje, muita gente que ali compareceu, com o propósito de entrar na casa, foi impedida de o fazer pelos locatários, que afirmam, todavia, que continuam a registar-se os mais estranhos fenómenos: um martelo projectado a distancia, não se sabe por que misteriosa força, uma bobina de máquina de coser que saltou de uma gaveta e uma escova que vagueou pela casa.

A nós próprios nos contaram que, pouco antes de ali termos chegado, uma tesoura saltara e se fora espetar no chão, ao mesmo tempo que outra saltava da algibeira de uma costureira.

O certo é que, durante o tempo que ali estivemos, nada de anormal se verificou, a não ser o nervosismo dos donos da casa e duma vizinha, que se mostram bastante preocupados com tudo o que se passa e que, seja como for, não deixa de trazer os Almadenses cheios de curiosidade.

EM 3 LINHAS

Na praia de Faro, vão ser construídos arruamentos. A primeira fase da obra está orçada em 954 contos.

///

Vão ser reparadas diversas salas do Palácio Nacional da Independência.

///

E' de 3.000 contos a base de licitação do concurso para o fornecimento e a montagem de ascensores, monta-cargas, monta-livros e monta-pratos no novo edifício da Biblioteca Nacional.

///

Foi adiado para 27 de Outubro, ás 15 horas em Lisboa e ás 16 em Luanda o concurso para o fornecimento de material para 50 quilómetros de via, destinado ao caminho de ferro de Moçamedes.

Pânico no aeroporto

causado por um despertador

GATWICK (Inglaterra), 27 — Estabeleceu-se panico no aeroporto internacional de Gatwick, hoje, quando os carregadores notaram que de uma das malas de um passageiro provinha o som ameaçador do tique-taque de uma bomba de relógio. Avisada imediatamente a Policia, a mala em questão foi transportada por uma camioneta para o centro do aeroporto, no ponto em que a explosão da bomba causaria menos danos.

Chamado pelos alto-falantes, apresentou-se ás autoridades o proprietário da mala, que a abriu tranquilamente e tirou de dentro o seu inofensivo despertador. — (A. N. I.).

Os rebeldes cubanos

repeliram a ofensiva governamental

HAVANA, 27. — A grande ofensiva desencadeada pelas tropas governamentais contra as forças rebeldes de Fidel de Castro, na provincia de Oriente, foi repelida pelos insurrectos, que mataram 231 soldados, incluindo 13 oficiais, e fizeram 422 prisioneiros, capturando também grande quantidade de armas, munições e abastecimentos— segundo anunciou hoje a Rádio dos rebeldes.

Os insurrectos admitem que tiveram 25 mortos, incluindo sete oficiais, e vários feridos.

A ofensiva governamental foi levada a efeito com mais de 15.000 homens e lançada, simultaneamente, em três pontos, com o objectivo de envolver os rebeldes. Depois de duros combates travados em São Domingos, Merino-San Lorenzo, El Jigue, Providencia, Vegas de Jibacoa e Las Mercedes, as forças do Exército cubano foram repelidas — afirma a mesma emissora — (A. N. I.).

Actos de sabotagem

SANTIAGO DE CUBA, 27 — Os insurrectos de Fidel de Castro incendiaram duas fábricas em Pinar del Rio e vários autocarros em Santa Clara. Em Manzanillo, fizeram explodir várias bombas, que causaram mortos e feridos e elevados estragos materiais.

Comunicam de Morons, que elementos rebeldes lançaram fogo a três fábricas de açucar e a duas torrefacções de café, depois de terem assassinado os respectivos guardas.

Nos arredores de Santiago, os insurrectos assassinaram quatro funcionários governamentais. — (A. N. I.).

Terminou a reunião de peritos

em que se tomaram importantes decisões

para combater o paludismo

Terminaram hoje os trabalhos da reunião dos peritos da O. M. S. empenhados na luta contra o paludismo. Hoje, os delegados concluiram a discussão do projectado relatório final, que foi aprovado.

Nas suas conclusões, os delegados afirmaram que o Grupo de Países do Sueste da Região Europeia apresenta uma solução heterogénea quanto aos programas de luta antipaludica. A Itália e a provincia francesa da Córsega têm pràticamente erradicada a doença. A Espanha e Portugal estão muito próximos da erradicação total. Em Marrocos e na Argélia a luta não se estendeu ainda a todas as zonas endémicas, mas ambos os territórios exprimiram o desejo de seguir um programa de erradicação recomendado pelo «comité» de peritos da O. M. S., com a assistência técnica desta organização.

O projecto de acordo entre Portugal e a Espanha foi muito bem acolhido, e a conferência julga conveniente que acordos semelhantes sejam concluidos por outras nações vizinhas.

Para acelerar a fase final da erradicação do paludismo, Portugal e a Espanha decidiram instituir um serviço de vigilancia activa nas zonas onde nos ultimos três anos se observaram ainda alguns casos isolados de doença, e nas que apresentam ainda alguns perigos de endemicidade intensa, designadamente, nas áreas em que há concentração periódica de trabalhadores oriundos de diversos pontos do País e do Ultramar, onde o insecto transmissor da doença apareça em grande quantidade e ofereça perigo.

A reunião verificou que nos países nela representados não há sinais evidentes da existência do insecto transmissor da doença, ao D. D. T.

Os países em fase de erradicação, adoptarão o sistema de tratamento radical de casos confirmados de paludismo, conforme as indicações do «Comité» de peritos da O. M. S.

Para se evitar a importação do insecto transmissor da doença, a reunião aconselhou os países nela representados, a estimular a adopção de programas antipaludicos, com a assistência da O. M. S., nos respectivos territórios ultramarinos.

A próxima reunião foi marcada para 1960, mas não se fixou o país em que se efectuará.

Brilhantes Grandes
BOM EMPREGO DE CAPITAL
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Telefone 24564

A' beira do abismo — (6)

Dois episódios de excepcional gravidade fizeram, recentemente, a prova de que na questão fundamental dos armamentos a superioridade actual do bloco comunista assegura aos seus dirigentes uma liberdade de movimentos que lhe permite tomar a iniciativa diplomática sem contrapartida, e que a diplomacia á beira do abismo praticada pela secretaria de Estado ameaça o nuclear, precipitada por erro de cálculo ou defeito de manobra fáceis de se verificar. Para o primeiro inconveniente não se vislumbra remédio num prazo de tempo previsivel. O unico antidoto para o segundo consiste, de momento, numa acção lucida dos aliados dos Estados Unidos.

Os «marines» desembarcaram, em Julho, no Líbano para liquidar militarmente o regime saído do golpe de Estado do Iraque. A situação explosiva que se criou no Médio Oriente tornou-se intolerável quando o Governo de Washington se propôs substituir essa intervenção malograda por um debate na O. N. U. sobre a agressão indirecta. Dois meses depois, a VII Esquadra e a Aviação americanas manobraram no estreito da Formosa para assegurar a protecção dos comboios enviados para garantir a defesa das ilhas do litoral chinês.

Nos dois casos, conhecemos os transes e perspectivas de uma guerra atómica que seria uma consequência do «entanglement» americano com regimes e dirigentes votados á derrota e ao ostracismo. No dia em que os reforços navais e aéreos começaram a seguir dos Estados Unidos para a Formosa saíram do Líbano os «marines» que ali tinham desembarcado. Esta coincidência deve considerar-se reveladora. Empresta um relevo esclarecedor á política de veleidades praticada por aquele país sem ter em conta as suas consequências.

No Médio Oriente a cadeia de reacção acelerada pelo desembarque americano revelou a sua gravidade com a consolidação do novo regime do Iraque, a ressurreição da Liga Arabe e antiocidental, a adesão a esta do Marrocos e da Tunisia, o triunfo do coronel Nasser com a votação unanime da moção apresentada na assembleia geral da O. N. U., a submissão definitiva da Arábia Saudita, do Iemen e de alguns xecados do Golfo Pérsico ás directivas do Cairo, a formação nesta cidade de um Governo da F. N. L. argelina.

No Extremo Oriente as consequências da demonstração de força prevista pelos dirigentes americanos não serão menos extensas e graves. A primeira, já evidente, é o isolamento dos Estados Unidos no prosseguimento da sua política asiática, o qual se reflecte nas duvidas e inquietações que estão a tomar forma em alguns países cujos Governos pró-ocidentais se debatem no meio de dificuldades crescentes, das Filipinas ao Cambodja. As derradeiras posições europeias na Asia Oriental estão ameaçadas pelo alargamento eventual do campo de hostilidades, o Japão enviou a Washington o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, a Grã-Bretanha, posta em causa dada a importancia dos seus interesses naquela região, fez o mesmo, e os trabalhistas tiveram uma oportunidade gratuita para atacar o Governo Conservador e reivindicar os benefícios eleitorais dessa manobra.

A neutralização estratégica do Médio Oriente foi a vasa que os sovietes recolheram na partida em que jogaram a carta do nacionalismo árabe. No Extremo Oriente a vasa a recolher é mais valiosa. Um conflito local sino-americano seria a realização de um sonho do Kremlin. A alternativa desse conflito será a perda do que resta de prestigio aos ocidentais no continente asiático e no Pacifico. Desse prestigio nada restará quando a VII Esquadra, como os «marines», tiver demonstrado a inutilidade das suas armas atómicas.

Nos dois casos, no Médio e no Extremo Oriente, assistimos a um espectáculo edificante. Depois de os chefes militares americanos tomarem decisões, das quais pode resultar um conflito sem precedentes, a diplomacia dos Estados Unidos foi chamada a restabelecer uma situação comprometida á custa de sacrifícios e concessões cuja natureza não fora prevista, como um homem que, á beira do mar, pede que o agarrem para evitar um suicidio que não está nas suas intenções. O «bluff» foi, em todos os tempos, um instrumento de coacção ou negociação que tem o inconveniente de elevar sempre o seu preço para aqueles que o não sabem praticar.

O escândalo

dos concursos

na TV norte-americana

NOVA YORK, 27. — O caso dos concursos da TV continua a dar que falar. Um antigo concorrente, James Snodgrass, revelou ontem á Imprensa que teve conhecimento prévio das perguntas a que deveria responder.

Snodgrass, citado como testemunha pelo Tribunal que julga o assunto, revelou também que nas eliminatórias, teve o cuidado de endereçar a si mesmo, pelo correio, cartas mencionando as indiscrições de que beneficiou.

Acrescentou que já tinha ganho 4.000 dólares no «Concurso das 21 perguntas», quando o informaram de que na sessão seguinte, em que haveria muitos «ex-aequos», seria a sua vez de perder: devia dar uma resposta errada a uma pergunta que lhe comunicaram antecipadamente, mas resolveu dar a resposta exacta. Na semana seguinte, não foi informado das perguntas a que deveria responder e perdeu... — (F. P.).

A polícia continua

sem uma pista segura

sobre o crime da Rua de S. José

A Polícia Judiciária continua a desenvolver intensa actividade no sentido de identificar e prender o autor do crime da Rua de S. José e a mulher loira que o acompanhava.

As diligências têm-se desenrolado num ritmo incessante, mas o que é verdade é que, até agora, não há uma pista segura que leve o dr. Fernando de Sousa á prisão do criminoso. Os unicos dados concretos que possui foram fornecidos por quatro pessoas que, se virem o criminoso, logo o identificam e o denunciam — a senhora e os três rapazes — que estiveram no estabelecimento a negociar com o falecido comerciante e que tanta perturbação causaram ao criminoso que com elas estabeleceu diálogo.

A sua impaciência, segundo declarações das referidas pessoas ao dr. Fernando de Sousa, chegou ao ponto de aconselhar a sair os três rapazes com a alusão de que o comerciante era um homem rico e que, por conseguinte, lhe era indiferente mais transacção menos transacção, ao que eles retorquiram: «Por que razão está então o sr. a discutir há tanto tempo o preço dos binóculos que pretende comprar?». A diferença, segundo a própria senhora confirma, era de 5 escudos.

Ora estes três depoimentos são concretos e, de uma maneira geral, fornecem a ideia de que o crime foi largamente planeado.

Qual o seu mobil? A P. J. até este momento admite que foi o do roubo.

Também se tem notado o desejo de a população colaborar com a P. J. para a descoberta do criminoso.

Numa nova deslocação ao estabelecimento da vítima, o dr. Fernando de Sousa obteve outros dados uteis.

NOIVOS
As alianças e prendas da OURIVESARIA DA MODA dão felicidade!
Rua da Prata, 257

A preparação de técnicos para a administração de empresas

(Continuação da 1.ª página)

va, sem qualquer outra finalidade que não seja a de tentar contribuir — ainda que talvez sem mérito que o justifique — para o esclarecimento de um problema que de modo directo muito me interessa.

A minha atenção vai incidir apenas sobre alguns dos aspectos internos da forma por que decorrem os estudos dos futuros licenciados em Ciências Económicas e Financeiras pela Universidade Técnica de Lisboa. Assim, três desses aspectos, que me parecem dos mais importantes, serão tratados em pormenor: a amplitude dos estudos de Direito, o excesso das Matemáticas puras e a manifesta insuficiência dos estudos sobre a Organização e Administração do trabalho das empresas.

Amplitude dos estudos de Direito

Parece-me manifestamente excessiva a amplitude desses estudos, pois, quer no Curso de Economia, quer no Curso de Finanças, uma quarta parte do total das cadeiras destes Cursos é absorvida naqueles estudos.

Além do prejuizo daí resultante para o estudo da matéria de especialização económico-financeira, há ainda o inconveniente da formação de um «vício» de mentalidade, inconveniente esse tantas vezes alardeado em polémicas que quase sempre se esterilizam sem utilidade para ninguém: os estudantes das escolas superiores de Direito pretendem afirmar-se peritos em matéria económico-financeira e os estudantes de Ciências Económicas e Financeiras tentam impor-se como especialistas em matéria jurídica.

Uma adequada correcção deste estado de coisas iria não só promover um necessário aumento do grau de especialização, como auxiliaria a eliminar aquele pernicioso «vício» de mentalidade.

Excesso das Matemáticas puras

O estudo das Matemáticas puras em Ciências Económicas e Financeiras parece-me ser considerado pela grande maioria dos alunos como excessivamente «duro».

Ainda que se possam aceitar justificações para toda a vasta e complexa matéria da cadeira do 1.º ano de Matemáticas Gerais, a elaboração do programa da Cadeira do 2.º ano de Análise Matemática suscita sérias interrogações quanto á sua real utilidade na formação da cultura económico-financeira dos futuros licenciados. Em qualquer destas cadeiras estudam-se capítulos com dezenas e dezenas de teoremas e «demonstrações» que a vida prática raríssimamente reclamará (se é que alguma vez os virá reclamar). Tal programa de estudos, em vez de «treinar» o raciocínio dos estudantes num sentido de lhes abrir o caminho a um tratamento a nivel elevado de concretos problemas técnicos que a vida prática fará surgir, antes lhes impõe um excessivo e «duro» trabalho de abstracção, muitas vezes esquecendo o sentido «util» que se deve imprimir á formação da cultura universitária dos futuros técnicos de economia e finanças.

Os estudos de Estatística (3.º ano) ressentem-se do actual plano geral de estudos no estabelecimento de ensino superior de economia e finanças. Assim, nesta cadeira, utiliza-se o período de tempo que vai desde a abertura das aulas até princípios do mês de Maio, para lições que versam quase sempre sobre estatística matemática. A matéria destas lições está compreendida em dois grossos volumes. Parte do restante mês de Maio é utilizado para um apressado estudo de estatística económica, sobre matéria compreendida num 3.º volume complementar, com cerca de uma sexta parte do numero de páginas dos dois primeiros. Além disso, os «cortes» ainda introduzidos na matéria desse 3.º volume e aqueloutra matéria considerada como dada sem ser tratada nas aulas, fazem crer que se tem como finalidade não o fornecimento aos estudantes de adequados conhecimentos de estatística económica, mas sim a de dar uma ideia de cumprimento aparente dos programas oficiais.

Nos nossos dias está amplamente generalizado o reconhecimento do auxílio altamente valioso prestado pela estatística económica, quer á escala empresarial, quer á escala nacional, na previsão, apreciação e resolução dos mais prementes problemas detodos os países. E' certo que não há estatística económica sem estatística matemática. Mas o que não me parece razoável é que á estatística económica não se dedique mais do que a ingrata e talvez anómala posição de «parente pobre» das estatísticas.

Aceite-se mesmo que é de admitir a manutenção do período de três anos para os estudos das Matemáticas Gerais e da Análise Matemática e Estatística nas escolas superiores de economia e finanças. Todavia, uma análise atenta das realidades virá certamente indicar posições que requerem ampla e urgente rectificação. Assim, e continuando a admitir o referido período de três anos, não seria mais conducente com as realidades dos nossos dias dedicar, por exemplo, «um ano e meio» aos estudos das Matemáticas Gerais e da Análise Matemática e outro «ano e meio» ao estudo da Estatística?

Esclareçamos o que entendemos por «um ano e meio». Até metade do 2.º ano dos estudos de Matemática seria dada — com os evidentes «cortes» dos teoremas e «demonstrações» atrás referidos — a matéria relativa ás actuais cadeiras de Matemáticas Gerais e Análise Matemática. A 2.ª metade do aludido 2.º ano — depois de alguns não menos evidentes «cortes» — seria dedicada aos estudos de Estatística Matemática. Teriamos assim todo um 3.º ano disponível que seria então aproveitado tanto quanto possível integralmente para um estudo dos tão prementes problemas abrangidos pelo campo da estatística económica.

Esta é apenas uma hipótese de solução que, a par de outras possíveis e mais apropriadas, evitaria pelo menos que os alunos pudessem vir a concluir que afinal as «matemáticas» dos cursos superiores de economia e finanças podem servir-lhes, em grande parte, e apenas, para exibições mais ou menos especulativas de «pessoas prendadas».

Estudos sobre administração de empresas

A admnistração das empresas no nosso País peca na maioria dos casos pelas ausência de uma organização racional do trabalho no sentido, não de um máximo lucro obtido de «qualquer maneira», mas através de uma ampla e objectiva análise económica de mercados, previsão de lucros, coordenação racional dos factores produtivos por forma a obter-se a máxima produtividade, justa remuneração de mão-de-obra, etc.

E' tradicional ainda no nosso País o «medo» que em muitos casos os patrões têm em aceitar novos e racionais métodos de trabalho, «medo» esse que em geral e tanto maior quanto maior for a «idade» da empresa: criaram-se hábitos de rotina, velhos de dezenas de anos, impermeáveis a novas concepções que o progresso dos tempos divulga e impõe por toda a parte. Todavia, um progressivo desenvolvimento, primeiro em um ou outro caso de patrões de «vistas» mais largas, depois por necessidade imperiosa de acompanhar e combater concorrências nacionais e estrangeiras, os patrões — em numero de casos cada vez mais elevado — «sentem» ter de aderir a novos processos de organização e desenvolvimento do trabalho. E' então que surge o recurso a técnicos de cultura universitária especializada, unicos a quem deverá caber a missão de orientar uma ampla e concreta renovação dos velhos hábitos de rotina. Não podemos, porém, esquecer que esses técnicos têm então de se mostrar á altura da confiança que os empresários neles depositam e da responsabilidade que as circunstancias lhes impõem. Porque a formação de tais técnicos compete á Universidade, nesta se devem desenvolver orientação e métodos deensino capazes de curar radicalmente qualquer «anemia qualitativa» dos respectivos quadros de técnicos. Ora, nos actuais cursos superiores de economia e finanças existentes no nosso País, há apenas no 4.º ano uma cadeira de Economia e Administração de Empresas. Se atendermos ainda a que nem sequer existe um prolongamento em aula prática de estudos desta cadeira, talvez não seja muito errado concluir que para o combate á tal possível «anemia» são manifestamente insuficientes os meios que a Universidade utiliza.

Que este problema deve merecer a melhor e a mais urgente atenção a quem cabe a orientação dos estudos superiores de economia e finanças no nosso País, no sentido de uma resolução de acordo com os novos dados da conjuntura, provam-no duas opiniões de incontestada valia pela posição e pelo prestígio de quem as emitiu.

A primeira dessas opiniões foi dada pelo sr. prof. dr. Gonçalves da Silva, na lição de abertura do ano lectivo de 1957-58 na Universidade Técnica de Lisboa. Permito-me referir que nessa brilhante dissertação o ilustre catedrático chamou a atenção das entidades presentes para o facto de na Suécia, por exemplo, nos cursos superiores de Administração de Empresas estudar-se muito menos Direito e muito menos Matemática e, pelo menos quanto se sabe, os técnicos formados por esses cursos não serem menos competentes do que os técnicos portugueses. O sr. prof. dr. Gonçalves da Silva referiu ainda aspectos complementares do problema, como o de aulas práticas, etc.

Também o sr. dr. Cruz Vidal, nas suas lições na cadeira de Economia e Administração da Empresa, muitas vezes tem repetido a sua opinião sobre a escassa atenção dispensada no nosso País a tal matéria pelo programa oficial dos estudos superiores de economia e finanças.

Não quero alongar muito mais a descrição das reflexões que me foram sugeridas pela «nota» de 10 do corrente. Mas antes de terminar permito-me ainda referir mais um ponto.

Também me parece de rever alguns aspectos do ensino de contabilidade nos referidos cursos superiores. Nestes existe talvez um excesso de pormenor quanto á técnica do «débito» e do «crédito», mais conducente á formação de uma mentalidade de «guarda-livros», do que á visão ampla e concreta da conjuntura, própria da mentalidade do economista, para o qual a técnica do «débito» e do «crédito» deverá ser apenas um pormenor da atribuição de técnicos «menores». E esta definição de «menores» não deve ser tomada numa acepção de «menor conceito», mas sim na de «menor grau» de ensino: secundário e médio.

De tudo isto parece que existe um ponto em que seria fácil encontrar um acordo unanime: quase todos os estudantes que concluam os actuais cursos superiores de economia e finanças, colocados na vida prática perante problemas concretos de administração e organização racional do trabalho das empresas, encontrarão algumas grandes dificuldades que poderão originar interpretações mal intencionadas ou injustas sobre as suas próprias capacidades de trabalho. E' que nessa altura não há códigos, nem integrais que lhes valham.

Pretender-se-á concluir de todas estas reflexões que as entidades responsáveis têm esquecido os estudos superiores de economia e finanças e que nada tem sido feito no sentido do melhoramento desses estudos? Tal pretensão seria puro e mesquinho espírito maldizente. O actual programa dos estudos superiores de economia e finanças no nosso País é um concreto «passo em frente» relativamente ao programa anterior. Sem duvida muito se fez pela actualização e pelo progresso desses estudos e os frutos dessa realidade fazem sentir-se benèficamente e são reconhecidos por toda a parte. Todavia, não podemos esquecer que algo mais está ainda por fazer e que seria talvez um erro de consequências graves adormecer sobre os «louros» obtidos. Além de que á Universidade não compete apenas o papel apagado e passivo de seguir arrastada pelos acontecimentos, antes deve encabeçar a marcha das realidades ou, pelo menos, «acertar o passo» ao lado da dianteira dessa marcha.

O problema, vasto e complexo, merece e exige um «largo e sereno debate», onde deve participar um numeroso grupo de representantes de todos os sectores nele directamente interessados. Aos estudantes, que constituem afinal um dos principais sectores desses interessados, compete o aandono de posições passivas e aparentemente desinteressadas, onde por vezes se não vai além de críticas menos esclarecidas, maldizentes e destrutivas, optando antes por uma atitude reflectida em dados de conjunto e de finalidade sinceramente construtiva.

Os países necessitam de vontades entusiastas e esclarecidas, com as quais os governantes renovarão as estruturas num caminho cada vez mais progressivo.

Há que colaborar e ter esperança. Outras não são a finalidade e a posição do autor deste arrazoado. — **Um finalista de Ciências Económicas e Financeiras.**

Cursos para adultos

durante as férias

O Clube Desportivo e Cultural Lisbonense aceita a matrícula de todas as pessoas que necessitem de fazer exames de 3.ª e 4.ª classes, de Outubro a Dezembro, mesmo atrasadas ou analfabetas, preparando-as desde já e durante as férias. As inscrições são feitas no Largo do Chão do Loureiro, 1-2.º (ao Caldas) ou pelo telefone 862244. Há cursos das 9 ás 23 horas.

As instalações de Sagres

da Estação Rádio Naval

SAGRES, 25. — Iniciaram-se, os trabalhos de construção da nova Estação Rádio Naval de Sagres, que substituirá a que actualmente existe e, que vai ser demolida, de acordo com o plano de urbanização do Promontório de Sagres, para as comemorações do quinto centenário da morte do Infante D. Henrique.

REPRESENTANTE:
ESTABELECIMENTOS Sida, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 46 — LISBOA

Pequenas notícias

PELOS HOSPITAIS

ACIDENTE DE VIAÇÃO — Na Calçada do Combro, foi atropelado, por um automóvel, António Amorim, de 50 anos, morador na Travessa de Santa Catarina, 19, 3.º. Muito ferido na cabeça, recolheu á sala de observações do Hospital de S. José.

FERIDO POR UM CUTELO — Foi atingido por um cutelo, no talho em que trabalhava, no Mercado 24 de Julho, António Gonçalves Alves, de 19 anos, cortador, residente na Rua 13, n.º 16, 1.º, Dt.º (á Picheleira). Muito ferido na mão esquerda, recolheu á sala de observações do Hospital de S. José.

ATROPELADO POR UMA MOTOCICLETA — Foi colhido por uma motocicleta, em Bucelas, onde reside, João Inácio, de 75 anos, jornaleiro, que ficou muito contuso e recolheu á sala de observações do Hospital de S. José.

QUEDA GRAVE — Caiu de um telhado, onde trabalhava, João Marcelino Ferrão Rosa, de 29 anos, jornaleiro, residente na Vidigueira. Devido a este acidente, sofreu uma grave fractura na coluna.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Amanhã, haverá, á tarde, bailes na Casa dos Tabuenses, na Rua dos Poiais de S. Bento, 75-B, 2.º, com o conjunto musical «Os Ginjas», e na Liga Regional Cojense, na Travessa José Vaz de Carvalho, 14, 1.º, ao Campo de Santana, com «Os Indiferentes»; e, á noite, na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, em Campo de Ourique.

ROTARY CLUBE DE LISBOA

Na reunião da próxima terça-feira, ás 13 horas, do Rotary Clube de Lisboa, na Casa do Alentejo, o antigo presidente da direcção, engenheiro António José Martins Galvão fará uma palestra, intitulada: «A influência da Química no poderio da Inglaterra».

BOMBEIROS DA AMADORA

Na sede da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Amadora, procede-se, amanhã, ás 22 e 30, á extracção dos prémios do sorteio promovido por aquela instituição.

NOVO ANO LECTIVO

Estudos Ultramarinos

As datas dos exames de aptidão para ingresso no Instituto Superior de Estudos Ultramarinos (2.ª época), foram fixadas para os seguintes dias e horas: provas escritas, dia 3 de Outubro, ás 9 e 30; provas orais, dias 6, 7 e 8, do mesmo mês, ás 14 e 30.

Desdobramento da população escolar do Liceu D. Filipa

As alunas do 1.º ano do Liceu D. Filipa de Lencastre poderão, a partir do dia 29, dirigir-se á sede do liceu, no Bairro Social do Arco do Cego, a fim de consultar as listas com a distribuição pelas secções de Alvalade e Bairro Azul que ali se encontram afixadas.

Escola Francisco de Arruda

O ano escolar da Escola Técnica Francisco de Arruda inicia-se no próximo dia 30, pelas 17 e 30 horas, com a reunião dos encarregados de educação para estudo do plano de actividades escolares e andamento escolar no 1.º período; no dia 1 de Outubro, ás 9 horas, reunem-se os alunos com o director da escola para o mesmo efeito, iniciando-se as aulas ás 11 horas.

FEIRAS E ROMARIAS

Em Vila Fernando

VILA FERNANDO (Alto Alentejo), 27 — (Pelo telefone) — Há grande interesse pela festa do Sagrado Coração de Jesus que, se efectua amanhã nesta freguesia.

Ás 8 e 30, sairá, da capela da Colónia Correccional de Vila Fernando, para a igreja matriz, uma procissão, na qual se incorporarão muitos populares e as crianças.

Durante a procissão, será cantada a ladainha de Todos os Santos. Ás 9 horas, naquele templo, haverá renovação das promessas de baptismo, missa cantada e comunhão solene das crianças; ás 16, começará a hora santa solene, seguida de procissão do Santissimo Sacramento, pelas ruas da aldeia, de bênção e de sermão. E, á noite, haverá um serão recreativo, em honra dos pais das crianças, no Lar Paroquial.

O Secretário de Estado da Agricultura

afirmou ser necessário

melhorar a qualidade e baixar o preço dos vinhos

e organizar a propaganda do seu consumo interno

(Continuação da página central)

obtenção de créditos que lhes proporcionarão melhor defesa contra os primeiros choques do inicio da campanha. Independentemente disto, será aberta a tradicional operação de financiamento á vinicultura, e que desta vez será antecipada em relação ao prazo habitual. Para além disto, e de acordo com a sua orientação sistemática, a Junta prosseguirá, com firme determinação, a sua política de fomento de constituição de novas adegas cooperativas e de estimulo á expansão dos nossos vinhos nos mercados externos.

O discurso do secretário de Estado

O engenheiro Quartin Graça começou por insistir nas «multiplas e manifestas vantagens que podem resultar» das Adegas Cooperativas, na valorização e salvaguarda da nossa produção vinicola manifestando a sua satisfação por «verificar que por esse País fora surgem dia a dia novas provas de uma vitalidade, de um desejo de progressão, de uma compreensão das necessidades presentes que não pode deixar de impressionar agradavelmente a quem tem responsabilidades no Governo».

— Na verdade, a Lavoura Nacional, seja qual for o aspecto que se considere, e apesar dos reveses ou das incompreensões a que estão afectos os que trabalham a terra, vem demonstrando uma evolução na maneira de encarar os seus grandes problemas e uma ansia na sua resolução que é a melhor garantia de que períodos mais risonhos se podem antever com confiança. A recente exposição do trabalho realizado no campo dos lacticinios, que surpreendeu quem visitou o Palácio Foz, é uma prova do que se afirma. Mas tudo o que está feito não passa ainda de pequena parcela do que é necessário realizar. Pequena é certo, mas já uma realidade e mais do que isso, uma esperança! Uma centena de cooperativas de produtores de leite e de lacticinios, abrangendo 27.500 lavradores — e é de frisar o desenvolvimento em numero e qualidade atingido nas Ilhas Adjacentes — com algumas magnificas fábricas privativas; algumas dezenas de adegas e lagares cooperativos já em funcionamento, cooperativas ovinas, de produtores de batata-semente, e de outras modalidades englobando muitas dezenas de milhar de lavradores, atestam que as virtudes da cooperação são já bem sentidas através dos benefícios resultantes para os associados. E estão já em curso realizações que permitirão que em breve os numeros e benefícios atingidos sejam muito mais vultosos.

Exaltou a obra levada a efeito neste concelho, onde existem um Grémio de Lavoura, com todos os requisitos indispensáveis, um importante grupo de cubas da Junta Nacional do Vinho, uma Adega Cooperativa e uma boa propriedade agricola, a Quinta de Santo Isidro, onde poderão ser localizadas outras instalações, como a projectada cooperativa leiteira, e fazer-se trabalhos experimentais e de divulgação do maior interesse.

Falou, nestes termos, da colaboração entre o Corporativismo e o Cooperativismo:

— Na verdade, á acção cooperativa, em intima e indispensável ligação e entendimento com a organização corporativa da Lavoura, não podem ser estranhos os problemas da assistência e da vulgarização técnica e, vendo o problema mais profundamente, o do ensino e formação agrícola das populações rurais. E' que a cooperação dos agricultores por sua iniciativa, nomeadamente nas regiões com as caracteristicas da propriedade da que nos encontramos, é a consequência do reconhecimento de que o pequeno lavrador isolado não pode, de per si, acompanhar as exigências das técnicas modernas, do gosto dos consumidores, e que dificilmente pode defender-se dos mais elevados custos da produção ou das dificuldades da comercialização. E assim unidos, sem outros objectivos que não sejam os legítimos como agricultores que são e que sabem sempre servir os superiores interesses do País, podem melhor do que de qualquer outra forma defender-se e defender a nossa economia, valorizar-se individual e colectivamente, contribuir para a melhoria da qualidade de produtos, para um menor preço de custo e para conquistar e assegurar os mercados. E é por isso que vemos com todo o interesse a evolução do cooperativismo entre a produção agrícola e se justificam os subsidios, financiamentos e outras facilidades que o Estado e a Organização Corporativa lhes dispensam nos aspectos técnico e financeiro.

Repetindo os votos de que «a melhoria da qualidade e o mais baixo preço do custo» venham a facilitar a expansão dos vinhos nos mercados internos e externos, afirmou:

— A cultura da vinha é das poucas a que as condições naturais do País oferecem reais perspectivas. Devemos saber aproveitá-las devidamente, valorizando assim as terras menos aptas para outros cultivos. Por outro lado não podem esquecer-se os problemas da colocação dado que, em toda a parte, a crescente concorrência de bebidas várias — ainda que não possam substituir o vinho — pode, no entanto, contrariar o seu consumo. Portanto aos problemas da técnica há que juntar o dos preços e implicitamente o da propaganda. Pode parecer estranho falar-se na propaganda do consumo do vinho num País vitícola. Mas não é deslocado fazê-lo. A propaganda dos consumos dos produtores agrícolas constitui, neste momento, uma das principais preocupações em todos os paises produtores. Propaganda que não se limita ao cartaz ou á palavra, mas ao estudo pormenorizado da evolução dos hábitos e dos gostos, á análise da concorrência, ao «combate» no campo psicológico.

Disse que «certamente no seu campo de acção, as adegas cooperativas poderão concorrer decididamente para a valorização dos vinhos portugueses hoje em dia já tão afinados mercê do interesse da Lavoura, dos cuidados do comércio e da prestante acção técnica da organização corporativa e do Estado». E acrescentou:

— E não quero deixar de dizer uma palavra sobre o contributo que devem trazer ao estudo e esclarecimento dos vários problemas regionais a cargo dos Conselhos Regionais de Agricultura que dentro em breve vão entrar em actividade e para os quais se espera, como para os responsáveis pela orientação destes organismos, a colaboração e perfeita compreensão por parte da Lavoura. Bem a merecem todos aqueles que se dispõem a servi-la.

Visita em Coimbra à sede duma Federação

COIMBRA, 27. *(Pelo telefone)*. — A caminho de Cantanhede, o secretário de Estado da Agricultura visitou, nesta cidade, o edificio da Federação de Grémios da Lavoura da Beira Litoral, onde estão instalados quase todos os serviços agricolas da região.

Aquele membro do Governo, acompanhado pelo engenheiro Azevedo Coutinho, foi recebido pelo chefe do distrito, pelo presidente do Municipio e por muitas outras entidades. Antes da visita, o sr. Alvaro Piedade Abreu, em nome do presidente da Federação, agradeceu a presença do engenheiro Quartin Graça, seguindo-se, no uso da palavra, o dr. Moura Relvas, presidente da Camara, e o secretário de Estado que afirmou ver com muito interesse a utilissima acção dos dirigentes daquele organismo.

Dali, o engenheiro Quartin Graça seguiu para a Curia, onde almoçou, partindo depois para Cantanhede.

Assalto a uma casa

em condições rocambolescas

EVORA, 27 — (Pelo telefone) — Registou-se nesta cidade um assalto que, pelas circunstancias em que foi relatado pela unica testemunha ocular, lembra uma história rocambolesca.

Na residência dum lavrador da Praça Joaquim António de Aguiar, 29, entrou um indivíduo, com aspecto de cigano, que, apoderando-se de um colete e de um casaco do locatário, aquele com cerca de 400 escudos nos bolsos e este com cerca de 3.000 escudos, se encaminhou paulatinamente para a saída. Foi porém, surpreendido por uma criada que diz ter lutado com o intruso, mas que não pôde evitar que aquele se apoderasse do dinheiro contido no colete.

Com muita serenidade — segundo diz a serviçal — o assaltante abandonou as duas peças de roupa e, misturando-se com os transeuntes, desapareceu.

O rocambolesco caso foi participado ás autoridades policiais que estão procedendo a investigações.

Madrinhas de guerra

Carlos Alberto da Silva, 1.º cabo n.º 374/57, e Abílio Figueiredo, soldado, n.º 497/57, do 2.º E. G. D. C. C. em manobras, em Santa Margarida, solicitam-nos que manifestemos aqui o seu desejo de se corresponderem com madrinhas de guerra.

Desapareceu do emprego

depois de ter praticado um furto

GUARDA, 25. — Ausentou-se desta cidade, para parte incerta, depois de ter praticado um furto de 3.903$00, na Sociedade Lusitana de Azeites, Ld.ª, onde trabalhava ao dia como operário, embora a sua profissão seja de barbeiro, Fernando Pires Rodrigues, filho de Antero Rodrigues e de Lucinda de Jesus Pires, de 25 anos de idade, natural de Lisboa e residente, há muitos anos, na Póvoa do Mileu, freguesia de S. Vicente da Guarda. Presume-se que tenha tomado o rumo de Lisboa onde já residiu. Tem a altura de 1,57 m. a 1,60 m.; olhos, castanho escuro; cabelo preto, levemente ondeado, e usa um pequeno bigode preto.

Dizem os leitores...

Serviços de camionagem no concelho de Alenquer

Pede-nos um nosso estimado assinante de Alenquer que chamemos a atenção para os inconvenientes dos deficientes serviços de camionagem da Empresa de Viação e Comercio, daquela vila. Desde Vila Franca de Xira até Torres Vedras, num percurso de algumas dezenas de quilómetros, os passageiros são obrigados a mudar uma, duas, ou mesmo três vezes, de camionetas. E algumas destas, que há uns 20 anos seriam consideradas boas, já hoje não correspondem ás necessidades, de conforto e de velocidade, dos passageiros. De tudo isto resultam, não só prejuizos para eles, mas um obstáculo ao turismo na bela região de Alenquer.

Aniversários de colectividades

O 110.º aniversário da Incrivel Almadense

A Sociedade Filarmónica Incrível Almadense, de Almada, comemorará, de 1 a 30 de Outubro, o seu 110.º aniversário. No dia 1, ás 7 horas, haverá alvorada, com uma salva de morteiros e uma girandola de foguetes, e, ás 21 e 30, começará a «Noite da Incrível», com a colaboração do conjunto musical «Dinamicos» e da Academia Almadense.

Tuna Recreativa A Juventude Chelense

A Tuna Recreativa A Juventude Chelense, com sede no Palácio da Conceição, em Chelas começa esta noite a festejar as suas bodas de ouro, com uma sessão solene, ás 22 horas, seguida de distribuição de diplomas e de baile, abrilhantado pelo conjunto musical «The Royal Jazz». No domingo, ás 16 horas, começará outro baile, com o mesmo conjunto.

Despedido há pouco de uma firma furtou dali 40 contos

Um principiante na prática do crime deu largo trabalho ao chefe Seiça e aos agentes Estorninho e Salvação, que se encontravam de piquete e a quem fora comunicado que haviam sido assaltadas as instalações da firma de camionagem Rosa do Ouro, Ld.ª, na Avenida Almirante Reis, n.º 237-B.

O caso apresentou-se desde logo envolto em grande mistério, até porque ele só poderia ser praticado por alguém que conhecesse perfeitamente o local e os hábitos da casa. As diligências, prolongaram-se pela madrugada fora, pois se a suspeita recaía numa pessoa que depois se verificou estar absolutamente inocente, havia que identificar determinado indivíduo, que os investigadores se convenceram logo tratar-se de um antigo empregado.

Assim, já ao alvorecer do dia, deitaram a mão a Mário Augusto de Carvalho Sequeira, de 18 anos, que há cerca de mês e meio havia sido despedido da referida firma.

Preso e conduzido para a sede da Polícia Judiciária, logo contou ao chefe Seiça que, após escalamento e utilização de chave falsa, penetrara nas instalações da referida firma a uma hora que tinha conhecimento de que a sua proeza tinha possibilidade de êxito e ali furtara a importancia de 44.000$00. Esta verba foi apreendida na sua residência, numa mesa de cabeceira e dentro de um livro.

Reuniram-se em Lisboa

os concessionários Vauxhall

Na sede da General Motors Overseas Corporation (Lisbon Branch) realizou-se uma reunião especial integrada no programa do concurso de vendas Vauxhall Victor, cuja iniciativa foi levada a efeito por aquela importante organização, e na qual tomaram parte todos os respectivos concessionários e seus vendedores.

Após uma saudação o sr. J. J. Bodie, director de vendas de veículos da GM, os srs. J. Granger Pinto, C. T. Northe, R. H. Boniface proferiram interessantes palestras, seguidas da projecção de duas películas que documentam a profunda atenção que a fábrica Vauxhall dedica ás experiências levadas a efeito com os seus protótipos.

Nessa reunião foram distribuídos os prémios áqueles que efectuaram maior numero de vendas durante o concurso, sendo os principais os seguintes: Uma viagem a Roma para 2 pessoas, ao Sr. António Pimenta, da firma António Sardinha, e uma viagem a Madrid, também para 2 pessoas, ao sr. António Flórido Alvaro, da firma António Flórido Alvaro & Filhos, Lda.

A pedido da General Motors, o sr. La Force, director da TWA, fez a entrega dos 4 bilhetes daquelas viagens, que se efectuarão em aviões «Jetstream» da referida companhia de aviação.

A terminar foi servido um «cocktail».

Concurso público

para a construção duma ponte

Está fixado para o dia 28 de Outubro, um concurso publico, no distrito de Portalegre, para a construção da nova ponte do Rasquete, sobre a albufeira de Montargil, na Estrada Nacional n.º 2. A base de licitação é de 2.655 contos.

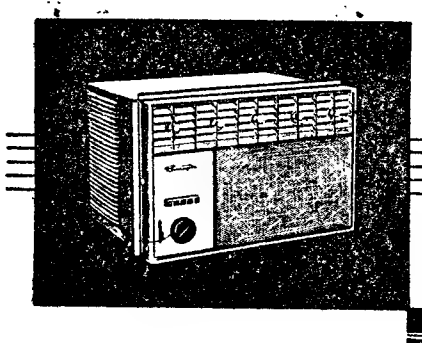
DE LUTO

Mário Gonçalves

Faleceu o sr. Mário Gonçalves, de 52 anos de idade, natural de Lisboa, despachante da Sociedade Geral, casado com a sr.ª D. Ausenda de Carvalho Suspiro Gonçalves.

O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da Igreja de S. Vicente de Fora, para o cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
TELEFONES 43189—43180—55301—66 27 72—08 00 22



Condicionadores de ar Remington, monoblocos de fácil colocação em janelas ou paredes.

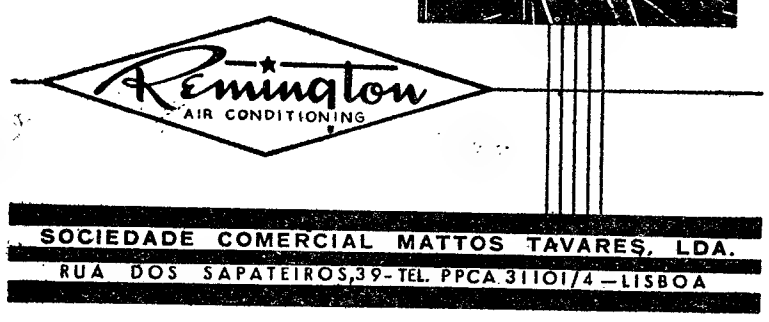
O «Incremental System» da Remington tornará util também no Verão, o seu actual sistema de aquecimento central.

A Remington possui aparelhos móveis permitindo a fácil deslocação para qualquer sala a utilizar de momento.

Centrais de condicionamento de ar para instalações hospitalares.

Centrais de grande potência para lugares publicos.

Os Remington têm garantia, e mais de 50.000 horas de vida util.



SOCIEDADE COMERCIAL MATTOS TAVARES, LDA.
RUA DOS SAPATEIROS, 39 - TEL. PPCA 31101/4 — LISBOA

sai ao lavar!

QUINK

Royal Blue Lavável

A tinta Quink Lavável, como o seu próprio nome indica, sai fàcilmente das roupas e dos dedos ao lavar. Como medida de segurança — Quink Lavável. Se pretende uma tinta fixa — Quink Permanente.

PREÇOS DE ESC. 7$00 A ESC. 78$00
Distrib. Exclusivos: PAPELARIA DA MODA — R. do Ouro, 167 — LISBOA

Lãs a Peso

Para tricotar á máquina e á mão
GRANDE SORTIDO
PREÇOS DE FABRICA
CASA GRILO
RUA DA CONCEIÇÃO, 71-73

Pérola de S. Domingos

R. DOM ANTÃO ALMADA, 5-D

Vende-se os melhores cafés e chás, também o maior sortido em plantas da Flora Nacional e tropical, que são a nossa saude. E' a natureza ao nosso serviço. Procure ser saudável, sentir mais energias e melhor disposição.

(Defronte da igreja)

DINHEIRO
COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.as HIPOTECAS
RAPIDEZ E SIGILO
A FINANCIADORA
EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3
NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12

ATENÇÃO — GUARDE
3.ª e 4.ª Classes
ESCOLA DE ADULTOS
EXAMES c/ dipl. garantidos
L. Chão do Loureiro, 1-2.º
Tel. 862244

João Marques Castanheira

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Sua família participa que manda celebrar missa por sua alma, no próximo dia 29, segunda-feira, na Igreja dos Mártires ás 10 horas e na Igreja de Carcavelos, ás 12,30 horas, desde já agradecendo a quem se dignar assistir a este piedoso acto.

Na impossibilidade de agradecer directamente a todas as pessoas por desconhecimento de moradas, recorre-se a este meio para, muito penhoradamente, agradecer a quem se incorporou no funeral ou, de qualquer outro modo, haja manifestado o seu pesar.

BONS SONHOS!

num colchão de espuma de borracha Dunlopillo.

Sim! Você poderá ter sempre um sono profundo e repousante com um colchão DUNLOPILLO feito de espuma de borracha.
Note bem que todos os colchões DUNLOPILLO têm a etiqueta DUNLOPILLO.

COLCHÕES - ALMOFADAS - ASSENTOS

Dunlopillo

ESPUMA DE LATEX — FABRICO INGLÊS

Representantes em Portugal
CASA GRAHAM - LISBOA - PORTO

Para tirar o carvão dos segmentos
USE SEMPRE
REDEX
NA GASOLINA
DIRIJA-SE AO SEU GARAGISTA OU A AGENCIA GERAL
ROMA, LDA.
R. do Salitre, 84-5.º-Dt.º - T. 46541
LISBOA

Circuito Turístico
DA REGIÃO DOS 3 CASTELOS

visitando: — Cabo Espichel, Sesimbra e Castelo, Arrábida e Portinho, Setubal e Castelo. Castelo de Palmela e Azeitão

Preço de 60$00

Realiza-se todas as 4.as feiras e domingos
Concessionários Exclusivos:
JOÃO CANDIDO BELO & C.ª LDA.
Vila Fresca de Azeitão

CONSULTE A SUA AGENCIA DE VIAGENS ou em Almada — T. 070188 e Azeitão — T. 028029/028062

Estes Circuitos são realizados nos melhores autocarros e acompanhados por guia.

CAIAÇÕES:

Juntando-lhes um pouco de «DEKOROL», elas ficam resistentes ao atrito e ás intemperies e com a aparência de pintura. BELEZA E ECONOMIA.

Informa o representante exclusivo: R. QUEIROZ — Rua Rodrigues Sampaio, 55, 1.º — LISBOA — Telefone 5 00 36.

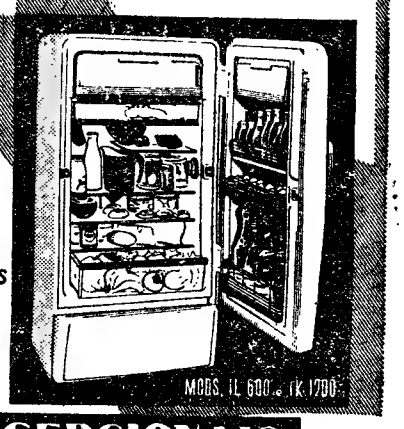
ANTES E DEPOIS DO BANHO DE SOL
use APYROL
O produto referido desde 1933

IGNIS

A MELHOR E MAIS CUIDADA PRODUÇÃO EUROPEIA DE FRIGORÍFICOS DE LUXO

4 MODELOS DE SÓLIDA CONSTRUÇÃO E IMPECÁVEL ACABAMENTO

MODELO I 400 — 140 LITROS
» IL 600 — 160 »
» I 800 — 180 »
» IK 1.200 — 200 »



PREÇOS EXCEPCIONAIS

GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO COM PRESTAÇÕES MENSAIS DESDE 170$00

- INTERIOR EM ESMALTADO PORCELANA
- CONGELADOR DE GRANDE CAPACIDADE
- PORTA COM APROVEITAMENTO TOTAL
- GAVETA PARA CARNES • GAVETA PARA LEGUMES
- MANTEIGUEIRA • LUZ INTERNA AUTOMÁTICA
- UNIDADE SELADA DE GRANDE RENDIMENTO E PEQUENO CONSUMO
- 5 ANOS DE GARANTIA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, LDA.
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 45 • TELEF. 5 91 81 • LISBOA
NO NORTE: — M. SIMÕES JR., LDA. • R. ST.ª ANTÓNIO, 208 • TEL. 25581 • PORTO

Delegação em Coimbra:
AV. FERNÃO DE MAGALHÃES, 32-2.º

Teatros e Cinemas

(Continuação da 4.ª página)

rio Alberto, Moniz Pereira, Hernani e Rui Martins, que originaram vistosos cenários, entre os quais se movimentam belos figurinos desenhados por Pinto de Campos. Por sua vez, o poema da autoria de Aníbal Nazaré, Amadeu do Vale e Rui Martins, com musica de Fernando de Carvalho, Carlos Dias, Tavares Belo e Bibi Ferreira, serve perfeitamente os objectivos da revista, á antiga portuguesa, ainda que sofrendo as inibições da presente (que não moderna) situação teatral.

Superando quanto era justo esperar, num esforço de conjunto digno dos maiores louvores, os componentes do grupo entregaram-se ao «jogo» de alma e coração. O «quinteto avançado» foi positivamente diabólico, como se diz em boa linguagem futebolistica: Bibi Ferreira, António Silva, Barroso Lopes, Humberto Madeira e Mimi Gaspar, desenharam as melhores «jogadas» da noite, quase todas elas bem finalizadas não com potentes remates ás balizas, mas com preciosos «toques», que sensibilizaram o poder de agrado da plateia, instigando-a aos aplausos, que foram muitos e quentes e merecidos, para premiar também a frescura e o á-vontade de Guida de Carlo, Lucinda Amaral, Lynne Mota, Adelaide Vital, Gracinha, La Féria e Maria Nazaré, bem como do elegante grupo de «girls», orientadas por Carlos Alberto.

Eugénio Salvador, «capitão» da equipa, deve ter chegado ao fim esgotado. Não parou um só minuto, acorrendo á defesa, vindo ao ataque, pisando todo o terreno. Foi o verdadeiro «interior», orientando os companheiros, ultrapassando vantajosamente os limites da sua missão, porquanto tão depressa «jogou» á esquerda como á direita (alta e baixa) enchendo por completo todo o «campo», da ribalta ao pano de fundo. Merece os nossos parabéns, como merece também as palmas que o publico lhe dispensou no final da função.

E' perfeitamente dispensável desejar um triunfo a «Por causa delas...». Limitemo-nos a fazer votos por que a «equipa» de Salvador continue a meter «golos» na bilheteira do Maria Vitória.

V. D.

Atrás do reposteiro

O regresso a Lisboa dos artistas e demais componentes da companhia do Teatro Nacional Popular, que se encontram no Funchal, teve de se desdobrar em dois grupos. Um que embarca hoje, e outro, na segunda-feira.

— O tenor Guilherme Kjölner também intervirá na interpretação do novo filme português «A costureirinha da Sé».

— Vai deixar o elenco do Teatro ABC o actor Carlos Valério, que voltará á T V Portuguesa.

— A empresa do Teatro Sá da Bandeira, do Porto, foi feita proposta para a actuação, em Dezembro, da companhia brasileira de revistas do actor Silva Filho.

— A distribuição das figuras da peça «Os fantasmas são gente rica», que está em ensaios na T V Portuguesa é a seguinte: «Fay», Alma Flora; «Fantasma», Carlos Duarte; «Mary», Susana Prado; «Telma», Maria Albergaria; «Joel», Alexandre Vieira, e «Fred», Luís Cerqueira.

— O autor teatral portuense Avelino Carneiro, está a organizar uma companhia de revistas, que actuará num teatro do Porto.

— Para a companhia que deverá fazer a temporada de Inverno no Teatro Avenida está indicado o actor Henrique Santos, que actualmente faz parte da companhia do Teatro Monumental.

— O empresário Joaquin Gasa, estreou no Teatro Cómico de Barcelona, a revista «Arrivederci Roma», desempenhada por artistas espanhois e italianos.

— Pelo Fundo do Teatro foram concedidos subsidios a companhias que vão actuar nos teatros da Trindade e Avenida.

— De passagem para o Rio de Janeiro, estará hoje em Lisboa o escritor teatral brasileiro Daniel Rocha, presidente da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

— Apresenta-se hoje em Coruche o Grande Circo Mariano.

Marcia Condessa

Restaurante Típico — Praça da Alegria, n.º 38 — Tel. 367093
MARCIA CONDESSA: proprietária deste Restaurante, comemora amanhã o seu «Aniversário Natalicio» com: Grande parada de artistas e uma grande surpresa. E ainda com o elenco privativo desta casa. — Todos os dias: Jantares e Ceias

Primeiras exibições

«Génio e loucura», no Eden

Entre os «monstros sagrados» do teatro inglês, Kean figura em primeiro plano. E' curioso verificar que na Grã-Bretanha — e isto atesta um grau superior de cultura — todos os verdadeiros artistas são kespereano. Sem essa prova, nem coroas de glória, nem triunfos multitudinários.

Da vida violenta, desregrada e genial de Kean, figura que físicamente o nosso instinto aproxima desse bárbaro e faustoso colosso que é Orson Welles — fez Alexandre Dumas filho uma comédia que os melhores actores universalizaram. Em Portugal, Augusto Rosa e Eduardo Brasão deram-nos esplêndidas criações, cujos lampejos cintilam ainda na visão de muitos.

Por tudo isto foi-nos grato assistir, ontem, á estreia de «Génio e loucura», filme em tecnicolor, recriado do original por Paul Sartre e realizado e interpretado por Vittorio Gassman. O esquema sobre a obra de Dumas Filho foi condicionado, como não podia deixar de ser, á técnica cinematográfica. Gassman é considerado, justamente, o melhor intérprete de Shakespeare na Itália. Admiramos o seu papel mas, sobretudo, a sua realização, impetuosa, dinamica, plena de contrastes, em que atinge um franco realismo. A existência de «Kean» tanto no palco, como na intimidade, os seus lances de degradação e orgulho, como que fazem saltar a trivial casca humana, dando-nos um super-tipo, que não reconhece limites éticos. Ei-lo ídolo amoroso e teatral de um publico empolgado. Sucedem-se os acessos de feroz violência, de misteriosa inspiração, de grosseira brutalidade, de gélido cinismo e de repelente embriaguês. A luz, porém, brilha sempre. E' um facho aceso sobre a vertigem dos abismos das paixões e dos instintos.

A obra tem mesmo — como dizer? — um carácter shakespereano, que não advem, apenas, do apontamento cénico de algumas peças do autor elisabetiano, mas de um estilo que Sartre, adaptador da obra francesa inteligentemente imprimiu ao argumento. A cena, porventura, mais impressionante, é quando «Kean» insulta, no «Otelo», o príncipe e os «lords» que assistem á representação. O seu esforço multiplica-se e tem expressões vigorosas.

Deve ver-se este «Kean» que nos dá uma imagem da grandeza do teatro no século XIX e também o turbulento romance vivido por um titanico artista. No desempenho, duas mulheres são excelentes: Eleonora Rossi Drago, bela e carnal amante, de um voluptuoso louro veneziano e Ana Maria Ferrero (desculpe-se mais esta citação) numa figura pygmaliónica, á Bernard Shaw. Complementos regulares. — *Visor 57.*

Music-hall

Estreia de Roberto Ripa no Casino Estoril

Mais um programa de grande êxito, apresenta o Casino Estoril, em que aparece um dos mais proeminentes intérpretes da canção realista francesa: Robert Ripa, que não é apenas um espantoso cançonetista, de voz portentosa, como também um admirável tocador de viola.

Para os Portugueses, Robert Ripa, que revela a sensibilidade de meridional, tem este duplo interesse: canta no estilo parisiense e o difícil «flamenco», com tal poder interpretativo que os aplausos sucedem-se e parecem não ter fim. Registe-se a sua admirável canção «Niña de fuego», que tem recortes «gitanos».

Também constitui êxito clamoroso o magnífico trabalho dos bailarinos-fantasistas «Pops and Doug», dois artistas de cor, que fazem estremecer a sala com os ritmos alucinantes do «rock and roll».

Numa valorização dos artistas portugueses, Fernando Lima apresenta os quadros coreográficos «Ribatejo» e «Nazaré», que dão a nota alacre e regional de motivos da nossa riqueza folclórica e que os estrangeiros tanto apreciam.

«Anastásia»,

no Tivoli

O Tivoli inicia a próxima temporada das sessões clássicas dominicais, com a exibição do memorável filme «Anastásia» do famoso realizador Anatole Litvak. No que se refere á interpretação, Ingrid Bergman, que encarna a figura de «Anastásia», regressa ao cinema americano depois de sete anos de ausência de Hollywood, e enche com o seu extraordinário talento todas as cenas do filme. Yul Brynner, o famoso intérprete de «O rei e eu», Akim Tamiroff e Helen Hayes são as restantes figuras centrais deste excelente filme que o Tivoli exibe amanhã, ás 11 horas.

«Lágrimas da ribalta»,

no Monumental

«Lágrimas da ribalta», com Henry Fonda e Susan Strasberg, é o drama da gente do teatro, narrado com uma agudeza e um realismo impressionantes. A realização, de Sidney Lumet, tem ritmo notável e construção segura.

Sessões gratuitas

de cinema

Não se efectuam amanhã as habituais sessões de cinema gratuitas, no Pavilhão dos Desportos, promovidas pela Camara Municipal de Lisboa, dedicadas ás crianças da capital, em virtude de haver, á mesma hora, um outro espectáculo.

CARTAZ DO PORTO

Para amanhã dia 28

COLISEU — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «O Adeus ás Armas».
RIVOLI — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «Milagre de amor».
SÁ DA BANDEIRA — Ás 21 e 30 — «Vidas turbulentas».
BATALHA—Ás 21 e 30—«A águia voa ao sol».
TRINDADE — Ás 21 e 30 — «Samba fantástico».
OLIMPIA—Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «O tubo da morte».
NUN'ALVARES — Ás 21 e 30 — «Rainha até ao fim».
AGUIA DE OURO — Ás 15 e 30 e 21 e 30 — «Gangster's de Paris».
S. JOÃO—Ás 21 e 30—«Uma aventura em Veneza».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «Vera Cruz».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30— «Ferida luminosa».

Vida artística

Comunicação de um Português no XIX Congresso Internacional de História da Arte

Em Paris, no anfiteatro Turgot da Sorbonne, o crítico de arte Luís Reis Santos, director do Museu Machado de Castro, de Coimbra, fez uma comunicação ao 19.º Congresso Internacional de História da Arte.

No seu trabalho, intitulado «O Escultor Francês do Século XVI, Jacques Loquin», Reis Santos reuniu e forneceu elementos para a identificação da obra e definição da personalidade artística do notável escultor que trabalhou em Córdova e em Coimbra, onde faleceu.

Baseado em documento e na crítica do estilo de uma parte representativa dos seus notáveis trabalhos, o historiador de Arte português, atribuiu a Jacques Loquin o pulpito de Santa Cruz e os relevos dos claustros da Manga e do Silêncio.

Pierre Pradel, conservador-chêfe da secção de escultura do Museu do Louvre, comentou a comunicação, que despertou vivo interesse, pondo em relevo a sua importancia para a história da escultura francesa e felicitando o seu autor, o unico Português que apresentou uma comunicação ao Congresso de História da Arte, realizado este ano, com muito êxito, em Paris.

Dez artistas plásticos convidados a ir a Bruxelas

O presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, dr. José de Azeredo Perdigão, que se encontra, por alguns dias, em Bruxelas, a convite da associação belga «Les Amis du Portugal», foi informado, por aquela associação, de que a mesma se propõe facultar a dez artistas plásticos portugueses a oportunidade de visitarem, em viagem cultural, a notável exposição de Arte Moderna agora patente naquela capital, para o que custeará todas as despesas.

NEYDE

WILMA

COLISEU
Em 2 sessões, ás 20.30 e 22.45

AURISTELA

SPINA

ÊXITO!

MARA

GENE

ALMEIDINHA

ÊXITO!

GIUSEPPE BASTOS
APRESENTA
A GRANDE E ALEGRE

COMPANHIA BRASILEIRA DE REVISTAS

NUM ESPECTÁCULO VERDADEIRAMENTE ULTRAMODERNO!

UMA REVISTA PARA RIR! — UMA REVISTA PARA VER! — UMA REVISTA PARA OUVIR!

ESPEC. P.º 17 ANOS

AI, MEXE... E REMEXE!

Original de J. MAIA, MAX NUNES e ROBERTO RUIZ, com musica do maestro ANTÓNIO LOPES

PORQUE TEM

MUITA GRAÇA! Em numeros como: «Adão», «Professor de Pontuação», «Ai os Meus Nervos», «Radiomania» (a perfeita imitação do Marceneiro), «Duas Viuvas», «Deputado Liberal», «Quem Sabe, Sabe!» e «Gaguinhas»

LUXO E BOM GOSTO! Em numeros como: «Prólogo», «Mambo», «Portas da Vida», «Cafezinho», «Chá-Chá-Chá», «Copacabana Moderna» e dois deslumbrantes finais «Recordando Melodias» e «De Volta ao Brasil»

MÚSICA LINDÍSSIMA! Em «TERRA SECA» e «FADO e SAMBA»

RITMO DIABÓLICO! Em todo o espectáculo e em todas as suas alegres intervenções

UM BRINDE AO PÚBLICO! O frenético samba do Carnaval de 1959 «BOM MESMO, É MULHER»!

OS VIDROS E ILUMINAÇÃO DA «PASSERELE» CENTRAL SÃO DA COVINA

AMANHÃ, DOMINGO, ÀS 16 HORAS — ESPECTÁCULO À TARDE!
PREÇOS POPULARES: GERAL 7$50

As manobras militares

(Continuação da 1.ª página)

do-se um almoço, presidido pelo ministro da Defesa Nacional.

Às 15 e 30, todos seguiram para a zona do exercício, na linha da Ribeira do Sor, onde assistiram ao contra-ataque do inimigo.

No «Tornado» supõe-se que forças inimigas, vindas do Leste europeu, possuindo meios atómicos, biológicos e químicos, mas não fazendo uso desses dois ultimos, invadiram a Península Ibérica, onde se desenvolvem acções de sabotadores e de guerrilheiros. Ao tentar essa invasão, aquelas forças tinham como finalidade impedir a utilização dos portos de Lisboa e de Setubal e inutilizar os aeródromos da faixa Ocidental, dividindo o sistema de forças que defendem o nosso País. Entraram em Portugal, tendo saído ao seu encontro as forças nacionais, neste caso representadas pela 3.ª Divisão.

Nesta altura, as forças inimigas dispõem de possibilidades atómicas já reduzidas; mas conseguiram passar as ribeiras de Sôr, da Amieira, da Ameixoeira e de Muge, depois da tomada de várias cidades, como a de Castelo Branco.

Com o ataque das forças Portuguesas, o inimigo foi obrigado a retirar para além da Ribeira de Sôr. A progressão do inimigo tinha sido feita a coberto de uma reserva que tinha ficado na retaguarda, prevendo a retirada. Finalmente, ele conseguiu organizar-se por detrás do Monte de Sôr, na região de Galveias.

Hoje, ao amanhecer, as forças nacionais atacaram o inimigo, na Ribeira do Sor, formando pequenas bolsas, depois de uma actividade intensa de patrulhas durante a noite passada. E, esta tarde, o inimigo contra-atacou, crianda bolsas e obrigando as nossas forças a recuar, prevendo-se que elas possam deter as inimigas ao fim do dia.

De manhã, foram utilizados meios atómicos, sendo a bomba de máxima potência empregada, de 50 quilos-toneladas.

Tomam parte nestes exercícios 25.000 homens, dos quais 4.000 fazem de inimigos, cerca de 4.000 viaturas, 360 blindados e uma centena de peças de artilharia de vários calibres. E centenas de quilómetros de cabos telefónicos ligam toda a zona das manobras.

As manobras da Força Aerea

Estão em pleno desenvolvimento as manobras de Outono da Força Aérea Portuguesa, que principiaram, conforme noticiámos, no passado dia 22.

De acordo com o que foi superiormente determinado, nesta primeira fase do «Exercício Falcão», as unidades em manobras têm efectuado principalmente, acções de defesa aérea, para adestramento de conjunto dos meios da Força Aérea —Centro de «Contrôle» Aéreo, estações de detecção, alerta e conduta de intercepção e unidades de caça — e dos meios, para este efeito, postos sob o «contrôle» operacional do comandante do agrupamento da F. A. — artilharia anti-aérea pesada e ligeira. Em beneficio das forças terrestres em manobras, a Força Aérea tem cumprido até esta data missões de reconhecimento e cobertura aérea. Nos dias 22, 23 e 24, a Caça efectuou numerosas saídas em missões de intercepção — de incursores «inimigos», ou para reconhecer aviões não identificados — e em missões de patrulha para cobertura das forças terrestres. A aviação de reconhecimento efectuou várias saídas, para reconhecimentos á vista e fotográficos nas posições «inimigas» tendo em 24 efectuado a cobertura fotográfica da posição de postos avançados «inimigos», na frente atribuida ao ataque da 3.ª Divisão das forças terrestres. A forma como vêm decorrendo os exercícios tem mostrado um nivel muito satisfatório de eficiência dos meios e do treino do pessoal.

A participação portuguesa nos exercícios da N.A.T.O.

No decorrer das manobras N. A. T. O. que, sob a designação de Exercício Ship Shape», se têm efectuado, no decorrer dos ultimos dias, com a cooperação das Forças Armadas portuguesas, os aviões «Harpoon» da nossa Força Aérea executaram uma série de missões anti-submarinas a partir da Base Aérea de Culdrose. Aviões «Shackleton», da «Royal Air Force», têm executado missões semelhantes, partindo da nossa Base Aérea do Montijo. Isto põe em foco, uma vez mais, a real e proficiente integração das Forças Armadas N. A. T. O., como uma força defensiva completamente unificada.

Crime em Londres

atribuido a motivos raciais

LONDRES, 27. — No bairro popular de Stepney, houve um crime misterioso que se atribui a motivos raciais.

Uma mulher de 29 anos foi apunhalada num «cabaret». Moltalmente ferido, ainda conseguiu fugir do recinto e correr uns dez metros, tombando, por fim, numa travessa deserta. Perto do local, a Polícia descobria pouco depois, num descampado, um homem de cor gravemente ferido.

Dizem testemunhas que o Negro foi perseguido por uns sessenta homens armados de navalhas e tijolos, que acabaram por cercá-lo e linchá-lo. A Polícia tenta apurar se há relação entre os dois crimes, suspeitando de que o Negro foi abatido depois de atacar a mulher. — (F. P.).

CAIU UM AVIÃO

atingido por um raio

SEUL (Coreia do Sul), 27. — Durante uma violenta tempestade, explodiu no ar um avião norte-americano, que se despenhou, depois, em chamas, na margem de uma pequena ilha do rio Han, morrendo os três tripulantes. O aparelho, que fora atingido por um raio, ficou reduzido a um monte de ferros calcinados. — (A. N. I.)

«Miss Praia das Maçãs»

vai ser esta noite eleita

Continuando na sua digressão pelas praias portuguesas, o «Cliper Musical» promoveu, esta noite, na «boite» da Piscina da Praia das Maçãs», mais um festival com a participação dos artistas Tristão da Silva, Sarita Rey, José Manuel, Luisa Neves, Claudio José e Maria Etelvina. O espectáculo, que constá de baile e variedades, é dirigido pelos locutores Manuel Celeiro e Fernanda de Almeida. Nele será eleita «Miss Praia das Maçãs». Em 3 de Outubro, será eleita «Miss Praia de Portugal», no decorrer de um festival, no Cinema Monumental, em segunda «matinée».

Os Trabalhistas britânicos

publicaram o programa do governo a apresentar no seu próximo congresso

LONDRES, 27 — A direcção do Partido Trabalhista aprovou o programa de política estrangeira que o partido aplicaria se assumisse o Governo, e vai apresentá-lo no Congresso Trabalhista de Scarborough. O programa contém seis pontos:

1) — **Extremo Oriente:** — O Governo britanico deve insistir com o Governo americano para que este não se envolva na defesa das ilhas costeiras chinesas (Quemoy), as quais devem ser entregues á China. As ilhas Formosa e Pescadores devem ser neutralizadas sob a égide da O. N. U. Um plebiscito decidiria o destino destas ilhas. A China comunista deve entrar para a O. N. U.

2) — **Médio Oriente:** — O Governo britanico deve restabelecer relações diplomáticas com a República Árabe Unida. Os países do Levante, produtores de petróleo ou não, devem juntar-se num organismo internacional de auxílio integrado na O. N. U. As grandes potências, agindo no quadro da O. N. U., devem garantir as actuais fronteiras de Israel.

3) — **Europa:** — Plano de «desnuclearização» na Europa Central, que compreende: a) — a retirada gradual das forças estrangeiras das duas Alemanhas, da Polónia, da Checoslováquia e da Hungria; b) — instituição de uma fiscalização eficiente dos armamentos e efectivos militares destes países; c) — reunificação da Alemanha garantida pelas quatro potências com eleições livres, sendo os métodos e meios discutidos pelos próprios Alemães; d) — tratado de segurança europeia que garanta os territórios destes países; e) — retirada destes países da N. A. T. O. e do Pacto de Varsóvia.

4) — Reforço da autoridade da O. N. U. e aceitação pela Inglaterra da competência do Tribunal Internacional de Haia em todas as questões e sem reservas.

5) — Suspensão imediata das experiências nucleares e negociação de um acordo geral de desarmamento fiscalizado.

6) — As rampas de lançamento de foguetões americanas na Inglaterra devem colocar-se sob jurisdição britanica. Enquanto não se reune a Conferência, não deve equipar-se o Exército alemão com armas nucleares

Na conclusão, o programa trabalhista lembra «que nenhum Governo tem o direito de sujeitar de maneira permanente outros povos ao domínio estrangeiro», e acrescenta: «Rejeitamos completamente toda a doutrina de superioridade racial. Entendemos que as nações mais ricas devem ajudar as nações pobres. Cremos que só a associação livre e igual de todos os povos pode assegurar uma paz estável». — (F. P.).

Só há duas formas

de curar o cancro

FRANKFORT, 27. — A luta contra o cancro foi o tema principal do Congresso da Sociedade Alemã de Ginecologia, reunido nesta cidade.

Os especialistas Alemães e estrangeiros fizeram notar que só existem dois meios para curar o cancro: a operação ou o tratamento pelas radiações. Concluiram, igualmente, que não existem géneros alimentares produtores do cancro nem regimes anticancerosos específicos. — (ANI).

PRÉDIO DESTRUIDO

por violento incêndio

ENTRONCAMENTO, 27. — (Pelo telefone)—Na vizinha localidade de Meia Via, deflagrou, esta madrugada, um violento incêndio no 1.º andar do prédio onde reside o sr. Joaquim Jerónimo, casado, de 47 anos, comerciante, que ali tinha também um estabelecimento de vinhos. Os denodados esforços dos bombeiros do Entroncamento e Torres Novas, que lutaram com a falta de água, não impediram que as labaredas deixassem apenas as paredes exteriores da construção. Os prejuizos totais são importantes, supondo-se que o sinistro foi motivado por curto-circuito.

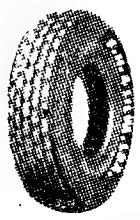
Sepultado na areia

ABRANTES, 22 (Pelo telefone)— Hoje, deu-se um grave desastre, perto da passagem de nivel de Alferrarede, no sitio de Fonte Quente. Um tractor, que seguia com um atrelado carregado de areia, despenhou-se ali numa vala de dois metros de altura, tendo ficado morto o condutor Gabriel Quintas, de 30 anos, que deixa três filhos menores. Acudiram os bombeiros e numerosos populares que, a muito custo, retiraram o corpo do meio da areia e dos destroços.

Leiam o jornal humorístico

sempre fixe

PNEUS NOVOS E USADOS



de todas as medidas vendem-se:
F. H. & Silva, Ld.ª
Telef. 775395
RUA OLIVEIRA MARTINS, 9-A
(á Avenida de Roma)

MAÇÃO

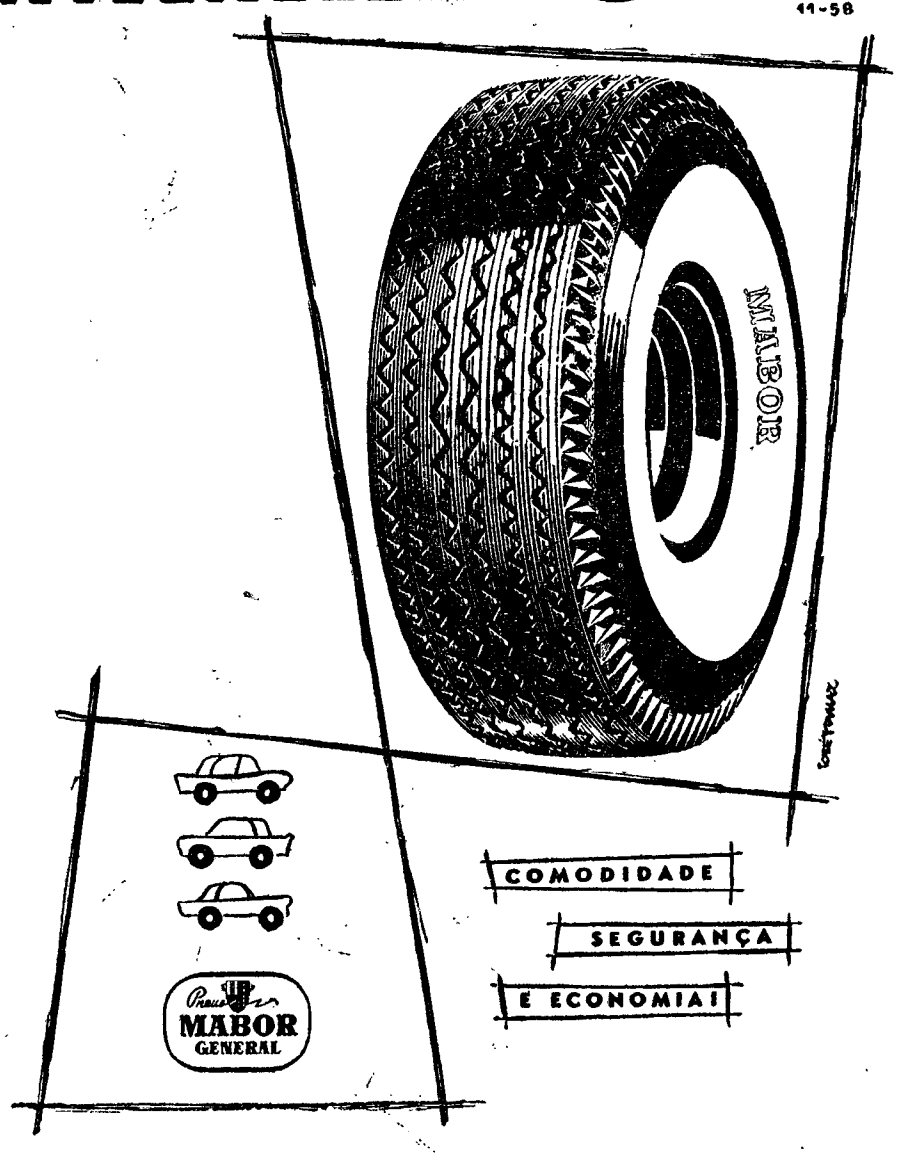
Maria Antónia Rocha

FALECEU

Rocha & Coelho, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento da Mãe de seu sócio José Rocha e que o funeral se realiza amanhã, ás 10 horas, para o Cemitério local

MABOR

11-58



C. M. L.

Empreitada n.º 205/58—Construção dos edifícios de interesse local (Biblioteca e salão de festas) junto ao Grupo Escolar do Poço do Bispo

Em 16/9/958, ás 10 h., realiza-se no Pavilhão dos Desportos o concurso em epígrafe sendo a base de licitação de 536.283$00.

O depósito provisório, de 13.407$10, é efectuado na C. G. D. C. P., suas filiais, agências, ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao Programa de Concurso-Tipo publicado no D. M. n.º 6.663, de 25/6/957

O concorrente deve enviar a proposta pelo correio em carta registada pelo Serviço de Correios «exprès», para a 2.ª Rep. da D. S. F. da C. M. L. (R. Gomes Freire, 94) de modo a ser recebida até á véspera do concurso e o envelope deverá indicar claramente o concurso a que se refere.

O projecto está patente na 2.ª Rep. da D. S. F. (R. Gomes Freire, 94), das 9 ás 12 e das 14 ás 17 h.

Lisboa, 23/9/958.

O Vice-Presidente,
LUÍS PASTOS DE MACEDO

DIARIO DE LISBOA

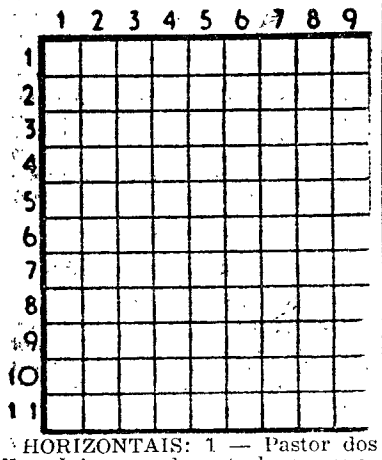
HÁ TRINTA ANOS

Da primeira página do «Diário de Lisboa» de 27 de Setembro de 1928: «Faleceu esta madrugada em Lisboa o antigo profissional da Imprensa sr. Joaquim Rosário de Albuquerque, que durante muitos anos foi reporter e ultimamente cronista parlamentar de vários jornais da capital. Era um jornalista honesto e trabalhador, que se impôs sempre pela sua linha de conduta e que nos meios jornalisticos gozava de inumeras simpatias».

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA ORDEM

Problema n.º 3459



HORIZONTAIS: 1 — Pastor dos Herminios que durante largos anos resistiu ás legiões romanas. 2 — Restabelece. 3 — Prefixo de negação. Coragem. Vi. 4 — Tombou. Sulquem. 5 — Interjeição usada para fazer com que as bestas levantem as patas. Punhal dos antigos romanos. 6 — Em partes iguais. Nociva. 7 — Que não sofreu alteração. 8 — Comparecer. Braço de mar. Estrépito de desmoronamento. 9 — Dar mios. Verdadeiro. 10 — Navegai. 11 — Ratou Serra de Portugal.

VERTICAIS: 1 — Abastada. Provincia de Portugal na Oceania. 2 — Caixa forrada para roupas. Escarneci. 3 — Comparecer. Levantam. Rio de Portugal. 4 — Manada de cavalos. Enganou-se. 5 — Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Empunhei. 6—Negras. Serra de Portugal. 7 — Basta! Verseja. Aqui está. 8 — Rio de Portugal. Batráquio. 9 — Rio de Portugal. Coima.

Solução do problema n.º 3458

HORINZONTAIS: 1 — Salamanca. 2 — Uva. Ais. 3 — Mó. Itu. AC. 4 — Arara. 5 — Vai. Dra. 6 — Mira Ions. 7 — Ar. Mar. Tó. 8 — Dos. Mês. 9 — Ruim. Cosi. 10. — Maior. 11 — Dó. Sãs Rs.

ERTICAIS: 1 — Sumo. Madrid. 2 — Avô. Virou. 3 — Lá. Aar. Sim. 4 — Iriam Mas. 5 — Mata. Aí. Ia. 6 — Urdir. Cós. 7 — Na. Aro. Mor. 8 — Cia. Antes. 9 — Asca. Sósias

FRIMATIC

Um frigorífico tão económico com uma máquina tão universalmente famosa. É equipado com o grupo compressor hermético americano «Tecumseh» de grande rendimento, com 5 anos de garantia.

Linhas elegantes. Acabamento perfeito. Bom aproveitamento do espaço: grande capacidade em pequena área. Congelador a toda largura com equitativa distribuição de frio. Produção rápida de sorvetes e gelo. Funcionamento automático e silencioso. Consumo económico.

- LUXO
- ELEGÂNCIA
- QUALIDADE
- CONFORTO
- ECONOMIA

ILE-DE-FRANCE	4.500$00
CHAMPAGNE	5.500$00
AQUITAINE	6.500$00
ARMAGNAC	7.500$00
CHATELAINE	8.500$00

ADQUIRA UM BOM FRIGORÍFICO COM 130$00 POR MÊS

25 MILHÕES DE MÁQUINAS TECUMSEH ESPALHADAS PELO MUNDO ASSEGURAM A QUALIDADE DESTE FRIGORÍFICO

FOGAS, L.DA

Av. 5 de Outubro, 84

Telef. 764081 LISBOA

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO I — União — Estrada de Benfica. 592-594, Tel. 780092 Vitex—Estrada de Benfica. 373-B Tel. 780548. Curie — Avenida Madame Curie. 15-A. Tel. 778439. Leal de Matos—Rua Neves Costa. 33-35 Carnide. Tel. 780181. Laranjeiras (Das)—R Filipe da Mata. 160-162. Tel. 761035. Central do Lumiar — Rua do Lumiar. 77, Tel. 779480. Brasil — Avenida Rio de Janeiro. 66-66/A Tel. 722368; Sanex—Avenida da Igreja. 31-C, Tel. 776905. Belmar — Avenida de Roma 53-A Tel 776314. Algarve — Avenida de Roma. 7-B. Tel. 777478. Garantia — Avenida Padre Manuel da Nobrega 5-A/B. á Praça do Areeiro. Tel. 727300; Onilda — Avenida João XXI 13-A. Tel 726848; Campo Pequeno (Do) Av da Republica. 58-D-E Tel 771661. Vale—Avenida Marquês de Tomar 45-49. Tel 773043. Palma — Avenida Duque de Avila. 25-31. Tel. 47088; Imperio. Ld. — Rua Filipe Folque 40-A/B. Tel. 48002; Salus — Rua Luciano Cordeiro. 73. Tel. 42239 Ascenso — Rua 27 41. Bairro da Encarnação. Tel 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia. 19. Tel 389237. Conceição — Calçada D. Castão. 30-32. Tel. 381279. Luzmar — Rua 2. 16—Bairro de Santa Engrácia Tel 728395; Pereira Suc.—Rua do Paraiso 98-100 Tel 863224. Silva — Calçada de Santo André. 16 Tel 862074. Branquinho — Rua dos Sapadores 87 Tel 842725; Ibéria — Rua Barão de Sabrosa 235-A—á Alameda—. Tel 728277; Candido Monteiro — Av Almirante Reis. 121-B. Tel. 45751 Góis. Ld. Suc — Rua dos Anjos 12-C/D. antiga Rua do Registo Civil. Tel 840101. Ribeiro & Castro Ld. — Rua Braamcamp. 58. Tel 43409; Salutar — Rua B. 75-A/B Bairro da Liberdade. Tel 683694 Judice de Oliveira — Rua de Campolide. 54-A Tel 684424; Pinheiro — Rua de Campo de Ourique. 131-133 Tel 663640; Janeiro — Avenida Alvares Cabral 100 ao lado do Liceu Pedro Nunes. Telefone 661453. Tagus — Praceta Possidónio da Silva — lote 3. Tel. 669485. Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório JPM 3. Tel. 610256; Gomes. Suc. (Gonçalves) — Rua da Junqueira. 326 Tel. 638193; Costa — Rua dos Lusíadas 32. Tel. 636704; A César — Rua Prior do Crato 74 Tel. 660187; Pinheiro — Rua Presidente Arriaga. 16. Telefone 661867; S. Nunes Simões. Suc. — Rua do Quelhas. 1. Tel. 661275; Africana — Rua Bernardino Costa. 45. Tel 29120. Pinharanda — Rua da Rosa 94-96 Tel 21534; Lima Amaro. Suc. — Praça da Alegria. 27-28. Tel. 21149; Cortez — Rua de S Nicolau. 93. Tel 25378

SEMANA DO CONTRIBUINTE

IMPOSTO COMPLEMENTAR

Reclamações e recursos

Contra o lançamento e liquidação do imposto complementar podem os contribuintes reclamar e recorrer, nos termos e prazos estabelecidos no Decreto n. 16.733, de 13 de Abril de 1929, e legislação complementar subsequente, com os fundamentos aplicáveis do artigo 59. do mesmo decreto.

Obs. — Termina dentro do prazo de *noventa dias*, contados do dia imediato, inclusive, ao primeiro dia util do mês de Julho ultimo, o prazo para serem apresentadas reclamações sobre o lançamento e liquidação deste imposto.

Não serão admitidas reclamações nem recursos circunscritos ao imposto complementar quando tenham por fundamento a cessação ou erro na matéria colectável da contribuição ou imposto principal

Decreto n.º 40.788, de 28 de Setembro de 1956, artigo 33.º e parágrafo unico.

IMPOSTO PROFISSIONAL

Empregados por conta de outrem

Cessação

Participar na competente secção de finanças, no prazo de 15 dias, a contar daquele em que o facto se verifique, a cessação do exercício de profissão.

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

Sociedades anónimas e comanditas por acções

Até 15 de Outubro de 1958

Apresentar na competente secção de finanças:

1.º — Uma declaração do modelo oficial;

2.º — Um exemplar dos estatutos com todas as alterações que lhes tenham sido feitas; (a)

3. — Certidão passada pela respectiva Camara de Corretores, da cotação média das suas acções no ultimo ano civil;

4.º — Um exemplar do ultimo relatório aprovado pela assembleia geral; e

5.º — Requerimento acompanhado de certidões comprovativas do pagamento de contribuição predial, a que as respectivas sociedades estejam sujeitas, para lhes ser deduzida na colecta industrial (b).

Obs. — (a) Não havendo obrigação de renovar a apresentação, enquanto não houver qualquer alteração aos estatutos.

Decreto n.º 16.731, art.º 38.º, parágrafo 2.º.

Decreto n.º 36.116, artigo unico.

(b) Rec. n.º 10.155, in «Diário do Governo», n.º 41. 2.ª série, de 18 de Fevereiro de 1950.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental, o vento era fraco, o Céu estava pouco nublado, á excepção do litoral Oeste, em que estava muito nublado, por acção de uma massa de ar transportada na circulação conjunta de um anticiclone centrado próximo da ilha da Madeira e de uma depressão centrada a Norte do Porto.

Temperaturas ás 9 horas: Porto, 16°; Coimbra, 19°; Lisboa, 20°; Faro, 22°; e Funchal, 23°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu pouco nublado, por vezes muito nublado, vento fraco, possibilidade de chuva fraca, a Norte do rio Mondego.

TELEVISÃO

21 — Abertura da emissão; 21 e 2 — Noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10 — «Tele-Desporto», programa semanal da actualidade desportiva; 21 e 40 — Jornal de actualidades internacionais; 21 e 50 — «A Imprensa — De Gutemberg aos nossos dias»; 22 e 5 — «Um navegador solitário» (reportagem R. T. P.); 22 e 15 — História de uma grande aventura: «Os dez mandamentos»; 22 e 25 — «Café-Concerto»; 23 e 10 — Actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 20 — «Na rua e na estrada»; 23 e 40 — Fecho da emissão.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

MONUMENTAL — As 21 e 45 — «A rainha do ferro-velho».

COLISEU — As 20.30 e 22.45 — «Ai mexe... e remexe!».

ABC — As 20.45 e 22.45 — «Vira o disco»

MARIA VITÓRIA — A's 20.30 e 22.45 — «Por causa delas...».

CINEMAS

TIVOLI—«Paixões que escaldam»

SÃO LUIZ — «Homens e tubarões».

SÃO JORGE — «Na rota do inferno».

IMPERIO — «Noites de Cabiria».

EDEN — «Génio e loucura».

POLITEAMA — «O homem que não queria matar».

ALVALADE — «Homens e tubarões»

MONUMENTAL — «Lágrimas da ribalta».

ROMA — «A rapariga das violetas».

ODEON — «A rainha do cuplé».

CONDES — «Jovens maridos»

AVIS — «A rapariga das violetas»

CAPITOLIO — No Salão: «Alfaiate... de senhoras». No Terraço «Vidas sem rumo».

RESTELO — «Tempestade sobre Berlim».

ESPL. PORTUGALIA — «Sob o signo do mal».

OLIMPIA — «Duelo sobre o mar»

P PORTUGUÊS — «Homens violentos».

IDEAL — «Os cavaleiros de Carlos Magno».

Convite aos oficiais

milicianos de artilharia

O Regimento de Artilharia Pesada n.º 1, convida todos os tenentes milicianos de artilharia que desejem frequentar o curso de capitão do Quadro de Complemento com início em 13 de Outubro próximo, nas especialidades de Artilharia de Campanha e com duração de doze semanas, entregar, no Grupo de Mobilização deste regimento, declarações feitas em papel selado, até ao dia 2 de Outubro do corrente ano.

— Ainda o mês passado lhe dei cinco tostões... Que fez com eles?

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Operetas; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário; boletim meteorológico e fecho. *Programa «A»* — A's 19: Emissão infantil; 19 e 30: Trechos em piano; 19 e 45: Aguarela brasileira; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica ligeira sinfónica; 20 e 30: Que quer ouvir?; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Trechos em viola espanhola; 21 e 30: Comentário político; 21 e 45: Programa de variedades, em que toma parte a Orquestra Típica. No intervalo: Vozes do Mundo; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores. *Programa «B»* — A's 19: Aspectos da musica moderna; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Concerto de camara, em que colaboram a cantora Beatriz Horta, a violinista Lídia de Carvalho e a pianista Noémia Brederode. No intervalo: Temas portugueses; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Desdobramento; 21 e 20: Primeiro acto da «Fedora», de Giordano; 21 e 45: Quinzena literária; 22 e 15: «Trio n.º 1, op. 8, em si», de Brahms; 22 e 45: Que quer ouvir? «Sinfonia n.º 3, em mi bemol maior, op. 55», de Beethoven; Abertura da ópera «Os Mestres Cantores», de Wagner; 23 e 45: Junção dos emissores.

RÁDIO CLUBE — A's 17 e 30: Variedades; 18: Ritmos de baile; 18 e 30: Fados e guitarradas; 19 e 15: Harry Belafonte; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Solistas; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Trechos recreativos; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Cançonetas; 23: Concerto; 23 e 30: Ritmos de baile do Casino Estoril; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Conjuntos; 0 e 30: Noticiário; 0 e 40: Ritmos de baile. *Estação de Miramar* — A's 18: Paisagem infantil; 18 e 45: Composições de Cruz e Sousa; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário: 21 e 15: Ana Maria Gonzalez; 21 e 30: Orquestras ligeiras; 22: Programa para a mulher; 22 e 5: Brasil; 22 e 30: Conjuntos instrumentais; 22 e 45: Melodias; 23: Trechos de operetas; 23 e 30: Artistas portugueses; 0: Ritmos de baile.

RÁDIO RENASCENÇA — A's 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: França, horizonte do Mundo; 19 e 45: Solos de guitarra; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As ultimas novidades; 21 e 30: Canta Lucho Gatica; 21 e 50: Melodias; 22: No reino das musas; 22 e 20: Aberturas célebres; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30: Rádio Peninsular; 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 á 1: Clube Radiofónico de Portugal.

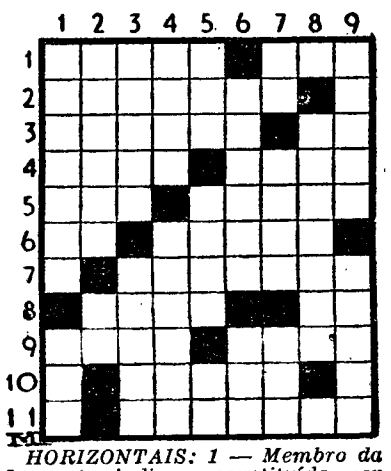
EFEMÉRIDES

No dia 27 de Setembro de 1893 nascia Luís Pasteur.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1373



HORIZONTAIS: 1 — Membro da 3.ª casta indiana, constituída por negociantes, criadores de gado e lavradores — Progenitor. 2 — Fascinação. 3 — Restabeleceu — Em o. 4 — Falará — Grande confusão. 5 — Anel — Tamanha. 6 — Compaixão — Bebida alcoólica. 7 — Enchera de habitantes. 8 — Mordique — Caminhar. 9 — E' presente — Prendem. 10 — Muçulmano. 11 — Direito de carretagem que antigamente se pagava em Dio.

VERTICAIS: 1 — Veracidade — Eia! 2 — Que produz ano sim, ano não — Reis (abrev.). 3 — Indivíduo cujas elevadas pretensões resultam em desastre — Pés de animais. 4 — Impertinente (pop.) — Dedicara. 5 — Espaço de tempo — Alcancei — Símbolo químico do alumínio. 6 — Ave treparadora — Falda. 7 — Poeira — Rio do distrito de Benguela, que desagua na baía do Lobito — Possui. 8 — Manifesta. 9 — Velha — Montam.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1372

HORIZONTAIS: 1 — Afim. Acha. 2 — Radia. Al. 3 — COLCHA. 4 — Ah. Rimem. 5 — Dó. Negas. 6 — Oslo. Impa. 7 — Eiva. Rs. 8 — Iva. Mês. 9 — Algo. Maio. 10 — Rio. FEITA. 11 — As. Essa.

VERTICAIS: — 1 — Ar. Adoptar. 2 — Fachos. Lia. 3 — Ido. Leigos. 4 — Mil. NOIVO. 5 — Acre. Vá. Fé. 6 — A'. Hígia. Mês. 7 — Amam. Mais. 8 — Há. ESPREITA. 9 — Além. Assoa.

Probérvio: COLCHA FEITA..., NOIVO A' ESPREITA).

Conjuntos - Pull-Overs

Lã

Nacionais e Inglesas

TORRE EIFFEL

104 — Rua do Carmo — 106

Leiam o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

A SITUAÇÃO EM FRANÇA

Explosões suspeitas

numa fábrica de acetilene

nos arredores de Paris

(Continuação da 1.ª página)

mitem concluir-se que foi de 85% a percentagem dos votantes.

As operações do escrutínio decorreram com ordem. O unico incidente a registar deu-se perto da fonteira tunisiana, a leste de Suk-Haras, onde uma assembleia itinerante embateu com uma mina, pelas 13 e 30. Quatro pessoas que acompanhavam a urna, incluindo o presidente da mesa e o delegado da comissão departamental, feriram-se. O motorista morreu.

No aduar Uled-Dieb, perto da fronteira tunisina, os habitantes apresentaram-se na assembleia, a fim de manifestarem a sua confiança na França, mas não votaram e pediram que a sua abstenção fosse compreendida e perdoada, porquanto a situação geográfica do seu povoado os coloca á mercê de represálias. As autoridades tomaram nota da abstenção e os habitantes do aduar regressaram ás suas casas. — (F. P.).

Uma força francesa caiu numa emboscada

ARGEL, 27 — Soube-se hoje, particularmente, que uma caravana das forças da ordem, composta de dois camiões e um «jeep», caiu no dia 24, ao anoitecer, numa emboscada, na região de Inkermann-Guillaumet, a 65 quilómetros, de Rélizane (Mostaganem). Um oficial e 18 soldados foram mortos e 4 sofreram ferimentos. — (F. P.).

Descobriu-se uma fabriqueta de bombas

ARGEL, 27 — As forças de segurança descobriram uma «fábrica» subterranea de bombas no sector de Molière, tendo sido apreendidas muitas bombas e granadas de mão Muitos dos insurrectos empregados no fabrico de bombas foram presos mas outros conseguiram fugir a coberto da escuridão da noite. — (A. N. I.).

Explosões em Paris

PARIS, 27 — De madrugada, deram-se três explosões numa fábrica de acetilene, em Courneuve, nos arredores da capital, seguindo-se um incêndio que foi prontamente dominado pelos bombeiros. Os prejuizos são importantes, mas só um operário ficou ferido.

A primeira explosão deu-se ás 5 horas, aproximadamente. O incêndio irrompeu com grande violência. Duas horas depois, contudo, os bombeiros declaravam ter dominado as chamas.

As autoridades, que se deslocaram ao local, a fim de investigar o caso, recusam-se a declarar se a explosão foi motivada por mero acidente ou se é obra dos sabotadores argelinos.

Recorda-se, a propósito, que a ultima tentativa de sabotagem dos terroristas argelinos foi descoberta na quinta-feira, á noite, numa fábrica de gás, em Ruão, onde foi colocada uma bomba.

A Polícia procede a averiguações, suspeitando-se de que as explosões tenham sido provocadas pelos terroristas.

Entretanto, «comandos» rebeldes lançaram bombas para o interior de uma fábrica têxtil, através das janelas, em Aubervilliers. — (F. P e A. N. I.).

Execução de um rebelde argelino

PARIS, 27 — Foi hoje guilhotinado um Argelino, Benil Ben Abdalá Bouguerea, condenado pelo assassínio de um Muçulmano pró-francês.

Trata-se da primeira execução de um rebelde argelino, na França, desde o início da rebelião, há quatro anos. As execuções de Argelinos só na Argélia se haviam verificado. — (A. N. I.).

Nadou 22 horas

até ser salvo

TAIPEH, 27 — O Estado-Maior Naval nacionalista informa que um dos cinco correspondentes da Imprensa considerados desaparecidos no naufrágio de uma embarcação foi salvo esta manhã. Chama-se Yen Chung Tsé, é correspondente do jornal militar chinês «Jovem Combatente». Nadou 22 horas seguidas e estava exausto. Acha-se, porém, livre de perigo.

Continuam a procurar-se os outros jornalistas desaparecidos. — (F. P.).

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 16 horas: máxima, 24°.4; mínima, 17°.2. No mesmo dia do ano passado: máxima, 26°.6; mínima, 14°,9.

DAVID KIT
tem
ASTRAKANS EXTRA LEVES
Av. Sidónio Pais, 24

Trágico balanço

do tufão «Ida» no Japão

causa de 2 mil vítimas e 400 mil casas destruídas

TÓQUIO, 27 — O tufão «Ida» causou já 210 mortos, 230 feridos e 665 desaparecidos — dizem as ultimas informações.

Cerca de 440.000 casas foram total ou parcialmente destruidas ou estão inundadas pelas águas. Quase duas centenas de pontes foram destruidas, e produziram-se mais de 1.200 desabamentos de terras. Quase 400.000 pessoas ficaram sem lar, e as cheias provocadas pelas chuvas torrenciais destruiram ainda 19 barcos e danificaram dezenas de outros.

Só na área central da península de Izu, a 120 quilómetros a Sudoeste de Tóquio, registaram-se 80 mortos e 600 desaparecidos. O rio Kano saiu do leito em onze locais diferentes e inundou totalmente muitas povoações, cujos habitantes se encontram em situação desesperada.

Estão interrompidas as comunicações telegráficas e telefónicas com a maior parte das 22 prefeituras do país que foram atingidas pelo tufão. Raros combóios circulam, pois por toda a parte as águas arrastaram troços das vias férreas.

Na região de Jokohama morreram dezenas de pessoas e milhares de outras estão cercadas pelas águas, sendo verdadeiramente angustiosa a sua situação. Só num local morreram afogadas 32 pessoas e 55 casas foram arrasadas pelas cheias, que assumem proporções catastróficas.

Na referida região, as deslocações de terras soterraram 756 casas, sob cujos escombros encontraram a morte muitos dos moradores.

Na região de Tóquio, as enxurradas dos rios provocaram a morte de inumeras pessoas, devastando grandes extensões de terreno. No mar, afundaram-se dezenas de barcos de pesca e outros desapareceram.

O cargueiro inglês «Eksciffe», de 7.240 toneladas, anda á deriva ao oceano, correndo o risco de afundar-se. Um avião da guarda costeira avistou-o pela ultima vez a 22 milhas ao largo do farol de Katsuura, á entrada da baía de Tóquio Tem a bordo 31 tripulantes. Em socorro do «Eksciffe» partiram vários rebocadores japoneses, mas receia-se que nada possam fazer, devido ao furioso temporal que ainda varre toda a zona costeira de Tóquio. — (A. N. I.).

Contaram-se já 1.943 mortos e desaparecidos

TÓQUIO, 27 — Receia-se que suba a quase dois mil o numero de mortos ou desaparecidos em virtude do tufão «Ida» e das inundações que provocou, devastando dez cidades e vilas da península Izu.

Em todo o país, parece ser 1.943 o numero de mortos e desaparecidos, até esta manhã.

Entretanto, o «Ida» voltou a tomar a direcção do Pacífico, esta manhã, ameaçando abater-se sobre a parte oriental de Hocaido, pela noite, enquanto o rio Tsurumi ameaça inundar a capital. As águas cobrem já o bairro industrial. As autoridades ordenaram que os residentes das áreas marginais, do rio Ara abandonem as suas casas logo que este atinja o nivel considerado perigoso. — (A. N. I.).

Está a salvo o cargueiro britânico

TÓQUIO, 27 — O navio de carga britanico considerado perdido comunicou pela Rádio que os seus 31 tripulantes estão sãos e salvos.

Esgotado o combustível, o navio pôde aportar ao Japão, mas não sofreu avarias de maior. Vai ser abastecido hoje e crê-se que poderá chegar a Yokohama pelos seus próprios meios.

O tufão não causou o naufrágio de qualquer barco de grande tonelagem, mas 27 navios de pesca japoneses afundaram-se, e anuncia-se o desaparecimento de 32 homens. — (F. P.).

Precauções na América devido ao «Helena»

CHARLESTON (South Carolina), 27 — Num boletim publicado ás 22 horas de ontem, o Centro Meteorológico desta cidade previne os habitantes das localidades junto á costa, contra os possíveis efeitos do ciclone «Helena» que classifica de «muito perigoso», recomendando a evacuação de todas as praias e regiões não abrigadas.

O boletim esclarecia que as marés serão perigosas, sobretudo cerca das 24 horas, momento em que o furacão se aproximará das costas. O «Helena» encontrava-se ontem a cerca de 200 kms. a Sueste da cidade de Charleston e dirigia-se para Noroeste — (F. P.).

As consequências das inundações no México

MEXICO, 27 — Uns 50 mortos, 100.000 sinistrados, 150.000 hectares de terras devastadas, prejuízos avaliados em 50 milhões de dólares (1 milhão e 450 mil contos) — tal é o balanço das inundações que flagelaram o México nas ultimas semanas. Estas cifras foram comunicadas por uma comissão de inquérito do Senado que visitou todas as zonas sinistradas.

As regiões mais atingidas foram as de Acambaro e Salamanca, onde a situação é ainda grave, e a de Sinaloa, onde seis aldeias ficaram completamente destruídas pelas águas.

Segundo o relatório da comissão, os socorros foram rápidos e eficazes, o que impediu que as inundações tivessem o carácter duma catástrofe nacional.

O nível das águas começou ontem a baixar e, se bem que várias regiões se encontrem ainda ameaçadas, espera-se que os rios voltem em breve aos seus leitos. — (F. P.).

As ilhas Quemoy

continuam a ser abastecidas

sob o canhonheio incessante dos comunistas

TAIPEH, 27 — Durante a noite passada, aviões de abastecimento lançaram víveres, em pára-quedas, a tropas isoladas nas ilhas. Os pacotes continham, entre outras coisas, cigarros e «bolos de Lua», por se celebrar hoje uma das grandes festas chinesas — o «Dia da Lua».

Dois comboios de navios formosinos desembarcaram hoje cerca de 125 toneladas de mantimentos e munições nas Quemoy, sob o fogo incessante dos comunistas. Foi um dos mais importantes desembarques efectuados num só dia desde o começo do bloqueio.

Tomaram parte nas operações 50 unidades anfíbias. O primeiro comboio chegou de madrugada, e o segundo, cerca das 10 horas. O ultimo transportava granadas de 155 mm. segundo telegrafou o correspondente da U. P. I. na Grande Quemoy.

Apesar da importancia dos desembarques, as autoridades declaram que o material e os víveres distribuídos hoje não são suficientes para satisfazer as exigências diárias da ilha, calculadas em 200 toneladas de mantimentos. Ontem, o primeiro comboio nacionalista que rompeu o cerco desde segunda-feira, apenas descarregou 76,5 tonelas.

Entretanto, continua o canhoneio comunista. O Ministério da Defesa da Formosa anuncia que os canhões comunistas dispararam 2.974 tiros durante cinco horas, desde a meia noite até de madrugada. As granadas, de diferente calibre, iam até 203 mm. — (A. N. I.).

Incêndio nas caves do Banco de Itália

ROMA, 27. — Registou-se esta noite um incêndio violento nas caves do Banco de Itália. As chamas propagaram-se com rapidez numa parte das caves onde estavam armazenadas grandes quantidades de notas retiradas da circulação Os bombeiros conseguiram circunscrever o fogo, evitando que se propagasse ao corpo do edifício, mas dois deles sofreram intoxicação com o fumo. Crê-se que o fogo foi provocado por um curto-circuito. — (F. P.).

Seguiram para a Formosa teleguiados americanos

SEATTLE (Washington), 27 — Um comunicado do Exército americano anuncia que o 2.º Batalhão de Engenhos Teleguiados do 71.º Regimento de Artilharia embarcou com destino á Formosa.

Este batalhão — esclarece o comunicado — é equipado com foguetões «Nike» e «Hercules». — (F. P.).

A América oferece víveres

WASHINGTON, 27 — Os Estados Unidos vão dar 180.000 dólares de géneros e de produtos médico-farmacêuticos para auxiliar a população civil das ilhas de Quemoy e de Matsu, ná mais de um mês submetidas ao fogo das batarias costeiras dos comunistas chineses.

O informador da Secretaria de Estado declarou que não tem havido falta daqueles géneros e produtos para a população das Quemoy, mas recusou dizer se é urgente a sua entrega. — (A. N. I.).

Diminui a gravidade da crise

LONDRES, 27 — O ministro dos Negócios Estrangeiros britanico, Selwyn Lloyd, declarou que a crise do Extremo Oriente está menos grave e que a situação parece oferecer mais «esperanças» de solução.

Lloyd, de regresso a Londres depois de conversações em Nova York, sublinhou: «Começa, agora, a fazer-se sentir um desejo de solução pacifica».

As palavras do ministro britanico coincidem com as informações diplomáticas, de que os comunistas começam a vacilar. — (A. N. I.).

Ultimas notícias

Dois feridos

com armas de fogo

COVILHÃ, 27. (Pelo telefone). — Foi internado no Hospital da Misericórdia, o relojoeiro Luís Pinheiro Rocha, de 23 anos, solteiro, residente em Lisboa, na Rua da Regueira, 42, 2.º, que viera a Orgais visitar seus pais. Quando carregava uma «Flobert», a carga, explodiu atingindo-o no abdomen.

Foi também ferido, devido á explosão da carga de arma caçadeira, Alvaro Patrício da Fonseca, de 21 anos, solteiro, jornaleiro de Caria, residente em Peraboa, que além de outros ferimentos, sofreu a fractura do braço direito.

Novo bispo

de Silva Porto

CASTELGANDOLFO, 27 — Pio XII nomeou hoje o sr. D. Manuel António Pires, bispo de Silva Porto, diocese da província de Angola, que era bispo titular de Alia e desempenhava actualmente as funções de coadjutor e vigário-geral da referida diocese. — (A. N. I.).

O terrorismo em França

PARIS, 27. — O incêndio desta manhã numa fábrica da Companhia Geral de Acetilene, em Courneuve (arrabalde de Paris) causou estragos avaliados em mais de 20 milhões de francos. Provou-se que o sinistro foi obra de terroristas muçulmanos argelinos.

As entidades responsáveis de Tours desmentem os rumores de que uma tentativa de sabotagem teria sido descoberta na central termo-nuclear, actualmente em construção em Avoine. — (F. P.).

O caso

do futebolista Campos

OLHÃO, 27. — (Pelo telefone). — A direcção do Sporting Clube Olhanense convocou para esta tarde, ás 15 horas, uma reunião dos correspondentes de imprensa, na qual foi apresentada um comunicado desta direcção, referente ao caso do jogador olhanense Campos. Aí se salienta a legalidade da situação do referido jogador, e o absurdo da decisão tomada pela F. P. F. e a inconsistência dos argumentos que se sugerem como motivos da sua exclusão da vida desportiva. Mais informou que todo o processo do jogador Campos decorreu clara e legalmente, estando naturalmente inscrito na Associação de Futebol de Faro.

Desintegrou-se

o satélite americano?

JOHANESBURGO, 27. — Os técnicos do posto de escuta de satélites em Kaalfontein, perto desta cidade, receiam que o satélite americano se tenha desintegrado ao entrar na atmosfera.

Os primeiros sinais do satélite foram ouvidos ontem, ás 16 e 35 (T. M. G.), depois desapareceram. No entender dos técnicos, não é provável que o silêncio seja motivado por mau funcionamento do emissor de bordo. — (F. P.).

RESTAURANTE CASTANHEIRA
LUMIAR
AOS SÁBADOS — Orquestra de dança das 20 ás 24 horas
AOS DOMINGOS — Das 13 ás 17 e das 20 ás 24 horas
Serviço normal de lista
CINEMA — CAFÉ BAR — SALA DE CHÁ — TELEVISÃO
(Maiores de 15 anos)

RIBATEJANO
Salvaterra de Magos — Tel. 14
• TODOS OS DIAS •
Aos Almoços — Chás e Jantares
Exibições: Ranchos Folclóricos
Cozinha Portuguesa
(6 anos)

magazine

CASOS CÉLEBRES DAS POLÍCIAS DE TODO O MUNDO (3)

Robin dos Bosques em Israel

HÁ um processo seguro de descobrir onde está escondido o tesouro daquele doido Perri—disse o jovem agente da polícia secreta de Israel. —Se quiser eu encarregar-me-ei do assunto.

O chefe começou por olhá-lo com espanto. Depois franziu o sobrolho. Assim se deixou ficar absorto durante uns segundos com os olhos semicerrados. O agente supondo-o a dormir afastou-se. Ouviram-se os tacões a martelar o soalho, cada vez mais fraco. Silêncio.

Então o chefe olhou a sala com vagar. Levantou-se. Acendeu o cachimbo, meteu as mãos nos bolsos e passajou a sala a passo lento. Perri — pensou. Que homem mais estranho! Há meses que a Polícia andava em sua perseguição e ele a escapar-se por todo o lado, rápido como um fogo-fátuo. Por onde surgia era certo e sabido que as suas mãos se abriam para distribuir montes de dinheiro. Montes de dinheiro que não lhe pertenciam — e nisso é que estava o crime. Aos beneficiários das suas liberalidades declarava que tinha por missão dirigir um movimento revolucionário. Perri tornara-se uma celebridade no país. Era conhecido nos numerosos campos de imigrantes onde chegava de improviso, distribuia dinheiro aos pobres e desaparecia de subito.

— Tome! Pegue! — dissera um dia a uma velha, estendendo-lhe uma nota de vinte libras. — Vá comprar de comer. Vê-se bem que precisa disso. Ande, santinha!

Outra ocasião lançara a uns homens um punhado de notas, ao mesmo tempo que lhes gritava:

— Isto é apenas para começar!, Em breve chegarão dias felizes para todos vós. Ide comprar cigarros. Há muito que não devem saber o que é um bom tabaco.

Também as crianças souberam que chegara ao campo um homem que trazia brinquedos. Excitadissimas, rodearam-no. Então Perri tirou dum volumoso saco um rolo de notas, distribuiu-as cuidadosamente, uma a uma, por todos os meninos presentes.

— Agora — sorriu — vão comprar o que quiserem. Com dinheiro podem comprar o que mais gostarem — bonecos, automóveis de corda, bombons, etc. Adeus, meus filhos!

Como uma sombra desapareceu. Ao pagar um táxi empunhava sempre uma nota de dez libras e dizia ao motorista para guardar o troco. Nos campos de imigrantes fazia curtos discursos, prometendo-lhes um novo mundo, casas, empregos, escolas para todos os seus filhos — tudo isto logo que a revolução triunfasse. Falava sempre com extrema gentileza e rematava os discursos com a distribuição maciça de dinheiro. Assim se transformou numa personagem de lenda. Mesmo mais do que isso: alguns pobres escapados ás camaras de gás hitlerianas e aos «progroms» da Africa do Norte — consideravam-no um enviado do Senhor.

O que ninguém sabia era que o seu benfeitor podia enfileirar entre os mais extraordinários gatunos que operara na Judeia. Perri roubara nada mais e nada menos que um Banco.

Tal roubo fora realizado tão fantásticamente como o estava sendo a distribuir. O director do Banco onde estava empregado — o próprio sr. Feuchtwanger — resolvera conceder-lhe umas férias. Perri era, entre os seus caixas, o mais fiel e o mais trabalhador. Mas mostrava fortes indícios de cansaço. Perri seguiu então para um hotel no lago Tiberíades. E fora precisamente aí que amadurecera o seu plano.

Para o pôr em prática escolhera o sábado, dia de descanso israelita Como os autobuses não funcionavam, pediu uma boleia a um automobilista. Entrando em casa de Davir, o caixa-adjunto, bebeu uma la-

(Continua na página central)

SUMARIO

Um homem sorri á morte com meia cara
J. RODRIGUES MIGUÉIS

História maravilhosa da escrita e dos meios de expressão
ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

Crónica de Londres
LUÍS DE SOUSA REBELO

Robin dos Bosques
KURT SINGER

Bilhetes paulistanos
MIG. URBANO RODRIGUES

Fim de semana feliz
CICERONE

Apontamentos para os tempos futuros
DIOGENES

Ganhe 100$00 com um sorriso nos lábios

Chegaram as naus da India!
AUGUSTO DA COSTA DIAS

Ouvindo bater o coração do Mundo
WILLIAM SIMPSON

Postal ilustrado
MANUEL AGRA

Saiba comer
M.ª CAROLINA FREITAS

Eduquemos o nosso filho
M.ª LÚCIA DA SILVA ROSA

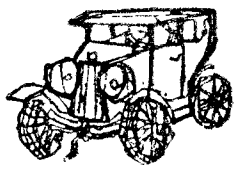
Comentário humorístico ilustrado
TRUTEZINDO

Página da Mulher

Diario de Lisbôa

N.º 11

FIM DE SEMANA FELIZ



Para onde vai amanhã?

Eu, e todavia não aprecio boxes nem judos, assistia entusiasmado á luta. Sentei-me por detrás da janela, completamente fechada. Estava frio, e a chuva, granjola e peganhenta, pantografava ideias absurdas, paisagens abstractas, no vidro sujo.

— O Verão morreu — disse uma voz.

— E' melhor voltarmos a Lisboa — disse outra voz.

— Acabou o Sol, agora com a mudança de Lua vai chover trinta dias seguidos — acrescentou outro alveitar passando a mão sabida no flanco das nuvens.

Eu, atrás da janela a assistir á grande luta, á «luta do século» como é hábito dizer-se agora em relação aos grandes e aos pequenos jogos de futebois. O Outono agarrara o Verão pelos gorgomilos, empastou-o contra uma parede, castigou-o duramente nos rins e no abdómen. Chuvadas vieram com a ciência toda de «swings» e «uppercuts», tais e tantos que o bom do Estio não teve outro remédio, apesar dos meus incitamentos, senão morder o pó do tapete, com o árbitro balançando o corpo na contagem: um... dois... três...

Levantou-se aos sete segundos. Eu bem dizia. A razão era minha em ter esperança. Ao Sol e aos dias perfeitos que depois vieram achei um sabor novo, eram um pouco meus, pois confiara neles, pois os ajudara a evitar o «knock-out».

...Amanhã é o primeiro domingo do Outono. Não tenha pena, leitor, não tenha! Primeiro porque quem andou já não tem para andar e depois porque «há outonos que valem verões». Estes rifões aprendi-os de mestre Sancho Pança, sábio de muito senso temperado por muitas andanças.

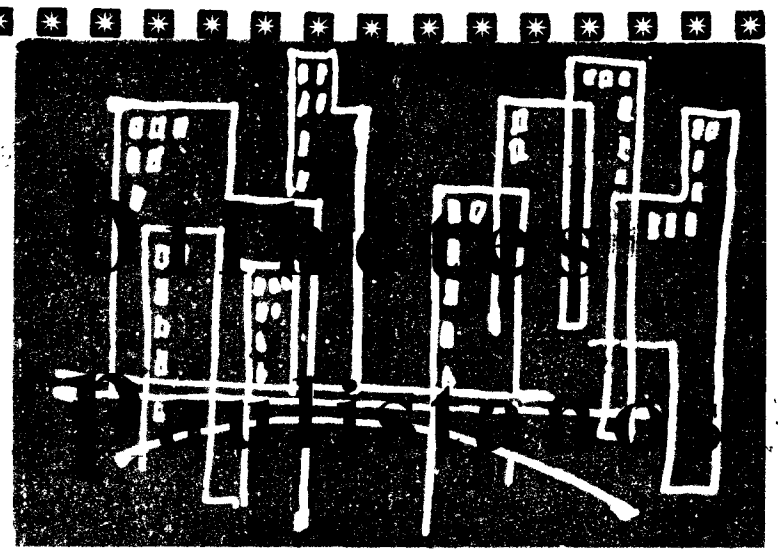
Há-de ver, leitor amigo, há-de ver que estão para vir domingos fora de portas de se comer e chorar por mais. O de amanhã, por exemplo. Trate, ande, de guarnecer — e bem, pois lhe auguro um apetite monstro! — a lancheira com a merenda — e ala, a «troupe» toda em direcção á

Praia de Santa Cruz

Tenho defendido aqui que o exagero quer na facilidade, quer na dificuldade, são inimigos do bom apreciador da Natureza. Viciar-se no trampolim a dois centimetros da Cruz Quebrada, ou nos sonhos alpinos elimina muitos e belos horizontes.

Portanto, meu caro, uma vez por outra trate de voar um pouco mais longe. Faça como eu que no ultimo domingo, saí, de manhãzinha e voltei noite fechada. E que belo do-

(Continua na página seguinte)



GUERRA FRIA E BALLET

por MIGUEL URBANO RODRIGUES

S. PAULO (Setembro) — A guerra fria que os Estados Unidos e a União Soviética travam entre si, cada vez mais implacável em todos os domínios, do económico ao desportivo, assume aqui aspectos curiosos. Como o Brasil não mantém relações diplomáticas nem comerciais com a U. R. S. S., a luta entre Russos e Americanos na pátria de Ruy Barbosa reduz-se ao choque de duas concepções de vida. Essa batalha, cujo objectivo é a conquista da simpatia e do apreço do homem brasileiro, trava-se também num terreno pouco habitual: o da cultura.

Seria faltar á verdade não reconhecer que as primeiras tentativas da União Soviética tiveram resultados bastante medíocres. O lançamento da colecção de «Romances do Povo», dirigida por Jorge Amado, não alcançou entre o publico o êxito que se previa. Os grandes autores soviéticos contemporaneos, apesar de acessíveis, não interessaram o homem da rua. Os romances de Cholokov, Fadeiv, Erhenbourg, que atingem tiragens fabulosas na Russia e na China, tiveram pouca saida em São Paulo. Os escassos milhares de pessoas que se interessaram pelos valores da moderna literatura soviética pertencem ás camadas intelectuais e, na sua grande maioria, não têm filiação partidária. O leitor médio, que também não

(Continua na página central)

GANHE 100$00 COM UM SORRISO NOS LABIOS

Um concorrente que nos acompanha desde os primeiros dias faz-nos a seguinte sugestão: os leitores poderiam indicar, eles próprios, a palavra a apresentar em concurso.

Por aceitarmos a proposta, vamos apresentar a que nos manda, ou seja a palavra tremendamente explosiva:

SENHORIO

As respostas (definições tão simples como os provérbios populares) devem ser dirigidas a «MAGAZINE» Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao próximo dia 6 de Outubro.

E agora tratemos do Concurso relativo á palavra

E U

O vencedor, JOÃO DINIS DA SILVA CEBOLA, Avenida 5 de Outubro, 30, 2.º, Dto., Santarém, mandou-nos a seguinte curiosa definição:

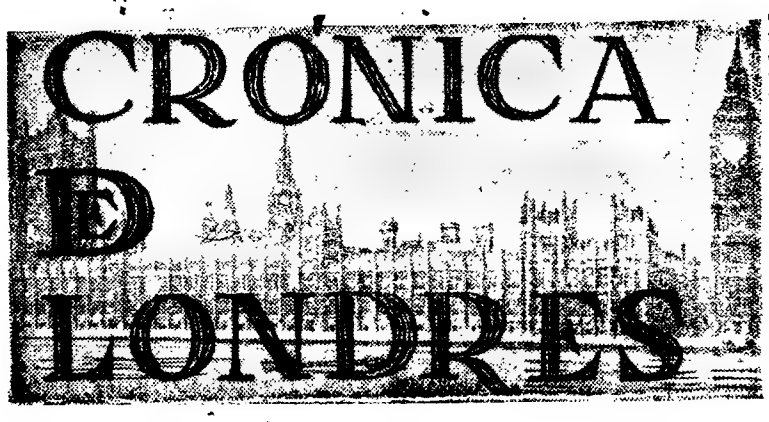
EU — «ESTA» PESSOA DE QUEM SE DIZ BEM, QUANDO PRESENTE, E «AQUELA» DE QUEM SE DIZ MAL, QUANDO AUSENTE.

Como sabem, a palavra **EU** é muito absorvente: tende para o exagero do pró ou do contra. O vencedor soube ver ao mesmo tempo as vantagens e as desvantagens de ser ... eu ...

JOÃO MOTA, atento á estatística que distribui seis mulheres por cada varão — diz.

EU é o masculino de ELAS.

(Continua na página seguinte)



Os «dancings» e a juventude

O salão é enorme com a sua pista de parquê polido onde deslizam centenas de pares enlaçados ao ritmo langoroso de uma cançoneta de Frank Sinatra. Em baixo, ao longo das paredes, há cómodas poltronas de estofo vermelho, ou pequenas galerias que abrem para recantos convidativos ao «tête-à-tête». Por cima, a todo o comprimento da entrada, corre um grande balcão com assentos e mesinhas dispostas em semi-círculo.

Lá do alto a pista parece girar a nossos pés como uma grande e monstruosa corola humana que se abrisse inebriada á luz multicor dos holofotes. Do tecto pende uma gigantesca esfera de cristal a que os projectores, na sua pincelada luminosa e regular, arrancam estranhas cintilações e revérberos irisados.

A sala mergulha numa semi-obscuridade, numa luz crepuscular vagamente roxa e avermelhada, que cria á nossa volta uma atmosfera irreal de sonho. A orquestra ao fundo, sobre um largo estrado, contra um painel em concha ou leque raiado de nácar, vai moendo um «fox» com fortes vibrações metálicas e doçuras de guitarra eléctrica.

Eles e elas dispersam-se um pouco por toda a parte em torno da pista, pelas escadas de acesso ao balcão, pelas galerias feéricas, á volta das mesas. Ou, então, dirigem-se á cafeteria onde, por proibição oficial, se pode beber de tudo menos bebidas alcoólicas. Consomem chá, café — o café-expresso, agora um pouco melhor do que a mistela que se bebia há dez anos — e uma quantidade impressionante de coca-cola.

Por momentos fica-se até na dúvida, sem se saber se nos encontramos num grande «dancing» popular de Londres, se em Nova York ou Chicago. É que esta juventude não só bebe coca-cola a rodos, como masca goma elástica, adopta as modas americanas, suspira com cançonetas americanas, dança á americana e até ama á americana...

A espaços as luzes acendem-se e acordam daquele torpor derramado a multidão um pouco estonteada que reflui da pista para a periferia. Quebrou-se o sortilégio do ritmo e muitos pares desenlaçam-se, enquanto outros se perdem pelas galerias ou procuram os bancos da ultima fila do balcão.

Os frequentadores experimentados, que vão ali no desejo de encontrar uma mocinha do seu agrado — «boy meets a girl»..., como nos romances baratos — conhecem as regras e a arte do jogo. Sim, porque há uma estratégia de salão que tem o seu quê da caça á perdiz. As nove horas, um pouco antes do intervalo, são o momento decisivo. E não porque haja qualquer sentido místico ou esotérico no numero! Mas pelo simples motivo de que por essa altura a rapariguinha se vê perante um dilema: ou aceitar o par que lhe coube em sorte, ou ficar com as amigas diante de uma garrafa de laranjada, ou coca-cola, a chupar melancólicamente por uma palhinha.

De modo que enquanto a ternura melosa de um Frank Sinatra e a semi-obscuridade comprometedora criam as condições propícias, os candidatos expeditos insistem, fazem-na bailar muitas vezes e impõem-se-lhe a ponto que ela se rende de cansada. Ao mesmo tempo a concorrência masculina determina, muitas vezes, a sua preferência daquela hora. E então a noite é verdadeiramente bem passada.

Já depois do intervalo escasseiam muito as possibilidades de uma escolha feliz. Como ás onze e meia se cerram ás portas do salão, há que aproveitar este meio tempo. É a hora amargurada dos desesperados, dos retardatários, dos tímidos, dos indecisos, dos exigentes. Elas, por seu lado, ressentem a demora no convite, sentem o abandono a que as votou o capricho do macho, recalcam, por vezes, um descontentamento amargo e tornam-se duras no trato e altivas de maneiras. De modo que até ao fim do baile há sempre um grupo de espectadores um pouco tristes e desalentados, que se espalham ao longo das paredes.

De repente o vocalista sobe ao estrado estrépitosamente anunciado pela orquestra. E, ao indicar a primeira canção do programa, corre por toda a sala um murmurio, um desfalecido e enlevado brado feminino, como uma onda levantada pelo vento e logo desfeita em espuma. É geralmente uma canção que nos fala dos mares do Sul e de um amor paradisíaco entre coqueiros.

Pouco é preciso para comover a sensibilidade adolescente destas moças. São cançonetas em que paira um desejo quase infantil de protecção («oh, my papa...»), em que vive o desejo breve do momento e em que há beijos, sempre beijos trocados á claridade frouxa de um luar de cenografia...

A magia insidiosa da sala causa então os primeiros desvarios. Há raparigas sobre os joelhos de alguns rapazes e, á luz irreal que nos banha, dão-se deliciosas cenas de «petting». O «petting» em publico ou em festa particular é de importação americana e consiste numa total liberdade de gestos amorosos, que não raras vezes levam a um ou outro deliquiozito. Há então gritinhos, correrias, sorrisos irónicos, mas tudo decorre sem alarmes, nem surpresas, enquanto a orquestra enche o salão da sua presença metálica.

E o vocalista atira agora através do micro num tom forte e cheio, fazendo suspirar as «boby-soxers»:

I don't care how many men
You have missed,
I don't care how many men
You have kissed...
Because I love you...

No revolver da luz velada dos projectores, num jogo de arco-íris, no pó e no fumo dos cigarros que se eleva como uma bruma colorida acima daquela corola humana, no «bruahaha» da multidão excitada, a letra da cançoneta traz um fogo de desejo, de redenção e fatalidade, que puxa a cabeça tonta da ilusão da noite para o ombro do companheiro do acaso, ou junta os dois num derrete de namorados, ao dançarem de rosto encostado e dedos entrelaçados, o «cheek-to-cheek».

Para derivar as energias mal contidas e represadas rompe o ritmo ululado do «rock n'roll». Baixam-se as cabeças num grito de entusiasmo, curva-se o dorso para diante, afastam-se as pernas, e os rapazes com longas e abrilhantadas cabeleiras á Elvis Pressley batem o compasso frenético com as mãos. E desencadeia-se o temporal na volta subita, na finta do braço preso, na rapariga jogada á ilharga.

Exaustos entreolham-se satisfeitos, tiram o casaco encalorados e no ar vai agora uma mistura de pó, perfume barato e o pivete acre de sovaquinho.

A medida que as onze e meia da noite se aproximam os pares vão rareando e quando a orquestra toca o hino nacional — «God save the Queen» — o salão está reduzido a metade da frequência.

Cá fora junta-se uma multidão buliçosa no átrio largo, junto aos colunelos de mau gosto, no passeio. Há sempre uns jovens norte-americanos que esperam a saída de alguma tentação loura com vontade de amar. Ao pé o carro, pronto a uma largada pelos arredores ou para um apartamento de luxo com um gira-discos e uísques.

A maioria, porém, leva a pequena a casa pelo metropolitano, no autocarro, ou encarrapitado na moto. Depois há sempre um vão de escada, um portal deserto, um banco de jardim. O terno beijo de despedida, a augurar ousadias futuras, é quase sempre certo. É dado pródigamente, sem malícia, mais por ternura do que por paixão. Esse beijo cujas doçuras já eram conhecidas do sábio e conspícuo Erasmo, que os lembrava embevecido em carta a um amigo, convidando-o a visitar este reino de anjos louros e morenos também...

Setembro, 58.

por LUÍS DE SOUSA REBELO
leitor da Universidade de Londres

Fim de semana feliz

(Continuação da 1.ª página)

mingo foi! O grande missal da paisagem lusitana, rezado a passo e passo, com o verde-escuro dos seus pinhais, a aridez da serra que se perfila na dobra do ceu, o impressionismo doente das vinhas vindimadas. E depois, vencida a ladeira de Penafirme, com seu convento que não visitámos, surge o oceano azul e banzeiro, as falésias a pique, o areal extenso, a alegria das ondas e das crianças...

Não há nada, em matéria de turismo, que me desgoste mais que o bonitinho, o arranjadinho, o americanozinho. Como dizia o poeta:

...as cadeiras zulus
copiadas de copacabana
em cenário de havana
e á luz os nus honolulus

Por isso me agradou a sobriedade com que foram tratadas as condições naturais da praia. A longa escadaria cortada na rocha, a caminho da praia, com as suas cadeiras de pedra rendilhada nos patamares — uma cadeira para cada poeta e cada par de namorados (cabem perfeitamente!); o palanque de toldo a proteger-nos do Sol e cómodas poltronas, são exemplos do que podem e devem fazer as comissões de turismo para valorização e aproveitamento da beleza de que a madre natura nos dá o regaço cheio.

Lá em baixo no areal branco não muito largo, mas extenso, muita gente — a praia cheia (e estamos do Verão...). Especialmente crianças. Os garotos mandam na Praia de Santa Cruz, embora o mar não seja ali (pelo menos enquanto durou a minha presença...) muito para brincadeiras.

A' esquerda, a praia é balizada por um rochedo enorme onde o vento e as marés figuraram uma cabeça de pescador, de face voltada para o Céu. Seguem-se colares de rochas por onde o mar circula e em cujas lapas se resguarda o polvo, de tocaia. Longinquamente, como num sonho, quase inteiramente devorado pela bruma que a distancia traz sempre de capa pelos ombros, mal se distingue um barco. A' minha beira, um companheiro de palanque serve-se do binóculo, pm prismático caçador de sonhos. Oferece-mo. Delicadamente, recuso. E' que pode ser um barco mesmo. E lá se ia a miragem sem a qual nenhuma praia merece o nome de praia.

Regresso ao fim da tarde, pacificado. E Santa Cruz tinha ainda um milagre para me dar á despedida. Aquela menina, sereia de cabelos ainda molhados, e de olhos verdes, *ainda* verdes, a denotar a origem. Demoro os olhos de alfacinha saloio que nunca viu mundo, naquelas gotas verdes mais fundas e mais dificeis do que o mar.

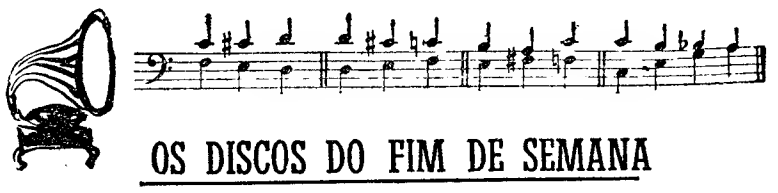
— Que linda criança — sonho eu, de alto.

— E' minha filha — diz o condutor da camioneta, com um sorriso a alastrar-lhe na cara toda como uma nódoa feliz — chama-se Sónia. Levada de mil diabos! Só quer é mar...

Claro, como convém a uma boa sereia.

Sónia, para ti a ultima palavra desta crónica. Para ti a minha melhor recordação e a minha gratidão maior. Paz e felicidade para ti, Sónia. E se algum dia o desalento me derrubar manda-me, de onde quer que estejas, dentro de um buzio ou de uma concha, numa caixinha fofa de bruma, os teus olhos. Para eu ter a certeza, Sónia, de que sim. Que sim. Que vale a pena continuar de pé.

CICERONE



OS DISCOS DO FIM DE SEMANA

NAZARÉ

MARIA DE FÁTIMA BRAVO e TRISTÃO DA SILVA

disco Decca P-DFE 6525 de 45 rotações

A Nazaré, a «menina bonita» do nosso turismo é de há muito um palpitante motivo de inspiração artística. No «extended-play» agora lançado pela Decca são quatro as canções que a Nazaré inspirou. As interpretações de Maria de Fátima e de Tristão da Silva são excelentes e plenas da devida emoção ou alegria.

Bela capa de cuidado arranjo gráfico.

O TARZAN DO 5.º ESQUERDO

MARIA DE FÁTIMA BRAVO

Deixa lá falar (canção-tema do filme)—Foste ao futebol sem mim — Uma fita de «cow-boys» — A mulher que passa

disco Decca P-DFE 6531 de 45 rotações

Maria de Fátima Bravo é a «Coqueluche» do momento. Na rádio, no teatro e agora até no cinema, a jovem artista algarvia tem, desde a sua primeira actuação conquistado o publico pela sua verdadeira classe. Neste disco Maria de Fátima Bravo a par da canção tema do filme «O Tarzan do 5.º esquerdo» (Deixa lá falar) e de «A mulher que passa», duas canções romanticas, interpreta com extraordinária intenção duas curiosas canções de estilo alegre. Um disco diferente que consagra uma artista de classe.

Discos publicados pelos ESTABELECIMENTOS VALENTIM DE CARVALHO, Rua Nova do Almada, 95.

GANHE 100$00

com um sorriso nos lábios

(Continuação da página anterior)

A situação, claro, tem os seus perigos, salvo se o **EU** se chama, por exemplo, Ibn-Saud. Presumo que, para fugir a tais perigos, e mais inclinado a romances, EDUARDO TAVARES DA COSTA (Lisboa) prefere uma definição de tipo muito diferente:

EU — o herói dum romance chamado Psicologia.

Mas não será antes a... vítima? O leitor já viu como «ela» é agredida nos Cursos de Psicologia das nossas Faculdades? Razão tem JOSÉ ANTÓNIO (Lisboa), quando afirma que **EU** são

Duas «letras»... sem vencimento!

Reparem como as coisas se complicam quando nos surgem depois definições totalmente opostas:

Pronome... — pessoal e intransmissivel.

(J. M. C. — Lisboa).

A simples sílaba que define toda a personalidade do ser mais perfeito da terra, que nasceu do nada e vive para o nada.

(Ricardo de Brito — Ervedal da Beira).

Aflitos, não é verdade? Parece mesmo que estamos nos tais cursos da Faculdade... E como tocou precisamente a sincta e o contínuo pode surgir de um momento para o outro — apenas publicamos mais duas definições:

Eu — realidade psicológica que se concretiza nos primeiros dias do mês e entra no campo da abstracção a partir de 15.

(Manuel Ramos Lampreia — Ajuda).

EU — sinónimo de ESTADO — na opinião de Luís XIV.

(Luís Alberto R. Brandão Almeida, Lisboa).

Só Luís XIV? O nosso leitor está mesmo certo que foi só Luís XIV?

O avião gigante

O maior avião de transporte em todo o Mundo é o Tu-114, de naturalidade russa. E', além disso, o mais rápido.

Este aparelho foi construído segundo planos do engenheiro A. N. Tupolev. Para fazermos uma ideia (ainda que pálida) das suas características, basta saber que leva 170 passageiros a longas distancias, e 220 em distancias reduzidas. Possui dois ascensores, um telefone interior e um restaurante que pode servir 48 pessoas ao mesmo tempo. Os passageiros dispõem das maiores comodidades jamais conhecidas nos aviões comerciais: climatização, pressão adequada, cabines á prova do som.

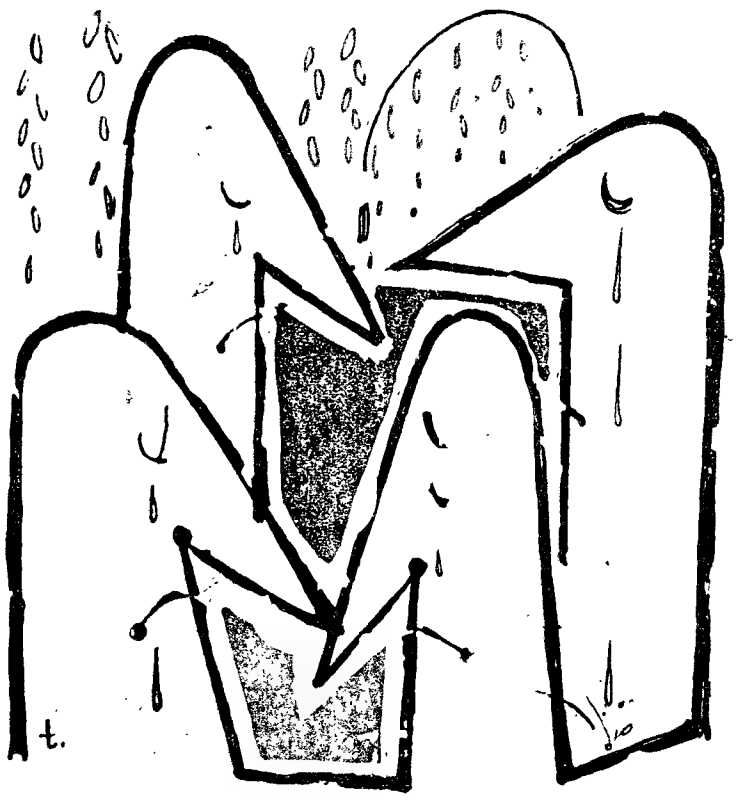
Dada a rivalidade existente entre as industrias russa e americana, aguardemos a resposta ianque ao Tu-114. Aqui está uma competição a que todo o Mundo, por certo, assistiria, não com angustia, mas com intenso prazer!

Apontamentos para os tempos futuros

Os chorões

Minha irmã dedicou-me outro dia estas palavras que, vim a saber depois, carregavam mais de oito séculos de bom senso: «Tu fazes exactamente o contrário de toda a gente: não te lamentas. Ora uma pessoa com esse feitio não se governa».

Quer você acreditar que este sapientíssimo conselho representou para mim uma nova consciência



da complicada realidade em que nos debatemos como náufragos? Quer acreditar que nunca me dera até hoje conta da importancia social e nacional de Job? Bem sei que vivemos tu-cá-tu-lá e deixamos passar desapercebidos muitos aspectos da nossa maneira de conviver. Os que nos visitam pela primeira vez compreendem-nos ás vezes melhor. Veja este caso:

A filha do nosso Amigo M. nasceu na América e veio fazer a Portugal, que ainda não conhecia, os dezoito anos. Ao preparar-se para regressar ao lado de lá do Atlantico trazia todos os dias para casa uma sensação de estranheza. Ia despedir-se da costureira familiar — e ela caia-lhe nos braços, gemendo e chorando... Ia despedir-se da tia, da governanta da tia, duma afilhada da tia — e as três soterravam-na sob um tripé de lágrimas e ais.

Por fim a jovem teve o seguinte desabafo: «Ó Pai, esta gente é muito estranha, não é? Passam a vida a chorar, a lamentar-se por si e, pelos outros, pelo presente, pelo passado e pelo futuro... Tudo é pretexto para rodar a comoção!

Eu ia ouvindo isto e automàticamente ia puxando do arquivo e conselho de minha irmã. Comecei nessa altura a capacitar-me de que, na verdade, «assim» não me governava. Comecei, por outro lado, a observar com redobrada atenção o fenómeno, á minha roda. Comecei a seguir as mínimas manifestações em que ele se evidencia... Eu sei pouco de literatura: mas suponho que está aqui um filão para os nossos comediógrafos.

Quererá você encarregar-se da tarefa? Não o tenta uma forte comédia de costumes em que não haja «filosofia portuguesa» (matéria também excelente para comédia) e abunde este nosso ridículo vício de traduzir todos os acidentes orográficos da nossa vida em «vale de lágrimas»? Abraçando desde já esta hipótese, vou-lhe citar alguns exemplos que colhi. Não repare no estilo que é, como sempre, peco. De resto eu parti da hipótese de que devia haver um Job Lusitano; de modo que as minhas observações são do género do estilo telegráfico do investigador policial. Veja:

Primeiro: Job encontra Job, na rua. No receio de que este lhe peça emprestados «Vinte paus, pá, só para dois dias» — aquele puxa da ultima edição do Livro das Lamentações e lê, com voz líquida, as passagens mais actualizadas.

Segundo: No prefácio á sua comunicação sobre o tema «Comprei um frigorífico».

—Job pensou elogiar primeiro o desconto que chorara e, em seguida, dedilhar plangentemente os sacrifícios feitos durante quase um século para conseguir comprar aquele fruto do progresso. No receio, porém, de que mesmo assim, outro Job lhe dissesse, com uma palmada nas costas: «Eh pá, estás a viver bem!» — Job não fala em desconto e compõe uma poesia glosada ao seguinte mote: «Compreio a prestações /pois outra coisa não posso!»

Terceiro: Job resolveu viajar pelo estrangeiro. Havia, porém, a história da palmada nas costas. Então Job passou a entusiasmar os mais pobres que Job — «pois era uma viagem em excursão, a preços popularíssimos»... etc. e tal. Quanto a dinheiro para comprar coisas lá fora — nem pensar nisso! Um horror! Tudo caríssimo! Nos ultimos dias da excursão Job fez um mundo de compras. Nada para ele — note-se! As maçadas do costume, compreendem? Mal se sabe que vamos ao estrangeiro logo todos nos caem em cima com encomendas...

Quarto: Job tem uma distracção irresistível: critica a falta de economia dos outros, elogia-se e acaba no Fado Trágico com muito dó.

Acho melhor terminar aqui. De vez em quando contar-lhe-ei mais alguns episódios. Quanto ao título da peça — espero que a memória de Oscar Wilde não se revoltará por lhe aproveitarmos a sugestão. Em suma: proponho-lhe o seguinte título: «The importance of being Job».

DIÓGENES

A Poliomielite... um mal terrível no mundo das crianças — 2

POR MARIA GABRIELA WALTER

O contágio

Aos primeiros sintomas — febres, dores na nuca, arrepios, perturbações urinárias, sinais meníngicos e paralisia incipiente dos membros inferiores — há que chamar urgentemente o médico. Só ele pode pronunciar-se. Mas uma coisa se deve fazer, na duvida: afastar do doente toda a gente, em especial as crianças e as grávidas. Este isolamento deve estender-se por alguns meses, pois o doente pode permanecer contagioso muito tempo após o ataque. A família que o rodeia deve usar, também, de muita cautela em relação a outras pessoas, pois podendo não adquirir o mal, pode servir, contudo, de porta-bacilos.

O contágio pode fazer-se por duas vias, alimentar ou respiratória, ou simultaneamente. O leite, os legumes crus e as saladas são excelentes veículos dos virus. A guerra ás moscas deve fazer-se constantemente, pois lembremo-nos de que elas passam, sem cerimónia, da estrumeira para os alimentos prontos a comer-se.

Os banhos de mar são os responsáveis?

Está visto que apenas 5% dos casos de polio são apanhados nos banhos, mais pela fadiga que provocam, do que pelo perigo das águas contaminadas. A água do mar não é veículo notável do mal; funciona como antibiótico. Contudo, é da máxima cautela fugir dos estuários onde desaguam esgotos. Nesta ordem de ideias, podemos dizer que é o «vaso» e não a água, o responsável pela propagação do mal.

Nas cidades, nomeadamente em Lisboa, a água que se bebe não representa perigo, pois ela é tratada pelo cloro que, como já dissémos, é um poderoso inimigo do polio.

Em época de epidemia evitar qualquer traumatismo, acidental ou operatório, desde que não se trate de casos urgentes. Estes serão da responsabilidade do médico. Fugir ás picadas intramusculares, aos banhos prolongados e a competições desportivas. E' de aconselhar repouso, em especial durante o período de vacinação. A higiene alimentar deve ser vigiada com o máximo escrupulo e rejeitada toda a comida cozinhada em casas onde sabemos existir qualquer suspeita da doença, por muito cuidado que se ponha na sua confecção. Lembremo-nos, sempre, de que a mosca esvoaça por toda a parte, carregando nas patas montes de perigo para a saude.

Há contra-indicações quanto à vacina?

Há as mesmas que usamos para qualquer outra. A albumina, os diabetes, a asma, as afecções cardiopulmonares, a febre, as rinofaringites, as perturbações digestivas e dores articulares representam um sinal de alarme na vacinação. Mas em casos normais, a vacina anti-polio não provoca reacção; quando muito, uma ligeira vermelhidão ou leve irritação local, devida aos antibióticos que entram na sua composição, como em outra qualquer vacina. Mesmo a hipótese de alergia é puramente teórica. A vacina contém penicilina, estreptomicina, tifomicina, mas em tão pequena dose que nenhum acidente, com justiça, lhe pode ser atribuido. Mesmo em caso de alergia total, podem utilizar-se antibióticos menos correntes.

Quando se deve vacinar?

De preferência, em período de não epidemia. Como é necessário um prazo de vinte e oito a trinta dias para que a vacina entre em acção, isto é para que os anticorpos apareçam para preservar a pessoa, compreende-se que a polio se pode manifestar entretanto, por ter sido apanhada anteriormente a essa acção.

A vacinação pode fazer-se a partir do sexto mês de idade; mas deve fazer-se, sim, no segundo ano, pois é esse o período de maior perigo. A vacinação da mulher grávida é muito importante, não só porque ela está mais exposta a contrair a doença, como preserva o filho durante os seus primeiros seis meses de vida.

Uma vez que a polio se tornou um mal, infelizmente, corrente, com uma frequência e uma virulência assustadoras, não há que vacilar, em nome de falsos preconceitos ou receios infundados. A doença pode contrair-se repetidas vezes; o facto de se ter sido contagiado uma vez, não exclui muitos outros ataques, tantos quantos os virus diferentes que a compõem.

Tudo, pois, que possa acontecer, é da responsabilidade dos pais indecisos, inquietos e perplexos sem razão.

MORSE

Várias hipóteses

Um barco á deriva, o belo iate «Derby», foi encontrado ao largo de Jersey.

A bordo, ninguém... Apenas na cabina vestuário e dois relógios de pulso.

O mistério adensava-se. E como a Polícia se pela por este género de mistérios, a Scotland Yard lançou mãos á obra. Obra fácil, aliás. Algumas horas lhe bastaram para descobrir que o iate largara de Saint-Briac, no domingo, para uma excursão a Saint Jacut, fretado por um jovem francês e uma jovem sueca. Não há notícia de que aos dois moços tenha acontecido algo de extraordinário. Se assim fosse, a hábil e experimentada S. Y. já o sabia a estas horas.

Claro que a respeito do que teria acontecido, cada qual é livre de supor o que melhor lhe der na real gana. A imaginação não conhece limites. Um digno jornal inglês, por exemplo, aventa a hipótese de que o barco partira á deriva quando os dois jovens se encontravam entusiasmados fazendo «cross» na praia. Enfim, uma explicação... Nós, latinos, diabòlicamente latinos, aventaremos outras... não menos plausíveis...

O maior argumento...

Está em curso, em Ulm, um processo contra dez antigos oficiais ou membros da famigerada Gestapo, acusados de haverem participado no extermínio de mais de cinco mil judeus lituanos.

Todos reconheceram a monstruosidade dos seus actos e afirmam o seu desejo de expiação. Um deles, antigo chefe da Polícia de Memel, declarou que o crime mais grave que cometera fora ter aderido a um movimento capaz de organizar crimes tão abomináveis. A partir daí e automàticamente ele e todos os outros eram compelidos a tamanhas barbaridades «mesmo contra vontade». Ou clarou que a sua juventude e inexperiência do Mundo eram os maiores responsáveis pelo caminho de infamias que seguira.

O procurador-geral Anton Schule rejeitou categòricamente todas as circunstancias atenuantes pedidas pela defesa. Um dos maiores argumentos com que esta conta é o facto de se encontrarem em liberdade indivíduos acusados de bem maiores crimes...

Mau negócio

«Mudam-se os tempos, mudam-se as figuras...». Disse-o o poeta e os poetas percebem disto. Há, portanto, que abrir um largo crédito a esta dialética camoniana, tanto mais que um facto recente lhe veio dar completa razão.

Como deve estar lembrado, leitor amigo, a França participou na expedição a Suez, acção de guerra que tinha por fim obrigar o general Nasser a recuar na sua resolução de nacionalizar o canal que liga o Mar Vermelho ao Mediterraneo. Noutros tempos, a acção de guerra teria resultado amplamente. Agora, não aconteceu assim. Não sòmente não evitou a nacionalização do Suez pelo Egipto como ainda levou a França ao pagamento de uma pesada indemnização por perdas e danos. Por acordo firmado entre as duas nações, a França obriga-se a pagar 21 biliões de francos pelos estragos causados durante a expedição.

Feliz tempo o nosso, leitores, em que a guerra já não constitui um bom negócio...

Os sábios e os outros

Já lá vai o tempo em que o sábio erta um homem fora deste mundo, desconhecedor de outros homens, com habitação na lua. Hoje é já muito vulgar ver-se o sábio eminente confraternizar nas alegrias e nos perigos com os outros homens humildes seus irmãos.

Temos um exemplo flagrante na vida de Frederic Joliot-Curie, há pouco falecido. Quando rebentou a guerra de 1939-45, o grande sábio descobrira já a radioactividade artificial e o principio da reacção em cadeia que veio a permitir a libertação da energia nuclear. Frederic Joliot-Curie podia sair de França, refugiar-se em Londres ou em Nova York, a continuar as suas pesquisas. Recusou. A sua Pátria estava em perigo — o seu lugar era na França...

Colaborou activamente no movimento de pôr em segurança a água pesada norueguesa e documentos atómicos franceses. Preso, não dobrou a cerviz ao invasor nazi. Recusou, orgulhosamente, a minima colaboração. E ei-lo a participar na Resistência...

Eis aí o motivo do enorme desgosto manifestado pelo povo francês a quando da morte do ilustre sábio.

A VAIDADE nos CÃES

A notícia não nos vem da América, o país das excentricidades. Vem-nos de Londres.

Não é novidade que há inumeros institutos de beleza canina. Em Portugal também os temos, de onde os cãezinhos saem mais ou menos transformados, lavádos, tosqueados como as moitas dos jardins, unhas aparadas, um tudo-nada ridículos. Mas isto não é nada, comparado com o que acontece num dos institutos de beleza canina de Londres. Basta dar-lhe, pacífico leitor português, a lista de preços, curioso documento da imaginação do homem, para tratar um pobre cão:

Mudança da forma dum focinho, 40$00; Colocação (pasmem, leitoras!) de rugas num focinho de «bull-dog», 80$00; Ondulação de uma cauda lisa, 20$00; Mudança de dimensão da cauda, 20$00; Depilação de pelos supérfluos (!!), á hora, 5$00; Mudança da cor do pêlo (louras ou morenas?), 30$00; Transformação duma orelha caída em direita ou inversamente, 20$00; Deformação das patas dianteiras dum «bull-dog», 100$00.

Serão necessários comentários? Creio que não. Cada um pensará por si, se vale a pena ser-se cão de luxo.

A VIDA DE TOULOUSE LAUTREC (1)

A família dos Toulouse é uma das mais antigas e influentes da Europa. Embora vassalo do rei de França, o Conde de Toulouse viveu durante séculos, na Idade Média, como autêntico soberano nos seus vastíssimos domínios. Em 1169 o Conde Balduino casou com a Condessa de Lautrec. Data de tão recuado tempo o nome completo que o pintor adoptou: Toulouse-Lautrec. Seu pai vivera como todos os varões da família: para a caça, as cavalgadas e outras manifestações desportivas, para o dandismo e as extravagancias consentidas pela sua enorme fortuna. Henrique estava talhado para lhe seguir os passos; mas o pequeno não possuía o tradicional vigor físico da família: ainda aprendeu a cavalgar; ainda se apaixonou por cavalos, cães, falcões — como todos os Condes, seus antepassados; mas nunca viria a imitá-los.

Em 1872 (aos 8 anos) o pai internou-o num colégio ao verificar que o mocinho mostrava pelo desenho um amor que não era próprio da linhagem dos Toulouse. Julgava assim cortar o mal pela raiz. Foi útil ao filho, mesmo sem dar por isso: os dois anos de colégio serão os mais felizes da curta vida de Henrique. Ainda os gozou com saude; brincou; deu largas ao seu feitio turbulento e trocista; foi aluno brilhante; e tornou-se temido e admirado pelas suas caricaturas.

Em 1875 a felicidade acaba-se: cai doente, tem de abandonar o colégio e a mãe rodeia-o, em casa, de preceptores. Fatiga-se quando brinca, é obrigado a ser espectador dos folguedos dos outros. Isto para uma criança é importante: isola-a, dá-lhe uma maturidade muito especial. Como ocupa o seu desejo de movimento? Desenhando.

Em Maio de 1878, ao levantar-se de uma cadeirinha cai e parte a perna esquerda; um ano depois, num lento passeio com a mãe, sucede-lhe o mesmo, á direita: e enquanto a mãe corre á procura de um médico, o jovem, cheio de varonil coragem, ficou segurando na beira da estrada o membro fracturado. A coragem era um dos traços essenciais do seu carácter. De novo imobilizado, dedica-se ao desenho com alma e coração, repetindo e tornando a repetir os temas até os dominar. Este jovem condenado a uma vida sedentária ama profundamente o movimento e quer exprimi-lo nos seus desenhos e luta para o consèguir.

Os anos entre 1881 e 1884 são os mais dramáticos que viveu. A todo o momento se acentua a sua deformidade: as pernas, calcificadas, deixaram de crescer; é um pequeno monstro que estacionará no metro e trinta e oito de altura. Mas há-de ter horas felizes? Sim: «quando o meu lápis começa a funcionar e tenho de o deixar seguir á vontade, senão acabou-se». Compreende então que o seu caminho é ser pintor — extravagancia que nunca passou pela cabeça a um Toulouse. Claro que o pai se rebela; mas a mãe, mais compreensiva, consegue que ele parta para Paris. Estamos em Maio de 1882 — e Henrique tem 18 anos incompletos.

Durante três anos segue os cursos de dois pintores académicos: Bonnat e Cormon. Nesse período pouco pintou que tivesse valor, salvo cinco retratos. O resto era produção de um aluno aplicado. Henrique tinha a consciência de que o academismo, com seu gosto pelo cópia fotográfica, lhe fornecia o poder técnico capaz de exprimir, mais tarde, a realidade nos seus traços essenciais, com grande economia de linhas.

Entre os seus colegas conta-se Van Gogh. Eis dois homens capazes de se entenderem: de físico anormal, indiferentes ás conveniências, dispostos a seguir intrépidamente o seu caminho. Havia ainda dois pormenores que os aproximavam: o amor pela arte japonesa e a paciência com que, pelas vias do academismo, procuravam tornar a mão adulta.

Os companheiros admiravam-se que não se revoltasse, como eles, contra o convencional. Eram estas as palavras de Toulouse-Lautrec: «Vim aqui para aprender o meu ofício». E acrescentava: «Mas não para deixar absorver a minha personalidade». Esta personalidade já se manifestava nas suas cópias de atelier, pois embora diligenciasse reproduzir exactamente os modelos, estes (tal como em Van Gogh) saíam sempre «exagerados e deformados, de tal forma que se lhe alterava o carácter».

Em 1885 deixa de viver com a mãe no Hotel Pérey e vai habitar com o pintor Grenier. A mãe, que o tratava como uma criança, convence-se desde que ele almoce todos os dias com ela. Grenier presta-lhe um grande serviço: apresenta-o a Degas. Tudo neste artista influenciaria poderosamente Toulouse-Lautrec: era o maior desenhador do seu tempo, interessava-se pelos mesmos temas que atraíam Lautrec: cenas de bailado, «jockeys», corridas de cavalos. Mas não apenas por isso: a influência de Degas faz-se sentir num momento crucial da vida do jovem artista; quando este se debatia com o problema da incompatibilidade entre desenho e pintura. Os pasteis de Degas foram para ele uma revelação. Não enveredou pelo caminho do pastel: tratou de reproduzir com óleo e efeito dos lápis de Degas. Trabalhou sobre cartão, empregando séries de pinceladas cruzadas, com pequena porção de tinta: o cartão absorvia o óleo e obtinha assim uma superfície mate de sombras de pastel, através das quais o desenho aparecia, claramente. Assim criou as melhores pinturas que se lhe conhecem.

Em 1886 teve de sustentar nova luta com a família. Pediu maior mesada para montar uma oficina de pintura só para si. Consegue-a nos princípios de 1887. Definitivamente, o herdeiro dos Toulouse saiu ovelha ranhosa...

Condensação da excelente biografia de Lawrence e Elisabeth Hanson «**A Vida de Toulouse-Lautrec**» — editada por **Estudios Cor** na sua Colecção **Destinos**, a que pertencem as seguintes biografias: «A Vida de Van Gagh», «A Vida de Dostoiewsky», «A Vida de Nijunsky».

A VIDA QUOTIDIANA NO Chegaram as

por Augusto da Costa Dias

Foi o garoto descalcinho e ranhoso quem primeiro descortinou o bando de velas que pareciam levantar voo da prisão azul do Tejo, o papo encharcado no sangue da Cruz de Cristo, Saltou do muro e, viela abaixo, foi gritando:

— Naus da India! Naus da India!

A vózita festiva e trémula insinuava-se pelas janelas e frestas das casas, ardia como um archote nas quadras sombrias. As mulheres com maridos, ou filhos ou irmãos no «Lugares dalém», *levavam as mãos ao peito, no receio de que o coração quebrasse as grades. Depois corriam ás portas ou janelas e queriam ver, ter a certeza da boa nova que entendiam; mas os olhos estavam cegos e através da névoa, e a cerrá-la ainda mais, só enxergavam a imagem do ente que lhes sobrava na memória.*

—Naus da India! Naus da India!

Atrás do garoto descalcinho espadanava um grupo de rapazes. A notícia tinha mais vozes que a impusessem. Tinha também cada vez mais ouvidos que a ouvissem: mercadores da Rua Nova, para quem soava ao tilintar de moedas de ouro; frades que enrubesciam ao pensar nas dotações, no pagamento das promessas dos mareantes; fidalgos dos três ou quatro costados que ficavam palpitando a quanto subiria desta vez a munificiência real; gente de trabalho, que antevia melhores dias enquanto durasse o trabalho da descarga das naus; contrabandistas — gente de todas as raças e ofícios. Como se a rosa dos ventos se houvesse reduzido a um só ponto cardial...

Claro que também ouviu a notícia o digno Feitor das Casas da India e da Guiné. Maior que o alvoroço na cidade era talvez o que se comprimia nas grossas paredes das Alfandegas. Sem perda de um minuto o Feitor requereu ao Contador-Mor que lhe mandasse alguns Contadores dos Contos e oficiais para o servirem na guarda das naus, á razão de dois homens por cada nau. A ordem del-rei é a seguinte: «sob pena de perderem seus ofícios», *tais homens deverão apresentar-se ao Feitor logo que as naus chegarem.*

Enquanto espera por eles, o Feitor manda avisar o Juiz da Guiné e da India, para que se lhe junte sem tardança. A essa hora os habitantes da cidade sabem fácilmente identificar os homens que se esfalfam a correr por ruas e vielas. Aos conhecidos pedem informações sobre as naus que aí vêm, ou então espicaçam-nos com dichotes: «Vê lá se me guardas um saquitel de pimenta!» ou «Sê bom cão de guarda da fazenda del-rei!». Os homens, na pressa, não podem refilar: um pouco de demora será emprego á água. Por isso mesmo em pouco tempo a Casa da India fica cheia de gente.

O Feitor aparece com ar solene: passa em frente dos homens dispostos em fila; certifica-se de que não falta nenhum; depois saca dos Evangelhos e exige que todos jurem, não defender a Santa Fé ou correr com os herejes, mas apenas e com exemplar espírito prático norte-americano que «muy fielmente y com todo o recado do serviço del-rei, Nosso Senhor, fação *(façam)* a goarda das dittas naos».

As mãos desembainharam-se automáticamente e, uma a uma, postas sobre o Livro Santo, sublinham o juramento erguido num atropelo de ladainha, pois não há tempo para apuros. Segue-se uma curtíssima pausa. O Escrivão Lopo Mexia estende ao seu chefe, Estevão Vaz, Feitor, um rolo de pergaminhos. São as instruções minuciosas da «maneira que ham de ter na vigia, goarda e descarga das dittas naos». *Vão assinadas por ele, Feitor, e por todos os oficiais da Casa da India. No entanto, apesar do respeito que impõe este batalhão de assinaturas — o senhor D. Manuel exige que se lembre aos presentes que tais instruções valem tanto como se ali estivesse aposta a sua real assinatura.*

O Feitor anda agora a indicar como se distribuirão os homens, ás parelhas, por cada batel e a que nau se destinam. Tudo fica a postos, de prevenção, tal qual se esperasse o desembarque de um inimigo.

O homem que surge correndo vem informar o Feitor de que as naus da India entraram em Sam Giam. É pois altura de mandar um ou dois caravelões ou bateis. «quais mais prestes forem», *e tripulados por pessoas fieis, com cartas suas para o Capitão-Mor da Armada e capitães das naus, notificando-lhes que não saiam nem deixem sair em terra ninguém, nem consintam que barca alguma ou batel chegue ás naus. A ordem real é que venham directamente ancorar, e o mais próximo que possam, em frente da Casa da India.*

O Feitor vê afastarem-se os dois caravelões e assim permanece algum tempo; pouco, todavia: ainda não armou metade das precauções estabelecidas por el-rei. Agora, o que imediatamente lhe cumpre é avisar o povo. Chama, portanto, os pregoeiros, dá-lhes suas instruções e despacha-os, breve.

A cidade anima-se com as amea-

Robin dos Bosques em Israel

(Continuação da 1.ª página)

ranjada fresca e explicou que vinha da parte do sr. Feuchtwanger pedir as chaves dos cofres-fortes. Suspeitava-se que o Governo ia congelar todos os bens bancários e o director queria que todo o dinheiro fosse retirado dos cofres.

David negou-se a cumprir desde que o próprio director não confirmasse o estranho pedido pelo telefone. Aquela inesperada resistência encheu Perri de furor. Pegando num punhal árabe, de cabo de prata, dominou o colega, apoderou-se das chaves, amarrou-o a uma cadeira e rematou com uma ameaça:

— Se telefonares ou prevenires alguém far-te-ei em torresmos.

Saiu, fechando a porta á chave. Na rua, apoderou-se da primeira bicicleta que encontrou. O proprietário ainda o viu e gritou: «Ladrão! Ladrão!». Mas Perri já ia longe. Num ápice se achou em casa do outro caixa que possuia o resto das chaves. Yonna não desconfiou de nada e entregou as chaves. Então Perri dirigiu-se até uns cem metros do imóvel do Banco, guardou a bicicleta, dirigiu-se calmamente para o guarda-nocturno, Schlomo, e depois de lhe recomendar, da parte do director a maior das discrições, disse-lhe que o Governo ia congelar os bens do Banco e que era necessário levar sem demora o dinheiro que estivesse nos cofres. Rápidamente os dois encheram cinco sacos com todos os depósitos existentes. Feito isto, pediu a Schlomo para lhe ir buscar um taxi. Schlomo ajudou-o ainda a meter os sacos no táxi. À despedida, prometeu, mais uma vez, nada dizer daquele grande segredo, o que encheu Perri de alegria.

Dez minutos mais tarde, dois polícias chegaram ao Banco e perguntaram se sabia alguma coisa acerca daquela bicicleta (a que Perri roubara e deixara perto do Banco). O velho guarda nada sabia. Então quiseram saber se ele não notara vultos suspeitos junto do Banco. Que não. As suas respostas não pareceram, contudo, muito categóricas, e embora nada sabendo do roubo que acabava de se perpetrar, os agentes insistiram no interrogatório. Cuidadosamente, e recordando o que prometera, Schlomo contou que Perri havia estado ali e que certamente deveria encontrar-se naquele momento, com o sr. Feuchtwanger.

Os agentes telefonaram então ao director do Banco. A conversa deu-lhes a certeza de que estavam na pista de qualquer acontecimento muito importante. Voltaram, pois, a interrogar Schlomo e este acabou por contar tudo quanto sucedera. Nesse entretempo chegava ao Banco o director. Pouco depois estava avaliado o montante do roubo: 125 mil libras israelitas e 25 mil dólares em divisas e valores estrangeiros. Começou então a maior caça ao homem feita em Israel. Todos os serviços da Polícia se puseram no encalço dum táxi e dum homem que transportavam cinco pesados sacos com dinheiro...

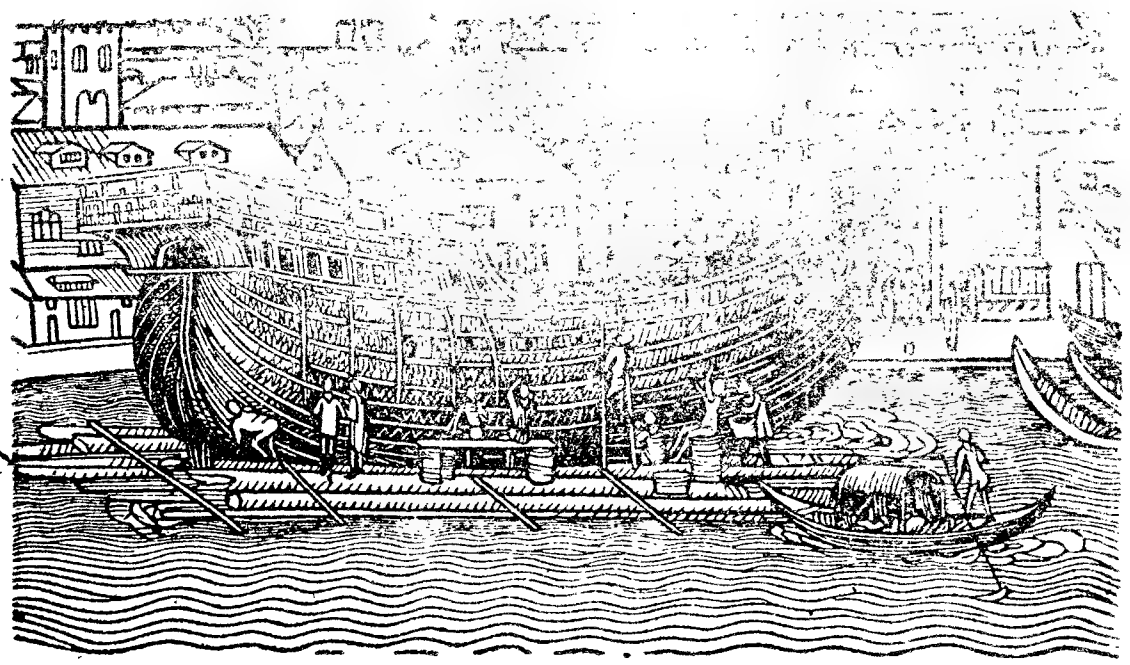
(Continua no próximo numero)

Comunicado ao jornalista Kurt Singer pelo tenente I. Carmi, da Polícia de Tel-Aviv.

NO TEMPO DE D. MANUEL

s naus da India — N.º 1

Dias



ças reais. O comum povo faz alas para ver passar e ouvir os pregoeiros. É uma lenga-lenga já sabida, mas constitui sempre um espectáculo — e grátis. Os homens desgargantam-se a berrar que D. Manuel, por graça de Deus Rei de Portugal e dos Algarves daquém e dalém mar em Africa, Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação, Comércio da Ethyopia, Arábia, Pérsia e da India — ordena «que nenhuma pessoa, de qualquer condição y qualidade que seja, nom vá a nenhũa das dittas naos, nem em ella chegue com nenhum batel ou barca, sob pena que se o contrário fezer, pagará cincoenta cruzados de ouro para o nosso Hozpital de Todos os Santos, os quaes sendo Escodeiros ou di para baixo, pagarão na cadea *(protestos do povo)*, y mais será degradado dous anos para os Lugares dalém. E se laa for *(ás naus)*, y se achar que tirou ou encobriu alguma cousa de pouca ou muita valia, ou qualquer pessoa, do que nas dittas naos vierem, haverão a pena que por direito haveriam se o furtasse, e as barcas ou bateis passarão para nós, El-Rei».

Sempre nestes instantes alguém desenferruja um protesto que depois circula por entre o povo. Os castigos são sempre diferentes, mesmo que as culpas sejam iguais: el-rei é pai para uns, padrasto para a maioria...

Os pregoeiros vão lanzoando de rua em rua; já trazem um bando de miudos a servir de cauda. O Feitor nem volta a pensar nos pregoeiros: o preciso é continuar a cumprir as ordens reais.

Depois de novamente ler, para se assegurar se tudo está em ordem, assina, em nome del-rei, as cartas para o Meirinho da Corte e para o Alcaide da cidade, requerendo-lhes que cada um em seu batel se ponha logo no mar, com tantos homens quantos forem necessários. A tarefa é ficar policiando em torno das naus como aves de mau agoiro, de sorte que nenhum batel delas se aproxime. Como sempre, não basta exprimir a ordem real; é preciso temperá-la com uma boa e ameaçadora pitada: por altos que sejam seus cargos, Meirinho e Alcaide caro pagarão as suas negligências... Disto se procuram eles livrar, entrando prestes nos bateis e mandando remar com alma na direcção das pobres naus prisioneiras...

(Conclui no próximo numero)

(Continuação da 1.ª página)

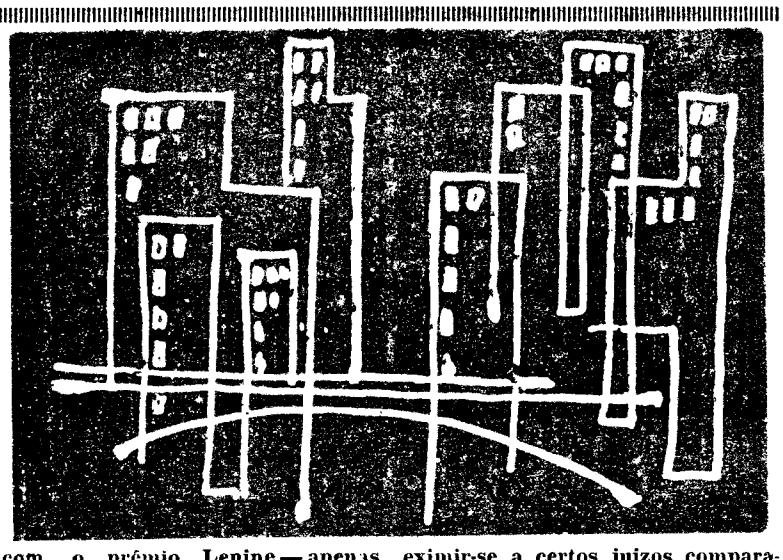
tem conhecimento de um Faulkner, de um Wright, de um Artur Miller ou de um Steinbeck, interessa-se, no entanto, pela subliteratura americana ligada ao cinema e divulgada em edições baratas com capas mais ou menos «sexy».

O ano passado, a União Soviética, nesta luta de prestígio cultural, alcançou, porém, um apreciável êxito com a apresentação no Rio e São Paulo do grande Ballet do Teatro Bolchoi, de Moscovo. Apesar dos preços serem fabulosos, as salas encheram-se a transbordar e o publico brasileiro entregou-se, incondicionalmente, aos «virtuoses» russos da dança. Os Americanos responderam com as mesmas armas. O New York City Ballet veio e agradou.

Este ano a estranha competição entre «Yankees» e Russos no terreno da dança prosseguiu. Primeiro, tivemos as «estrelas» soviéticas do Ballet de Tiflis; decorridas três semanas, o San Francisco Ballet.

O primeiro não é um conjunto de «virtuoses» dominado por uma ansia de perfeição quase absoluta. Uma das suas características principais é precisamente a recusa de um enfeudamento total á técnica. Por outro lado, na sua temática, a ideia e a coregrafia representam muito, mas não são um fim em si. Está tão longe do Bolchoi como dos agrupamentos intelectualizados até ao âmago — caso da troupe de Roland Petit — que vivem o problema de exprimir pela dança um mundo alucinante e abstracto. Mas está também longe de ser um «ballet» como o Sadler's Wells, onde a técnica e a ideia se ajustam tão harmoniosamente que toda a força criadora se diria condicionada por essa fusão. Para exprimir em poucas palavras a impressão que nos deixou, arriscamo-nos a dizer que é o academismo da dança russa posto ao serviço do Caucaso por um bailarino excepcional, cuja personalidade e lucidez lhe permitiram criar exóticos valores coregráficos sem ofender a ortodoxia dos velhos tabus. Vakhtang Chabukiani é tudo no Ballet de Tiflis, desde corégrafo a primeira figura. Em Vera Zignadze encontrou, um dia, em Baku, a bailarina de que necessitava. Dele bastará dizer-se que foi agraciado com o prémio Lenine — apenas Ulanova recebeu idêntico galardão — e que mereceu o título cobiçado de «artista do povo». Tem tudo o que distingue o bailarino de excepção: presença, facilidade, «élan», imaginação, temperamento, agilidade, uma técnica depuradíssima. Adivinhamos nele um homem da estirpe dos Diaghilef e dos Fokine, um intelectual apegado á terra georgiana, um bailarino dominado pelo sentido do telurico, que nos dá o perfume do Caucaso através da estilização da dança. Vera Zignadze é uma mulher formosíssima, de uma beleza pura e calma, etérea como uma Plessetzka ou uma Violetta Elvin, que se diria permanentemente percorrida por um estranho fluido que a transforma num ser irreal. Ambos formam um par dificilmente superável em que a preocupação da escola não afecta, nem ao de leve, a facilidade de transmissão dos aspectos mais variados de um folclore riquíssimo.

O San Francisco Ballet veio demonstrar ao publico brasileiro que, a exemplo do que se verifica em outros sectores da cultura, também na dança os Estados Unidos souberam guindar-se rapidamente a plano de relevo na busca de soluções próprias, dentro do universalismo do «ballet». A circunstancia de se terem apresentado semanas antes, em São Paulo, as «estrelas» soviéticas não terá sido benéfica para o conjunto norte-americano. O publico não pôde eximir-se a certos juizos comparativos. Ora, é evidente que não existe paralelo possível entre um Chabukiani e qualquer das figuras masculinas do San Francisco. Da mesma forma, entre uma Zignadze ou uma Evgenia Galovani e as jovens californianas pressente-se um verdadeiro abismo técnico. Contudo, enquanto em fins de Julho assistiramos a um desfile de «estrelas», os Americanos proporcionaram-nos um espectáculo mais equilibrado e harmonioso (o conjunto soviético não se fizera acompanhar do corpo de baile). Uma das obras apresentadas, «Jinx», um admirável «ballet» de Lew Christiensen, documentou expressivamente as grandes possibilidades do jovem conjunto. O simbolismo plástico do tema — a acção decorre num circo — plenamente transmitido, permitiu a todos os participantes evidenciar até que ponto são capazes de se diluirem no todo. «Jinx» é um prodígio de bom gosto, a provar-nos que se a dança é antes de mais movimento e ritmo, pode atingir uma alta expressão quando á mímica é reservado o papel que lhe cabe de direito. A pantomima e a imaginação assumem tal importancia no «ballet» que o espectador sente-se insensivelmente colocado — sem fundamento por estranho que pareça — perante uma obra de grande densidade intelectual. «Jinx», contudo, é apenas, o que é muito, uma experiência e um ensaio sobre a dança.



OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

«Que a minha mulher não saiba»!

De pistola em punho, assalta os Grandes Armazens Bon Marché. Precisa de levar dinheiro à mulher para mantê-la na convicção de que é um homem sério...

Michel Siauve... Eis aqui um nome de que toda a Imprensa francêsa trata.

Todo o Mundo agora sabe que Michel Siauve é um jogador e um bandido... Isso pouco o aflige, aliás. Só uma coisa deseja: que a sua própria mulher o não saiba...

—Minha mulher é minha amiga. Uma santa. Eu não tinha o direito... Pelo amor de Deus, não lhe digam nada...

Louco! Embora enrodilhado no turbilhão do Sim e do Não, o francês médio pela-se por estas notícias, por estes «faits divers». Por isso esgota os seus periódicos que ultrapassam a tiragem do milhão de exemplares. E o acontecimento que ele mais gostaria de manter ignorado de sua mulher chegou ao conhecimento dela nessa mesma tarde..

Michel Siauve é pracista. Os negócios vão mal, as despesas em casa aumentam dia a dia. Sua mulher, depois que teve o menino, há um mês, desempregou-se. As dificuldades aumentaram.

Para fazer-lhes face, ele dirigiu-se á casa onde estivera empregado. Os colegas quotizaram-se com cerca de mil escudos. O patrão acrescentou, do seu bolso, dois mil escudos. Era pouco. Mas chegava para as despesas inadiáveis.

Com esse dinheiro no bolso, Michel pensa que havia uma possibilidade de o multiplicar... Mas não. Não faria isso. Prometera á mulher, havia pouco, que não voltaria a jogar.

Mas o demónio não desistiu. E tanto doirou a «possibilidade» que Michel tomou o caminho do pano verde...

Perdeu tudo. Seria possível? PERDERA TUDO! Não, não podia ser, a mulher não devia sabê-lo nunca, acontecesse o que acontecesse!

Volta a casa, fingindo a maior despreocupação. Tira o revólver do estojo e sai para a rua. Consulta o relógio. Quase duas horas da tarde. A hora em que as empregadas dos grandes armazéns se apresentam na caixa com o produto das vendas. Ele sabia-o, pois estivera já empregado no «Bon Marché». E' para lá que se dirige. Pouco movimento. Sobe uma das intermináveis escadas, apertando febrilmente a arma no bolso. Uma vez de posse do dinheiro, tudo será fácil. Ele conhecia bem os meandros do afamado armazém. Passar-se-ia como uma enguia viscosa. E ai de quem se atrevesse a fazer-lhe frente! Desse por onde desse, devia entregar três mil escudos a sua mulher...

Ouve passos. Sustém a respiração. Não, não é a empregada. E' uma cliente. Torna a passear vagarosamente no patamar. Torna a ouvir nos degraus as teclas rápidas dos tacões. Agora. E' AGORA!

Com um salto, encosta o cano do revólver ás costas da pobre «demoiselle» morta de terror.

—O dinheiro, depressa! DEPRESSA!

Arranca-lho, com um safanão, sobe os degraus a quatro e quatro. Aquela porta de saida está fechada. Procura outra. Entretanto, a empregada dá alarme. Todo o pessoal se lança em sua perseguição. A polícia acorre. Guarda todas as janelas, todas as portas, todas as frestas. A rede está montada — e o pássaro tonto acabará por cair nela...

Levado ao Comissariado, Michel Siauve mostra-se indiferente com a sua sorte. Repete apenas maquinalmente:

—Não quero que a minha mulher o saiba! Pelo amor de Deus, senhores, tudo — menos isso. Ela é uma santa. Não merecia isto... E eu não quero que ela me despreze. Quero perder tudo — menos o seu amor. Não, não quero que ela saiba!

Pobre Michel... Pobre louco... Tudo se sabe — e as más notícias muito mais depressa do que as boas. Agora, só te resta enfrentar a desgraça com a coragem, a decisão e a paciência que te faltaram para vencer a tentação do desrto verde. O amor pela tua mulher, pelo teu filho, prova que há em ti reservas a que podes recorrer para fortalecer a tua dignidade que tão abalada foi...

...E talvez seja bom, Michel, que tua mulher o saiba. Que ela saiba tudo. O seu amor por ti — verás! — arranjará maneira de lançar ao abismo onde caiste, uma corda de salvação. As mulheres são assim...

POSTAL ILUSTRADO

por Manuel Agra

Entardecer... A hora suave do entardecer, conforme todos os poetas hão de forçosamente ter dito antes de mim — e depois de mim.

O moinho, por falta de vento, parou. Não talvez por falta de vento. Talvez cansado de esperar em vão o D. Quixote que lhe prometeram. A povoação onde me encontro lembra-me uma gaiola, fechada como está num abraço inflexível de seis montanhas. Quase noite, aqui. E lá em riba, dominando a falésia negra, encavalitada no arabesco de pedra, o Sol tenta a escalada, procura sair da jaula onde passeamos os nossos males de pele e rins e alma.

Há quem não se importe mesmo nada com filosofias. Os moços e as moças que voltam da piscina, por exemplo. Riem. Gracejam, a rua é toda para eles. Será — dou por mim a perguntar-me — será que não sentem a gaiola fechada a sete chaves que, na realidade, são seis montanhas? Será que adormeceram neles os ímpetos da escalada que o Sol, meio senil embora, não desiste de tentar?

E este casal que me recordo de ter visto, mas onde? Onde estes passos vãos, este bambolear num mar eternamente igual, estas mãos bem arrumadinhas atrás das costa... No filme de Tati, exacto. Acabados os sessenta gramas de água miraculosa, baixada a tensão um escasso décimo, regressam conformados ao Hotel onde aguardarão a hora do repasto. Eles e os outros comparsas no mesmo drama, repimpados na madorna, sob chapéus que espalham copacabanas de exotismo e cosmopolitismo.

Chumbo nos pés, esses. Onde estarão as asas que por força, tiveram? E os D. Quixotes que escorraçaram da sua alma onde, pararão a estas horas, os pobrezinhos? Onde estão, que já não vêm arrastá-los pelos cabelos — se os pobres já nem cabelos têm! — na escalada fulgurante da penedia?

Para esses, todo o apelo morreu. E dão-se bem assim, o que prova que estão mortos e bem mortos. Arrastam-se nessa indiferença a que eles chamam equilíbrio. Discutem animadamente as provisões para a ração da noite, o tempo corre...

O Sol está quase no fim da escalada. Passa já, uma perna para a outra banda. Não tardará a evadir-se totalmente. Cá em baixo, os moços discutem futebol, fumam, queimam-se eles próprios sem sentido. Será que o facto de haver, na gaiola, piscina e automóveis, os impede de ver a gaiola fechada a sete cadeados que, neste caso, são seis montanhas? Será que nunca mais se resolvam a tomar estas montanhas nos ombros e arremessá-las ao mar?

Não acredito. Não devo acreditar. Nem eu nem o moinho que, apesar de tudo, aguarda os D. Quixotes prometidos.

SABA COMER SAIBA COMER

A saúde no vosso cesto de provisões

Se bem que o mês de Setembro, ao acabar, nos traga o sabor amargo do fim de férias, traz-nos, também a abundancia de frutos e legumes. Parece que o Verão, ao deixar-nos, nos quer cumular de dons... E' uma riqueza de colorido por toda a natureza até aos mercados; legumes luminosos em plena maturidade; o vermelho do tomate, o branco dos repolhos, o negro das

azeitonas. O Outono traz-nos, verdadeiramente, uma fonte de saude, no nosso cesto de compras.

Não está muito difundido, entre nós, o uso das beringelas, o que é pena. A beringela não deve pelar-se. E' preferivel comê-las pequenas, não ultrapassando os 10 a 15

centimetros, cortadas em tiras ou em rodelas e fritas. Acompanham qualquer prato de carne. E que belo efeito!

A abóbora pode ser, com pleno resultado, empregada em purés, frita em rodelas ou em polme e temperadas com um pouco de açucar e canela.

O pimento, verde ou vermelho, o gosto é o mesmo, não deve também ser descascado. E' o pimento rico em vitaminas e pode comer-se cru, em tiras muito finas e avinagradas, ou assado. Logo que se apresenta bem tostado, metê-lo em água fria, a fim de largar a pele. Limpo das sementes, e temperado com azeite e limão forma uma boa salada, só ou acompanhado com tomate.

O pepino, liga bastante bem com o tomate, em saladas. Corta-se em

rodelas muito finas depois de descascado, e tempera-se de sal, azeite e vinagre. Também há quem o aprecie, mergulhado em sal durante algumas horas, antes de servir.

As cenouras, as couves-flores ou de bruxelas, porque as temos todo o ano, parecem, agora, parentes pobres. Sem importancia. Mas não esqueçamos que são boas em qualquer altura do ano.

O feijão verde tem já de ser escolhido com cautela. Se partido, apresenta fios, não vale a pena cozinhá-lo. Mas o tenro tem muitas e boas aplicações.

Também os frutos, nesta estação,

oferecem grande variedade. Não é mau pensar nalgumas compotas para o Inverno: pêssegos, peras, maçãs, melões, figos, todos oferecem boas compotas. Não esquecermos que o Verão ao despedir-se, e ao oferecer-nos tantos e tão belos frutos, parece precaver-se contra um longo Inverno pobre em sobremesas e em calorias.

Por que não aceitar o convite?

Os «trucs» da boa cozinheira

Quando se aquece óleo para fritar ...
Na omelete ...
Para fazer subir o Chantilly ...
Para limpar as uvas secas ...
Antes de fazer rosbife á inglesa ...
Para tirar á manteiga o gosto a ranço ...
O bife mais tenro ...
Cozer legumes ...
Se quer dar um gosto melhor ...
Para tirar o excesso de gordura ...

Evita-se o cheiro desagradável, fritando um pouco de pão antes dos fritos.

Ao bater os ovos deite dentro um pouco de água fria (meio copo por 3 ovos). Verá como fica leve.

Juntar ao creme, uma colher de sopa de água e bater regularmente.

Quando quer utilizá-las nos bolos, sacuda-as bem em farinha; depois ponha-as num passador e agite de forma a perderem toda a farinha.

Meter a carne um segundo, em água fervente.

Metê-la em água bicarbonatada (40 gr. por litro) e deixá-la aí durante duas horas, ao fim das quais se lava em água fria.

Ligeiramente untado de azeite dos dois lados fica mais dourado e mais tenro.

Os secos metem-se em água fria; os verdes em água fervente.

Ao molho de tomate, deite-lhe depois de pronto uma colherinha de açucar e uma pitada de mostarda branca.

Se a sopa está demasiado gordurosa, passe-a por um pano molhado. Faça isto várias vezes, molhando sempre o pano.

N. B. — Não deixe de ter em casa: quadrados de pão torrado para as sopas; tostas; sopas, salsichas em lata, vinho branco, rum, açucar, sal, manteiga, ovos, azeite, queijo ralado, cebolas, alhos, especiarias ao gosto, batatas, chocolate e café.

...E as nossas RECEITAS DE URGÊNCIA.

Sopa de peixe saborosa

Ponha numa caçarola duas colheres de azeite e frite nele dois alhos e duas cebolas finamente picados. Logo que estejam dourados, juntar dois tomates e deixar fritar, deitar salsa, louro, sal e pimenta. Juntar a este refogado dois litros de água, na qual deitará todos os restos de peixe que não aproveitou para outro prato (cabeça, espinhas, etc.) e deixe ferver novo, com um pouco de aletria e dois ovos batidos.

Abóbora com ovos recheados

Escolher abóboras pequenas. Descascar, cortar em rodelas grossas, lavar e depois de bem enxutas, fritar em óleo fervente. Colocar as rodelas fritas num prato de ir ao forno, devidamente untado com manteiga. A' parte, cozer ovos. Cortá-los no sentido da largura, tirar as gemas que amassará com finas ervas e um pouco de manteiga e miolo de pão embebido em leite. Depois de ter obtido uma pasta, encher com ela as metades dos ovos e dispô-los sobre as rodelas da abóbora. Cobrir tudo com molho Bechamel, e polvilhar abundantemente, com queijo ralado. Gratinar e servir bem quente.

Delicias de avelãs

200 gramas de açucar; 200 gramas de avelãs; 1 clara de ovo.

Pelar as avelãs, misturar com o açucar e a clara. Formar pequenas bolas que irão cozer durante 10 minutos em forno bem quente.

Os 10 mandamentos
da cozinheira de urgência

1.—Pensar nas refeições do dia seguinte e, se possível for, nas de toda a semana;

2.—Ao cozer batatas, ao preparar massas ou arroz, fazê-lo para duas vezes. No dia imediato, um novo molho dar-lhe-á um novo aspecto, e terá poupado o tempo da cozedura;

3.—Cobrir a mesa com uma pedra mármore ou qualquer matéria plástica fácilmente lavável; tenha á vista o relógio despertador, para que o tempo da cozedura não seja um pesadelo;

4.—Ter á mão o avental plástico e as pegas das panelas;

5.—Antes de começar a refeição (e de véspera para a primeira do dia seguinte) colocar, sobre a mesa, os ingredientes, os temperos, o livro das receitas, os utensílios de que irá servir-se e preserve-os das moscas e do pó;

6.—Logo que finda a refeição, se não lhe sobra tempo para lavar a louça, encha de água as visilhas que serviram a ingredientes que possam secar, e verá como depois se torna fácil a lavagem;

7.—Tenha bem presente o tempo da cozedura e ponha o despertador a funcionar. Nada de abrir constantemente o forno para ver se está cozido. Enquanto isso se dá, entretenha-se com o prato seguinte;

8.—Se o tempo da cozedura for longo, não se afaste da cozinha, com esse pretexto. Qualquer trabalho pode ser feito entretanto;

9.—Se possuir uma varanda ou apenas uns vazinhos nas janelas, plante neles hortelã, salsa e coentros;

10.—Se tiver ao lume um assado, ponha ao lado do forno uma tigela com água onde mergulhará uma colher e um garfo; verá quantos passos e quanto tempo poupa.

Não

MASCARE o verdadeiro sabor da COMIDA com temperos picantes!

Exija

uma alimentação sadia e saborosa

AJI-NO-MOTO®

produto purissimo extraído do trigo
não é um tempero
não ilude o paladar
antes o desperta, estimulando as nossas papilas gostativas.

Experimente

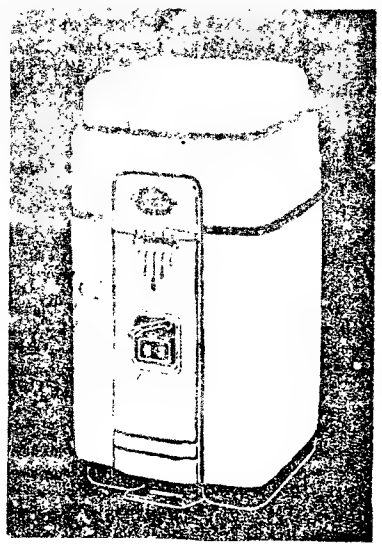
uma pequena pitada na sopa, no peixe, na carne, nas saladas.

Eis a ECONOMIA
que encontrei na máquina
SERVIS

1.ª **ECONOMIA DE DINHEIRO:** o agitador não molesta a roupa, imprimindo à água um movimento de turbilhão em todos os sentidos.

2.ª **ECONOMIA DE TEMPO:** a lavagem pelo sistema de de turbilhão compensado é rapidissima.

3.ª **ECONOMIA DE ESFORÇOS:** espremedor eléctrico, aquecimento e despejo de água automáticos.



Comprei, claro, a **minha SERVIS** na

Agência Comercial Sueca

Av.ª Fontes Pereira de Melo, 45

a preço fixo

Não é na gaveta que poupa a sua roupa

Vista-a com gosto
e sem receio
e
Quando estiver suja

POUPE-A
lavando-a com

SABÃO ACTIVADO CUF

Roupa sempre nova
Roupa sempre elástica
Roupa sempre rigorosamente limpa e sem desbotar

SABÃO ACTIVADO CUF poupa como nenhum sabão a sua roupa

UM SÉCULO DE EXPERIÊNCIA NO FABRICO DE SABÃO

SORVETE EM PÓ
SAUDÁVEL • NUTRITIVO • PASTEURIZADO

O PRAZER E A SAUDE DOS SEUS FILHOS

prepara-se em casa, a qualquer hora, sem leite nem sorveteira.

E UM ALTO PRODUTO DINAMARQUÊS

mem olhava-me com os olhos marejados: «Veja, veja, sinto formigueiros nas pernas, já posso mexer os braços... Sinto a vida voltar-me ao corpo! Devo-lhe a vida!»

* * *

O dr. Ross apareceu rodeado de alguns visitantes e perguntou-me se eu tinha duvida em ser observado: «Nenhuma!» Pela primeira vez, o interrogatório tomou aspectos de sondagem psicológica: era evidente que o dr. Ross tinha ideias, e não queria confinar-se aos sinais meramente somáticos da doença. Eu próprio tinha notado que a palavra se me tornava mais vagarosa, e de vez em quando trocava sílabas: em vez de **giddyness** (estonteamento), por exemplo eu dizia **diggynesse**, o que é cómico, porque sugere «cavação».

Imagine-se o que era a consciência desta anomalia, para quem tivera sempre a palavra fácil, e cuidados escrupulosos de pronuncia e dicção! Pior do que isso era que eú não podia ler, nem livros nem jornais: tudo era uma pasta acinzentada, só os enormes caracteres se deixavam pegar nos espasmos oculares; o mais ligeiro esforço dava-me um imenso desconforto, e tinha talvez a retina afectada. Estava ameaçado da incapacidade de exercer as minhas mais caras e essenciais actividades. Pensava eu nisso? Talvez não quisesse acreditá-lo, ou confiasse, ou estivesse resignado, não sei. Que existência seria a minha, se assim ficasse limitado?

O dr. Ross perguntou-me os nomes de coisas comuns — botão de punho, travessão de colarinho, etc. Quando percebi que ele procurava indagar se havia perturbações da palavra, falhas de memória ou de reconhecimento, fiquei inquieto: tudo isso viria provar-me que a infecção (ou lesão?) se propagara muito para além do ponto de partida, e ameaçava os centros superiores. Se ele demonstrasse que eu sofria de perdas de memória, ainda que só verbal, ou da perda regressiva da memória, eu sentir-me-ia muito mais doente, ameaçado na minha integridade, e forçado a prever uma readaptação muito mais difícil.

Pela primeira vez, aleguei que o interrogatório se me tornava penoso, em vista dos meus fracos conhecimentos de psicologia e fisiologia. Um dos médicos presentes apoiou-me, e disse que aquilo podia agravar a inquietação do doente. O dr. Ross empalideceu, sorriu, e concluiu: «Está bem, nós não viemos aqui para o torturar!» E foi-se embora.

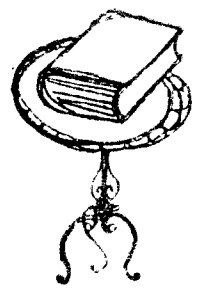
Fiquei penalizado: no fim de contas, eu estava numa enfermaria publica, era um pupilo do Estado, e, para eles, uma cobaia, pau para toda a obra. O interesse do dr. Ross era legitimo e até louvável.

* * *

Vieram perguntar-me, da parte do «chefe», se eu me opunha a ser apresentado naquela noite a uma roda de neurologistas, no anfiteatro do Hospital: «Irei aonde ele achar necessário».

Passava das onze quando me vieram buscar: rebolei penosamente da cama para a maca, e ao cabo de muitas voltas, entrámos na ante-sala, obscura e nua, do anfiteatro. Foster Kennedy veio falar comigo, risonho e cordial, e disse-me: «Desculpe este incómodo, mas o seu caso interessa-nos muito, e eu quis que os meus colegas o vissem. Como está fora de perigo, não há inconveniente algum. Estou muito contente consigo. Até já».

lugubre, uivo canino ou ferino, grito da floresta primitiva, de animalidade profunda e esquecida — tanto mais de arripiar, quanto saía duma boca imóvel, duma face impassível que não revelava nenhum sinal de emoção ou sofrimento. Era um uivo de outras esferas, de sofrimento anterior a toda a razão e consciência. O dr. Dewey disse-me, pálido: «Desculpe, mas é um caso de urgência!» Desci da mesa tão depressa quanto mo permitia a minha condição, penalizado, mas feliz de saber que havia um caso **mais urgente** e doloroso do que o meu... Nunca tornei, nem espero tornar a ouvir semelhante voz sair duma garganta humana. Também não tornei a ser radiografado. E que importa saber se foi da cavidade esfenoidal que o mal irradiou, agora que os anos correram e de tudo isso resta apenas a memória?



VILHOSA ORIA SCRITA

NIO JOSÉ SARAIVA

6.º • A IMPRENSA E O PROGRESSO DA CIENCIA

DESCARTES entregou o seu livro á Imprensa por outra razão ainda, que nos leva a considederar o problema da difusão do saber cientifico. O primeiro serviço prestado pela tipografia á ciência teórica foi a edição dos autores cientificos da Antiguidade. Em certas obras de Aristóteles e nas de Euclides, Plínio, Arquimedes, Galeno, etc., encontravam-se exposições cientificas que superavam de longe o saber herdado da Idade Média e que constituíram um estimulante para o pensamento científico do Renascimento. Depois a tipografia permitiu a divulgação de observações, experiências e teorias que de outra forma teriam sido enterradas com os seus autores. Foi possível desta maneira em diversos pontos da Europa continuar um investigador o trabalho interrompido de outro ou aproveitar as suas observações. Temos exemplos dentro de casa: as obras de Pedro Nunes foram traduzidas em latim, ainda em vida do autor, em Basileia, 1560; as observações botanicas de Garcia de Orta foram editadas também em latim, 4 anos depois da sua 1.ª e unica edição portuguesa (antes do sec. XIX) e rápidamente conheceram várias edições e traduções, nos Países Baixos, em Veneza, em França. Mas o exemplo mais ilustre é ainda o de Galileu. Tendo tido conhecimento da luneta de Lippershey construiu com a ajuda de artifices especializados o seu telescópio, que lhe permite observar em 1610 diversos fenómenos celestes até então insuspeitados e no mesmo ano divulga as suas observações sensacionais num livro, o Mensageiro dos Astros (Nunkius sidereus) *que teve imediata retumbancia pela Europa fora. De vários lados se fazem encomendas de telescópios; observa-se de novo o Céu onde se fazem novas descobertas. Kepler retomando o instrumento consegue ainda aperfeiçoá-lo. A ciência torna-se desta maneira obra colectiva e controlável, e o facho pode ser sempre levado para a frente, não há já o risco de se perder numa tradição oral, degenerando numa crença hermética como sucedera na escola de Pitágoras, ou de se sepultar com a vida de um homem, como aconteceu com o prodigioso labor de Leonardo da Vinci, que ficou encerrado nos seus manuscritos.*

Era isto mesmo que Descartes tinha em mente quando decidiu publicar o seu livro:

«Tendo o desígnio de empregar toda a minha vida na investigação de uma ciência tão necessária, e tendo encontrado um caminho que me parece tal que, seguindo-o se deve infalivelmente encontrá-la, a não ser que disso se seja impedido ou pela brevidade da vida ou pela falta das experiências, julgava eu que não havia melhor remédio contra estes dois impedimentos que comunicar fielmente ao publico tudo o que eu tivesse encontrado e convidar os bons espíritos a esforçarem-se por ir mais além, contribuindo cada um segundo a sua inclinação e a sua capacidade para as experiências que fosse preciso fazer; e comunicando assim ao publico todas as coisas que cada um aprendesse, a fim de que os ultimos, começando onde os predecessores tivessem acabado, e juntando assim as vidas e os trabalhos de muitos, fossemos todos juntos muito mais longe do que cada um em particular poderia ir».

A tese do carácter ecuménico e colectivo da ciência encontra-se firmemente enunciada neste texto e com ela a do progresso cientifico constante e ilimitado, ambas ligadas á difusão pelo livro impresso dos resultados do trabalho cientifico. Foi a Imprensa que tornou possíveis, com efeito, reconfortantes espectáculos como o do facho de Copérnico transmitido a Kepler e a Galileu e a Torricelli e a Newton e assim por diante; ou o de Espinosa, na crítica do texto bíblico, a Richard Simon e deste a Strauss e de Strauss a Renan, etc. Espectáculo novo na história da Humanidade esta consciente marcha concertada para o futuro.

Por virtude desta comunicação universal, que implica uma crescente exposição teórica a Ciência pôde ultrapassar decisivamente o estádio empírico.

Decerto que a Imprensa não é o propulsor unico desta marcha progressiva. A expansão económica da Europa Ocidental iniciada durante a Idade Média só abrandou depois de bem entrado o século XIX. Ao Mediterraneo sucedeu o Atlantico como eixo do comércio mundial. Na esteira das naus portuguesas e espanholas abre-se o surto mercantil e colonial da Holanda, logo seguido da França e da Inglaterra. Estimulada directa e indirectamente pelo comércio intercontinental a manufactura desenvolve-se liquidando aos poucos o velho corporativismo artesanal.

Ou há moralidade...

Não há muto tempo ainda que a Itália inaugurou a sua actividade como potência petrolífera.

A Pérsia, possuidora de extensas reservas desse combustível, concordou com a proposta (de longe a mais vantajosa) e entregou ao país mediterranico a exploração de muitos e importantes jazigos. Reacções de espanto, pritro acusado, Wener Schmidt, demeiro, de desagrado a seguir, em Londres e Nova Iorque. Misturado com uma secreta esperança de que a Itália falhasse nos seus esforços... O que não se verificou.

Agora, depois da Itália, outro país conhecido pela sua capacidade de trabalho e espírito de iniciativa, o Japão, entra no mundo «incendiário» do petróleo. O Império do Sol Nascente acaba de propor ao Egipto que lhe seja dada concessão para a exploração do precioso líquido nas costas do Mar Vermelho. Anuncia-se que as negociações entre os dois países vão começar dentro de pouco tempo e o Japão tem fundadas esperanças de alcançar o êxito já conseguido pela Itália.

Fica-se a pensar que, no fim de contas, os aforismos e as sentenças populares não são pertença exclusiva de uma unica nação. No Oal Nipão (depreende-se pela notícia) também existe aquela memorável conclusão cínica de que «ou há moralidade ou comem todos...».

Não deixe de ler
"BAGACEIRA"
edição de LIVROS do BRASIL
a bela obra de
JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA
que iniciou a poderosa escola do romance brasileiro moderno

VI

Uma pesquisa perturbadora. — Dores de cabeça dum «intelectual». — Um homem de sorte! — Como se afronta o mundo irreconhecível. — Filosofia da doença. — Morrer não custa... mas é bem melhor voltar á vida!

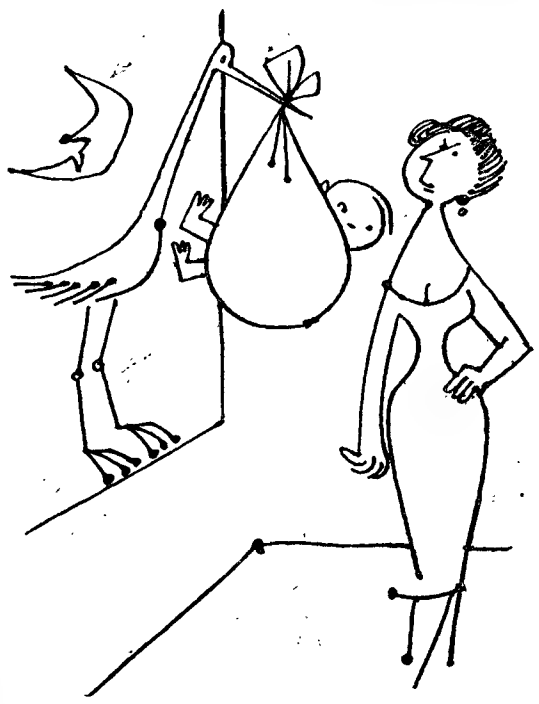
Tinha dado entrada ali a 29 de Novembro, aniversário do dia distante em que um irmão me expirara nos braços, tinha eu 15 anos, num quarto do Hospital de São José. Não era coincidência para tranquilizar ninguém, tanto mais que o Bellevue, em gigantesco e incomparávelmente mais moderno (e apesar das suas deficiências) é o equivalente do nosso velho casarão. Iria eu ter o mesmo fim? Do passado, o que me doía era sobretudo a ideia de deixar minha mãe com quase 90 anos, sem a haver abraçado e consolado um pouco da minha ausência de quase onze anos.

Quando a ideia da morte me assaltava, procurava repeli-la com vigor, ou aceitá-la com naturalidade. Tirava consolação dos outros casos — os incuráveis, como Paul ou o moço que morrera de um tumor nos nervos, ou do semiparalítico do lado. E quantos mais! O senhor amnésico que lia o jornal vinte vezes de fio a pavio, e nunca sabia a quantas andava, e prometia apresentar-nos o filho, herói do Pacífico, quando ele viesse visitá-lo (e o filho acabava de sair naquele instante); e o bom Galego paralítico progressivo, sempre doce e bem humorado, que nutria esperanças de melhorar. Ou o Polaco que chorava a abençoar o nome de Foster Kennedy: «Devo-lhe a vida, é o meu segundo pai!» Contava que tinha andado de médico em médico, correra clínicas e hospitais, e ninguém dava com a causa do seu mal: já não movia as pernas, depois foram os braços, caíra na cadeira de rodas... Um dia mandaram-no ao mestre, que o examinou e no fim lhe disse, pondo-lhe um dedo na nuca: «O seu mal está aqui: é um tumor que lhe comprime os nervos. A sua sorte é que ele está fora da medula! Vamos operá-lo, e em poucas semanas vai ficar bom». E o ho-

HUMOR SORTIDO

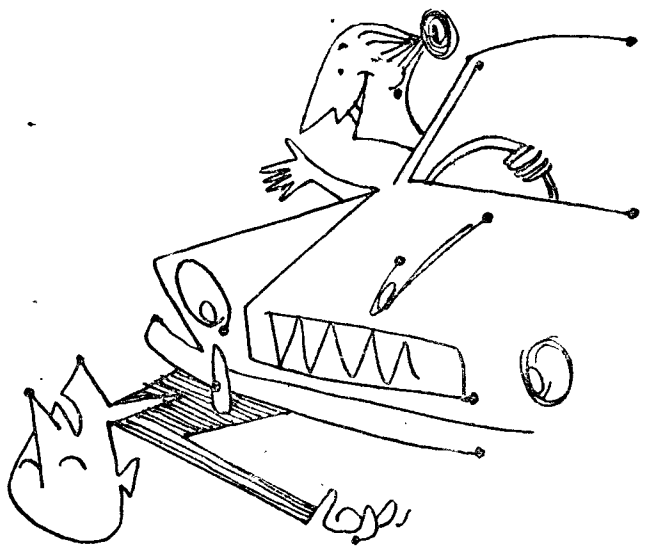
Por SAM SAM QUEIJO QUEIJO

AVARIA NA DISTRIBUIÇÃO



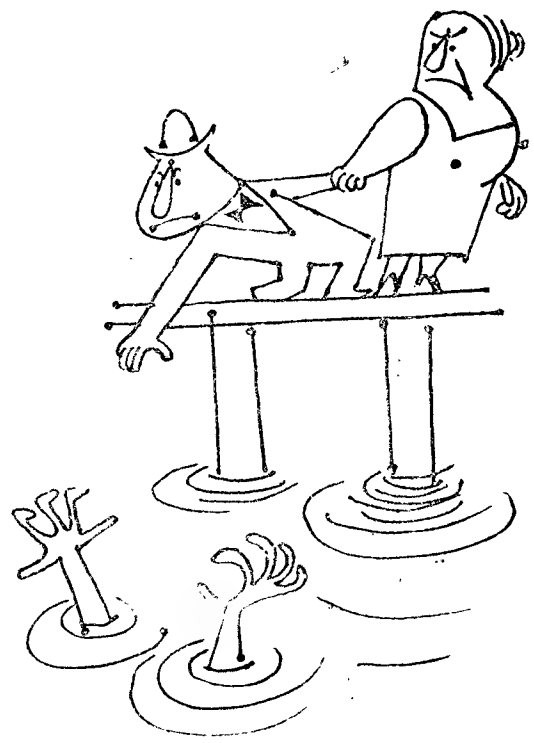
— Parece impossível ! Já é a terceira vez que faz o mesmo. Está enganada, não é aqui. Eu sou uma menina !

ACABOU-SE A DIETA !



— Finalmente, um homem ! Há um mês que não atropelava senão mulheres e galinhas !

BOAS MANEIRAS



— Quando aprenderás tu que não devemos dar confiança a pessoas que não conhecemos?

EXPERIENCIA DA VIDA

Ali ! Ali ! O meu marido deve estar daquele lado.

AS APARENCIAS ILUDEM

— Não calculas, querida, como ele é bonito quando está dentro do Rolls-Royce !

ARREPENDIMENTO

História completamente muda

PAGINA D

Agrada-lhe este modelo?

Saia e casaco de «tweed» com botões de fantasia. O peitilho de pele «beije» igual ao chapeu e o cinto de veludo igual, também, á fita do chapeu, são notas de novidade

A lenda do Chá

Há mais de dez séculos que se bebe chá no Japão, onde o povo lhe atribui uma origem bem graciosa. Darma que era filho de um rei da India e pessoa de grandes virtudes, foi predicar a religião pagã por toda a China, quinhentos e onze anos antes de Cristo. Levava uma vida exemplar, vencendo as paixões menos recomendáveis, alimentando-se de ervas e passando os dias e as noites meditando sobre as divindades. Um dia, extenuado, foi vencido pela fadiga e dormiu «a sono solto» durante muito tempo. Quando acordou, sentiu-se imensamente envergonhado da sua fraqueza. Para se castigar e não voltar a dormir de olhos fechados, regaladamente, resolveu arrancar as pálpebras, o que fez num abrir e fechar de olhos...

Na manhã seguinte, reparou que de cada pálpebra que arrojara á terra tinha brotado uma planta. Colheu umas folhas dessa planta e, sob inspiração divina, com elas preparou um infuso que tomou. Passados instantes apenas, sentiu-se aliviado da opressão que o dominava e notou que uma nova força de espírito lhe permitia continuar sem interrupção as suas meditações e orações. Tratava-se da planta do chá, desse mesmo chá que hoje se toma ás cinco horas da tarde sem o menor conhecimento desta lenda japonesa que — diga-se de passagem — não perde por ser ignorada...

Saiba que...

O caruncho que tantos prejuizos causa nas madeiras, desenvolve-se mais nas casas muito aquecidas.

** * * É de Abril até Agosto que o caruncho põe os ovos de onde saem depois as larvas que principiam por abrir galerias no interior da madeira sem atacar a superfície desta.*

** * * As flores do jasmim e do geranio, depois de cortadas, conservam-se durante mais tempo nas jarras se juntarmos uma colher de açucar a cada litro da água em que mergulham os caules.*

Blusa de malha feita, muito si inferior tem o efeito blusado obtid lhadas como se se tratasse de um te deste género de interessante novida

LINHA PARISIENSE

Gracioso modelo de Mauguin, executado com seda estampada e um laço de «satin» azul marinho como elemento ornamental.

VARIEDADES

Na Idade Média, as vastas planícies do Alentejo estavam compreendidas no califado de Córdova. Viveram em grande prosperidade durante o império romano tendo, como centros principais, Pax Julia e Ebora Cerealis.

*

O instrutor disse ao pára-quedista:

— Você atira-se já do avião e puxa, imediatamente, por esta correia, para abir o pára-quedas. No caso de ele não se abrir, puxa logo pela outra correia e, quando tiver descido, encontrará uma bicicleta em que montará para seguir até á povoação mais próxima.

O pára-quedista obedeceu mas as correias não funcionaram! Já perto do solo, o desgraçado caindo numa velocidade incrível, e, meio consciente da sua pouca sorte, pensou:

— Agora, para cumulo do azar, sou capaz de não encontrar a bicicleta...

*

No Japão, as algas marinhas chamadas «agar-agar» depois de colhidas e bem lavadas são secas ao Sol e arrecadadas para diversos usos culinários.

*

A parte Noroeste dos jardins japoneses é protegida por densos arbustos que têm o fim de evitar a entrada dos espíritos malígnos.

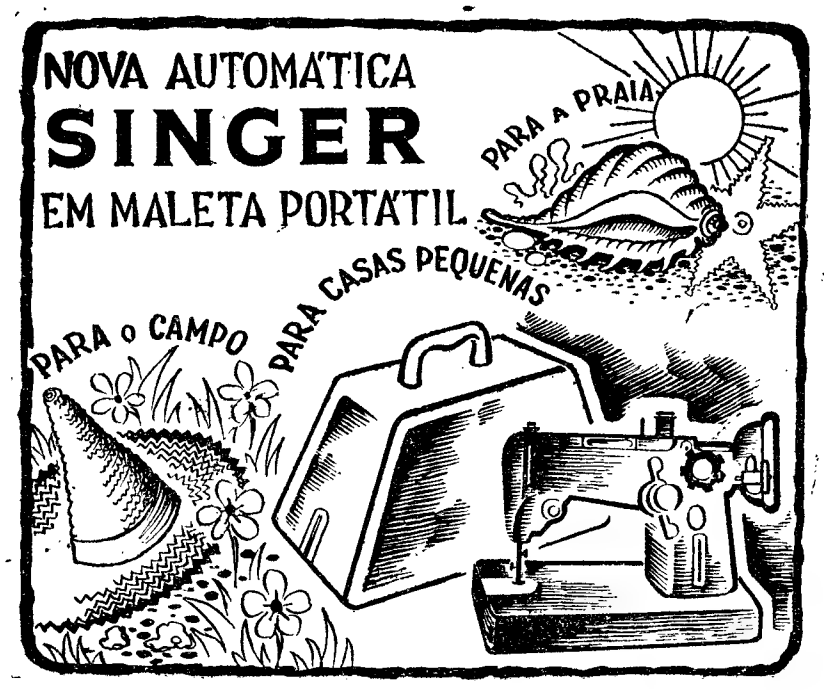
*

O uso do café só foi introduzido na Europa no século XVII.

*

Os Africanos da raça shilluks são conhecidos pela designação de homens cegonhas.

Têm e estatura média de um metro e noventa e oito centímetros e descançam, tal como as cegonhas, sobre um só pé.



Máquina de TRICOTAR BUSCH
APENAS POR 115$ MENSAIS
CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER "TRICOT"
REPRESENTANTES:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Ldª
Avenida Fontes Pereira de Melo, 37
Telefs: 59181-2-3 - LISBOA

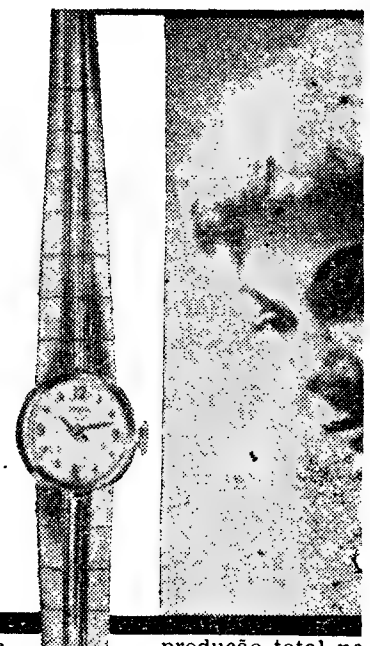
Vibrelle
orgulho da mulher que o usa

V. Ex.ª deseja comprar um relógio?

Peça um ENICAR ULTRASONIC

O ENICAR ULTRASONIC oferece-lhe:

absoluta garantia
modelos elegantes
acabamento ultramoderno
Preços modestos



O relógio Enicar Ultrasonic é o único relógio que não precisa de lubrificação durante três anos.

Cada relógio Enicar Ultrasonic tem um boletim de garantia. Há centenas de fabricantes de relógios na Suiça. Mas a Fábrica Enicar fabrica 8 % da produção total na um milhão de rel

Também fabric derna em:

Automáticos, com os ú
Calendários, com a len
Impermeáveis: 100 %
Extra-planos: sensacio

O relógio Enicar ésta à venda nos cinco conti

Em **PORTUGAL** encontra-se á venda nas seguintes ourivesarias.
LISBOA — Ourivesaria Correia — R. Ouro, 245
» da Guia — R. D. Duarte, 4
» Pimenta — R. Augusta, 253
» e Relojoaria do Império — R. Coelh
» Suissa — R. Ouro, 252
M. Vieira & Filhos — R. da Palma, 13
Oliveira & Jacome, Ld.ª — Pavilhão dos Ourives
PORTO — Carlos Rodrigues — R. Alexandre Herculano, 366
BRAGANÇA — Manuel dos Santos
LOULÉ — Laginha & Ramos
GUARDA — Carlos Pires Correia
VILA REAL — Daniel Salgueiros, Ld.ª
AMARANTE — Silva Pereira, Sucs.
MERTOLA — António Romba
TRAFARIA — Joaquim Almeida Botas
MADEIRA-FUNCHAL — Relojoaria Suissa — R. João Tavir
» Big-Ben — Avenida de Z

A MULHER

...plesmente, com lã azul. A parte ...por uma série de pinças traba-...ido o que é em peças de vestuário ...de.

...Suiça, ou seja perto de ...glos por ano.

...toda a relojoaria mo-

...ltimos aperfeiçoamentos. ...le de aumento. ...- caixa SEA - PEARL ...nalmente planos. ...ientes.

...o da Rocha, 99-B

...— Largo Martim Moniz

..., 38 ...arco, 24

OS CRIADORES DA MODA

Jacques Heim não entrou

no campo da extravagância...

Jacques Heim, presidente do Sindicato da Alta Costura parisiense, não nos dá grandes surpresas com os seus modelos. Alguns são de tal modo discretos, que, se não fosse a altura das saias, dir-se-ia terem sido recortados de figurinos antigos... No entanto, são felizes as suas inovações nas golas drapeadas, descaindo sobre os ombros e terminando em nó, á maneira de gravata. As mangas a três quartos e a cintura no devido lugar, se não marcam pela novidade, têm, ao menos, a certeza de agradar a todas as senhoras de bom senso...

Entre os modelos da sua colecção chamou as atenções um vestido de renda com dois folhos presos na frente, abaixo do busto, e descaindo atrás, que, na opinião geral, não favorecia a elegancia do manequim, mas tinha novidade.

Ao «tailleur», valorizado por um tecido de Armand Hallenstein, Jacques Heim não deu qualquer nota de inovação mas o modelo agradou plenamente.

Se fossem a concurso os modelos da sua colecção, Jacques Heim teria um primeiro prémio para um vestido de noite, curto, de «satin façonné», azul-escuro e verde num lindo desenho de crisantemos, japoneses, de Bianquini.

Um vestido a que deu o nome de «Labrador» é liso, até mais não poder ser, e com a gola em forma de romeira fechada descaindo atrás cobrindo a cintura.

De tudo isto, ou seja, através da pequena reportagem que estamos a fazer pelas casas dos criadores de modas, a leitora interessada em renovar o seu guarda-roupa, tendo em vista o Outono e o Inverno que se aproxima, poderá desde já colher a grata impressão de que, se por um lado, não vai ter dificuldades na escolha, por outro lado poderá escolher a seu gosto. E' que raras vezes a moda terá sido tão elástica e feita tão de modo a servir o gosto de todos — de todos, porque nós, mulheres, afinal não nos vestimos só a nosso gosto. Vestimo-nos, principalmente, ao gosto «deles». E «eles», parece não haver duvidas, o que preferem é a linha harmoniosa, equilibrada e clássica, capaz de modelar no seu lugar uma airosa cintura, um busto firme, uma anca apostrófica — sem esquecer de deixar no ponto justo e á vista livre uma curva de forma só adivinhada...

Apostaríamos dobrado contra singelo que é esta também a opinião da maior parte das leitoras...

HISTÓRIA ANTIGA

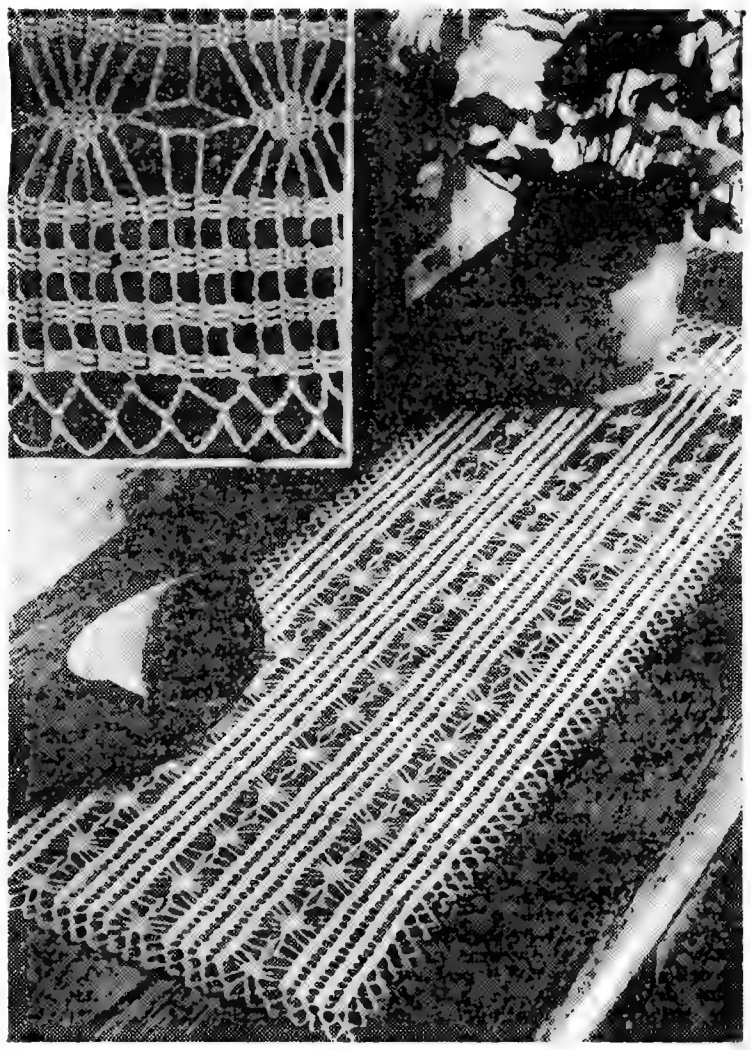
Quando da invasão de Dário, os Atenienses prometeram aos seus deuses que sacrificariam, em sua honra, tantas cabras quantos inimigos matassem. Ao fazerem-se as contas, o numero de cabras necessário para cumprimento da promessa era tão grande que, para se livrarem de uma ruina certa, tiveram de pagar a dívida em prestações anuais de quinhentas cabras.

A história não diz se foram estipulados juros...

Vestido de Noiva

Elegante vestido de noiva, executado com cetim de «nylon» e guarnecido com renda «guipure». Completa a «toilette», que é de linha clássica, o longo véu de tule branco preso num pequeno diadema de flores de laranjeira

Centro de mesa de «crochet»



É de muito bom gosto este centro de mesa, na forma rectangular, feito com linha Mercer Corrente branca, n.º 40, em malhas de «crochet». Para que todas as leitoras do «Diário de Lisboa» possam copiar este modelo apresenta-se-lhes um pormenor ampliado, onde se vê que a técnica empregada não é tão difícil como parece

APRENDA A COZINHAR

FRITURAS DE QUEIJO

Cortam-se fatias de pão de forma, ás quais se tiram as côdeas. Cortam-se fatias de queijo que tenham o mesmo tamanho das fatias de pão. Mete-se uma fatia de queijo dentro duas fatias de pão. Passam-se por ovo batido e depois por pão ralado, fritando-as em óleo fervente. Servem-se com legumes cozidos e temperados com manteiga.

REGIME LÁCTEO PARA EMAGRECER
á base de Algas, Leveduras e Yoghurt

Alimentação magra **Adypok**

Preço ultra económico de 1$00 por refeição.

Peça em postal literaturas grátis para a *FAL — Apartado (Central) 142* — LISBOA

Representação da LYNDEX — Piccadilly — LONDON.

Embalagem equivalente a 50 refeições . . 50$00
Embalagem (tipo ensaio) para 20 refeições 22$50

Eduquemos o nosso filho!

Podem os pais «estragar» os filhos?

Certamente! E embora pareça inverosímil esta afirmação, a verdade é que devemos aceitá-la como um facto corrente.

—«Como? Se são os pais quem mais quer a seus filhos, e maior empenho têm em que eles venham a ser homens e mulheres de carácter?»

O que é certo, porém, é que muitas vezes os pais se esquecem de patentear esse amor e não cuidam de estudar o temperamento dos filhos, desprezando a psicologia que lhes daria, afinal, a directriz exacta para a educação de cada um deles. Por vezes os pais, no seu natural anseio de perfeição para os filhos, tornam-nos infelizes, pois não contam com a sua sensibilidade, nem se dão ao trabalho de conhecer a sua personalidade; submetem-nos ao método de educação que se lhes afigura mais profícuo, e julgam ter preparado assim o seu futuro moral para os objectivos mais sãos.

Vejamos alguns exemplos:

—Conhecemos uma senhora que é louvada por todas as pessoas das suas relações pela maneira como educa o seu pequeno Jorge. Há tempo, o menino manifestou grande desejo de possuir um lindo avião de corda que vira no bazar e que era igual ao que tinha o seu amigo Quim. A mãe prometeu-lho mas com a condição de o pequeno trabalhar para ganhar o desejado brinquedo. O trabalho consistia em mondar o jardim e apanhar as folhas velhas e secas. Todos que souberam desta atitude da mãe do Jorge acharam-na ajuizada e de grande alcance educativo. Ninguém se lembrou se a concessão feita dessa forma teria ferido a sensibilidade do pequeno. O Jorge é uma criança concentrada, pouco alegre e muito dada a pensamentos íntimos que nem sempre o tornam feliz. Parece-lhe faltar-lhe qualquer coisa: não está seguro de que a mãe goste muito dele, e essa duvida fá-lo sofrer intensamente. E o pior é que o Quim obteve o seu avião de forma muito mais cativante: havia sido um presente! Ele contou-lhe que a mãe chegara um dia a casa com um embrulho debaixo do braço e lhe dissera muito contente: —«Quim, adivinha o que te trago aqui!» — E o que vinha dentro do papel era um lindo avião! A mãe oferecera-lho assim, só para lhe dar prazer. Esta cena, comparada com a forma como ele «tinha de ganhar» o seu avião, fazia sofrer o Jorge, sobretudo porque é muito sensível e não tem a certeza de que os seus pais o amem tanto como os pais do Quim amam o seu filho.

—Agora, outro caso: A Luísa pediu licença aos pais para aceitar o convite da sua amiga Julia, que a queria levar a passar o fim de semana na sua casinha de campo. A primeira resposta do pai foi «não!» a Luísa, não vendo motivo para a recusa, enfureceu-se, chorou, desesperou-se. Vendo-a assim, a mãe disse que ia tentar obter a ambicionada autorização. De facto, a Luísa conseguiu-a, finalmente, e foi. Mas haviam-lhe estragado o fim de semana, porque o pai acedera de má vontade e aborrecido, e a mãe ralhara com ela pela sua teimosia. Os pais pensam que fazendo todas as vontades á Luísa a estragam, mas não notam que destroem a felicidade da filha muitas e muitas vezes procedendo desta forma. E senão, vejamos: Luísa foi ao passeio, mas o fim de semana perdeu metade do seu encanto porque ficou magoada com a atitude dos pais. Sente-se infeliz, arrependida por se ter enfurecido e culpada do aborrecimento que causou, mas também está sentida com os pais por a terem levado a proceder assim e lhe terem roubado a alegria daquele passeio.

Segundo os psicólogos, as crianças têm os seus problemas íntimos que necessitam da atenção e compreensão dos pais. A criança que mente e falseia, a criança rebelde e hostil — não nasceu assim. Deve ter havido algum facto que a «estragou». Com certeza não houve á sua volta o amor e a compreensão de que necessitava, nalguma ocasião importante da sua vida.

Talvez, por exemplo, a mãe da Lenita não tivesse compreendido quão importante era para ela receber mais um beijo e ser mais acarinhada na primeira noite que a mãe passou em casa depois de vir da maternidade com o seu novo bebé. A Lenita sentia a necessidade de saber se era amada da mesma forma, apesar de já ter um irmãozinho a reclamar ternura.

Talvez também o Zézito tivesse ouvido os pais dizerem que, quando ele nasceu, ambicionavam uma menina...

Há pequeninas coisas que ferem profundamente a sensibilidade das crianças e actuam imperiosamente sobre o seu temperamento. O que devemos, então, fazer, para não estragarmos» os nossos filhos?

A esta pergunta responderemos na próxima semana.

Muito amor e ternura são indispensáveis para que o bebé se desenvolva normalmente

Concurso - Relâmpago da Boa Educadora

X

Nas noites em que o pai tem serão no escritório, a mãe aborrece-se imenso em casa. Por isso, nessas noites vai fazer visitas á pessoas de família, mas, como não gosta de sair á noite sózinha, leva sempre consigo a Julinha. A Julinha, primeiro gosta. Mas não tarda que chegue o sono, e ás duas por três começa a rabujar, de modo que, quando regressa a casa, por volta da meia-noite, vem a arrastar os pés e a choramingar.

Que lhe parece, leitora? Como procederia no lugar da mãe da Julinha? Diga tudo o que lhe ocorrer a propósito deste pequeno episódio. Assine o seu nome, e indique a sua morada. Querendo, acrescente um pseudónimo. Envie o seu trabalho até ao próximo dia 6 de Outubro, para «Diário de Lisboa» — Magazine — Página «Eduquemos o nosso filho!» — Rua Luz Soriano, 44 — Lisboa. O melhor trabalho será publicado e a sua autora receberá como lembrança uma assinatura da revista «Os Nossos Filhos».

A MELHOR SOLUÇÃO DO VII PROBLEMA

Recebemos muitas respostas ao sétimo problema, e, dentre as respostas recebidas, mais do que uma merecia ser premiada. Assim, resolvemos dar, não apenas um prémio, mas quatro, tendo sido contempladas com uma assinatura de «Os Nossos Filhos» as seguintes senhoras: D. Laura Pedroso, de Venda Nova; D. Maria Clara Marques, de Lisboa; D. Maria José Paixão, de Praia do Carvoeiro; e D. Telma Elizabeth de Matos, de Lisboa. Parabens.

Caixa do Correio

Maria Teresa M. Ferreira — A sua resposta está agora certa, mas ressente-se, justamente, de ter sido feita á pressa. A redacção um pouco mais cuidada, e poderia ter sido premiada. Atenção á palavra «imensa»; por duas vedes a empregou erradamente.

Maria de Lourdes — Não são só as crianças que vivem num bairro moderno, numa casa moderna, que são educadas sem liberdade; não é verdade? Nestes problemas é conveniente generalizar. No final do seu trabalho, aconselha: «No caso da criança ser demasiado sensível e tímida, arranja-se-lhe um grande amigo». Como? Numa escola onde entra pela primeira vez?

Maria Madalena Elói Santos—A sua resposta é muito confusa. Experimente exprimir-se com mais clareza, ler atentamente o que escreveu, emendar, e passar a limpo.

Eunice F. — Não podemos concordar com histórias de soldados, «e os seus tanques com canhões e tudo», contadas a crancinhas de poucos anos. Assim como nos parece que histórias de ratos e baratas não serão as mais próprias para a hora das refeições. Com a segunda parte do seu trabalho, concordamos.

Pequenas coisas

Habitue os seus filhos, de pequeninos:

—A não repreenderem nem tratarem mal as criadas.

—A serem carinhosos para com as pessoas humildes e de idade.

—A não gritarem aos quatro ventos as boas acções que tenham praticado.

—A serem asseados e cuidadosos com a sua pessoa, porque assim o exigem a higiene e á saúde—o que não envolve sombra de vaidade.

—A arrumarem as suas gavetas e os seus objectos de uso pessoal: acessórios de «toilette», brinquedos, livros, etc.

—A serem prestáveis, seja para quem for, e sempre que para tal tenham oportunidade.

—A serem rigorosos para eles próprios e tolerantes para as outras pessoas.

O banho do bébé

As banheiras dos bebés deviam ter pés altos, para maior comodidade das mães, evitando assim a posição curvada que as banheiras no chão ocasionam, e que se torna deveras fatigante. Mas como esse tipo de banheiras ainda não é vulgar entre nós, aconselhamos a que se coloque a banheira sobre uma mesa baixa ou mesmo sobre duas cadeiras, havendo o cuidado de se verificar que fica bem firme.

A água para o banho deve ser quente mas não demasiado, servindo-se a mãe ou pessoa que dá o banho de um termómetro, ou experimentando a temperatura com o cotovelo no caso de não ter termómetro.

E' necessário colocar ao pé da banheira, sobre uma mesa ou uma cadeira, tudo o que se vai utilizar na «toilette» do pequenino, após o banho: toalha, algodão hidrófilo, pó de talco, roupinhas, etc. E' muito importante não esquecer nada, para não se expor o bebé a um resfriamento se se tiver de andar com ele nos braços, depois do banho, á procura de qualquer peça de roupa ou objecto que faltou.

* *

E' igualmente conveniente que se fechem as portas para evitar correntes de ar. Antes do banho pesa-se o bebé, pelo menos uma vez por semana. Durante o banho mantém-se o pequenino numa posição que lhe dê uma sensação de segurança, passando a mão esquerda sob a cabecinha e levantando-a para que esteja sempre livre de perigo de submergir, e vai-se lavando o bebé com a mão direita.

* *

O banho deve durar de três a cinco minutos, durante os quais, em geral, a criança se agita e diverte. Por volta dos seis meses já se mantém sentada. Porém, deve ter-se sempre o mesmo cuidado, para que a cabecinha não caia dentro de água, pois um bebé sufoca-se com muita facilidade.

O MENINO vai para a escola

—«Que criança desobediente! Quando fores para a escola o professor te «endireitará...».

—«Eu não posso suportar mais esta criança! Estou ansiosa que vá para a escola».

—«Muito mau é o meu filho! Ao menos quando for para a escola estarei sossegada em casa».

Como são vulgares, tristemente vulgares, estas frases e tantas outras idênticas, que a criança ouve constantemente de seus pais e familiares.

E a criança que tudo retém na memória em formação, mercê da sua enorme fantasia, vai imaginando a escola como o lugar onde perderá todas as liberdades, onde terá de fazer uma vida séria, de imposições, de obrigações, de quietude, de silêncio; onde um professor que nasceu apenas para castigar por toda e qualquer falta estará na sua frente de olhar carrancudo, nariz comprido, boca cruel, mãos agitadas, pronto a esmagá-la.

Ao mesmo tempo pensa que a mãe está cansada de a aturar, que o seu enervamento constante, a sua fadiga são causados pela sua presença e que, portanto, para se ver livre dela a manda para a escola. Sente-se «a mais».

Com o aproximar da abertura das aulas, a certeza vai tomando corpo e apodera-se da criança o terror do desconhecido. Chega, enfim, o dia fatal. A mãe manda-a levantar-se mais cedo, diz-lhe que se despache, que se mexa depressa. Veste-se enervada e não é capaz de abotoar o bibe convenientemente, calça os sapatos ao contrário; entorna a chávena do leite e não tem apetite. Agarrada á mãe sai de casa. Em frente da escola, nada há que a convença a entrar voluntàriamente.

E afinal é tão fácil preparar uma criança para o seu primeiro dia de aulas! Para quê apresentar a escola como um castigo e o mestre como um carrasco?

A mãe deve falar á criança na escola, naturalmente, conforme a sua curiosidade o for reclamando, mostrando-lhe que a professora é uma amiga que tem a missão de lhe ensinar muitas coisas engraçadas. Todos os meninos e meninas precisam de ir para a escola e estudar para quando forem crescidos terem uma ocupação, saberem trabalhar.

—«Tu não gostavas de saber ler os teus livros de histórias? Pois na escola a professora te ensinará a ler e a escrever e conforme fores crescendo vais aprendendo outras coisas mais dificeis».

—«O' mãe, mas na escola não se brinca? Não há quintais?».

Então explique-se-lhe que na escola há muitos meninos e meninas do seu tamanho e que ás vezes vão todos para o quintal ou jardim e as professoras ensinam brincadeiras e cantigas e versinhos. Os meninos e meninas riem, pulam, saltam, cantam, dançam, jogam joguinhos engraçados todos juntos.

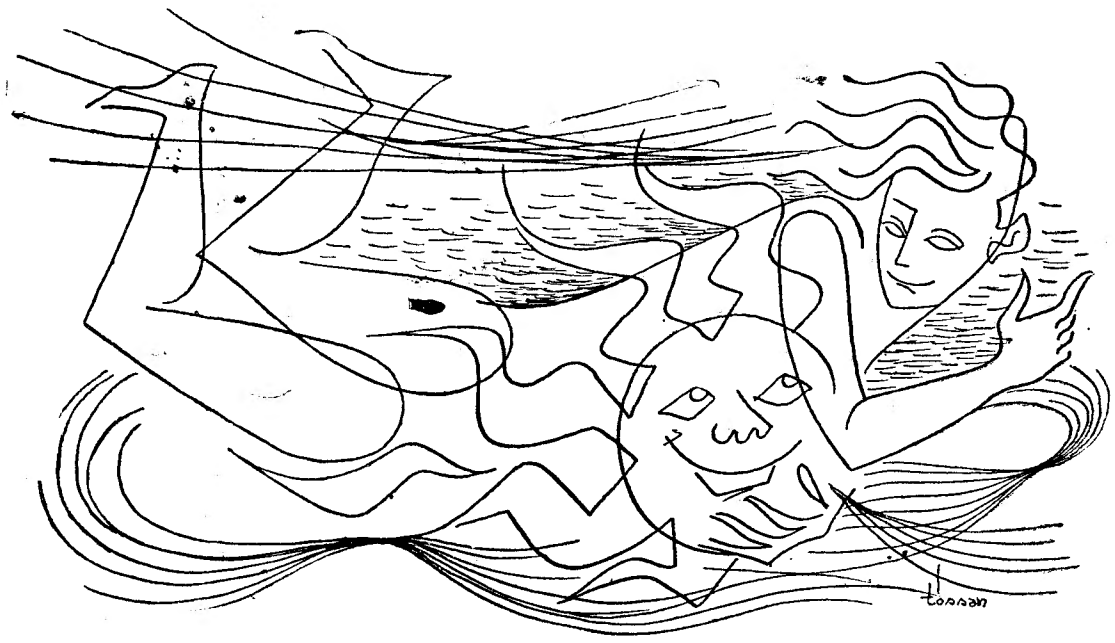
—«O' mãezinha! eu quando for para a escola também ajudo a professora a limpar a loiça?». Eis uma pergunta que me fez minha filha de seis anos. Ela «vê» na escola a colaboração, a camaradagem entre a professora e os alunos. Se em casa ajuda a mãe, se a professora é uma amiga, se na escola vai aprender coisas — terá de ajudar a professora.

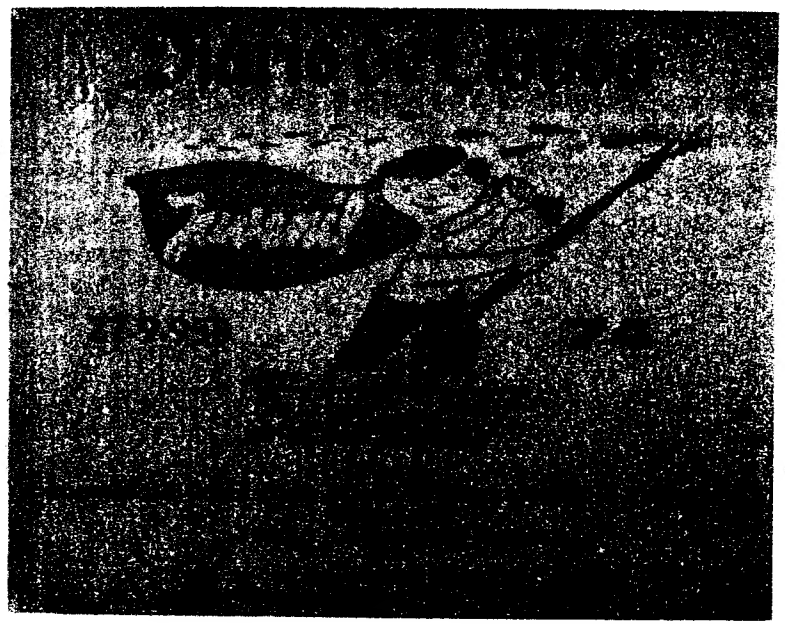
Perante as suas diabruras, a mãe nunca diga que está cansada do filho. Isso oprimi-lo-á. Faça-lhe ver apenas que quando for para a escola, sendo já um menino crescido, terá novas obrigações e deverá bem cumprir, não podendo assim gastar tanto tempo do dia em brincadeiras. Contenha o seu cansaço, domine-se, para que se um dia adoecer, a criança não possa sentir-se culpada. Esse sentimento de culpa poderá levá-la á fuga da escola.

E a criança assim vai pensando na escola como um lugar de trabalho, sim (ora, mas em casa também «trabalha», ajuda a mãe...), mas onde aprenderá muita coisa, para estudar e tirar um curso como a mãe, ou poder empregar-se como o pai, ou trabalhar na oficina como o avô. A criança comparar-se-á áqueles que ama e quererá ser igual a eles. E deseja (muitas vezes ansiosamente) ir para a escola onde conhecerá também muitas outras crianças e arranjará amiguinhos. Ao chegar o primeiro dia de aulas ela já sabe o que é a escola, já conhece a «sua» escola.

Apesar de estar bem preparada para a vida escolar, pode dar-se o caso de a criança, por temperamento ou educação, ser muito agarrada á mãe e, no momento da separação, apavorar-se com a ideia de ficar sozinha com desconhecidos, chorar e recusar-se a ficar. Esta atitude é natural nos filhos unicos e nos mais novos. E' aconselhável então que a mãe acompanhe a criança até á classe e com a colaboração do professor ajudá-la a integrar-se no novo ambiente.

LAURA PEDROSO





POSSIBILIDADE

(Para a Maria de Lourdes Teresa dos Santos Martins(

Por JOSÉ MANUEL – (20 anos)

Anda daí, Poetisa. Anda comigo
(o Vento faz-se coche para nós)
— vamos ser astros entre estrelas, sós,
e sós sorrir ao Sol-o-nosso amigo.

(Vamos sem rumo, sim? Aqui, além,
ao Tudo, ao Nada, ao Ser, ao Quase Ser,
ao Alto-Pleno... Havemos de ir, também,
depois do ocaso, ver o Sol morrer)

Dá-me, sem medo, a tua mão pequena
e vem daí comigo e mais o Vento...
é quase nada a ida: é um momento;
e a vinda é pluma em céu azul, serena.

Anda daí; durante a caminhada
a Vida mansa, em atenção a nós,
a Vida amiga, correrá veloz
em quatro instantes de visões plasmada.

Uma, de azuis e rosa (Primavera):
graça, fragilidade, encanto a fos;
em tudo a Vida baila e soa
(já quase que E aquilo que não Era)...

Depois, segunda: Verão. Vermelho e ouro.
A Vida-Plena em plena fulguração
(e já aqui a Vida rubra e ouro
volve, saudosa, o pensamento à Infância...)

Terceira, após (Outono): Há violinos
nostálgicos (quem ouve?...) E há Poetas,
e há perfumes vagos de violetas
nos roxos poentes, ao rezar dos sinos...

E após, o Inverno. E ultima visão.
Prantos nos olhos-céus. Tristeza. Dor.

.....

(Outono... Inverno...) E cor! E luz! E cor!
(... desfazem-se impossíveis em botão...).

.....

O Vento-Coche volve suavemente,
Unge-se a vinda de um perfume santo.

E nós os dois cantamos tanto, tanto...

— Ao longe, o eco diz alegremente:
«Passou a Infância, Poetas. E entretanto
há sempre a Primavera à nossa frente!»

Amigo N.º 1302.

FLASH

Por Manuel Agra

UM AZUL SEM MACULA

Uma ligeira pausa.

Curioso! Todo o santo dia as máquinas giraram, matraquearam. Atordoaram os ouvidos. Impossível entendermo-nos por fala. As máquinas não deixam. Onde estão, mandam. Devoram tudo. São tão gulosas das palavras humanas que não deixam uma para amostra. Obrigam-nos a gesticular, a usar os dedos, os braços, as pernas, os olhos, no mais espantoso jogo mímico de que nem o Marcel nem o Charlot seriam capazes.

E agora o silêncio pesa. O silêncio ouve-se. Dizem que na Antárctida o vento, o blizar, faz tamanho ruído («lembra um comboio rápido lançado a toda a velocidade...», afirmava-se num livro de aventuras que li na minha infancia) que, se estamos a dormir, e se o vento, por qualquer motivo, repousa, acordamos estremunhados e o silêncio torna-se tão opressivo que preferimos o blizar...

O mesmo aqui. E o estrondear das máquinas não demorará. — Hoje há serão — e todos aproveitam esta ligeira pausa para retemperar forças, para dar dois dedos de conversa em voz baixa, quase inaudível.

O Alberto, que é dos Açores, senta-se num escabelo. Olha para longe, ele próprio está longe. Tanto que nem dá por mim, que me aproximo e lhe bato nas costas, uma palmada firme. Sim, andara longe, pela ilha da sua infancia, pelo mar que lhe deixou a marca neste azul sem pecado dos seus olhos. Ou talvez não. Talvez, o mais certo, estivesse fatigado, moído pela dentuça mecanica que o aguarda novamente para moer o resto...

Trouxe o filho para o «métier» como ele diz, trabalham ambos ali. O filho, o Junior, como os outros lhe chamam, é este moço alto, direito, sempre numa dobadoira a levar e a trazer peças. Nem mesmo no breve intervalo repousa.

— Sente-se um pouco, homem! — digo eu, prendendo-o pela manga.

— Qual! — exclama o Alberto, enquanto descasca lentamente uma laranja. — Isso é bom para mim que já estou velho. Para ele, é girar sempre. Olha que já em pequeno. Pequenino, assim. De manhã até á noite. «Onde andaste tu, meu malandro?» «Na Junqueira...» «A fazer o quê?» «A jogar a bola...»

Rimo-nos os três... Estretanto, descascado o fruto, o Alberto entretém-se a tirar aqui e ali, conscienciosamente, umas peluncas brancas, até a laranja brilhar num tom de carne. Parte-a ao meio agora, entrega metade ao filho.

— Não quero, não preciso...

O velho faz uma cara feia.

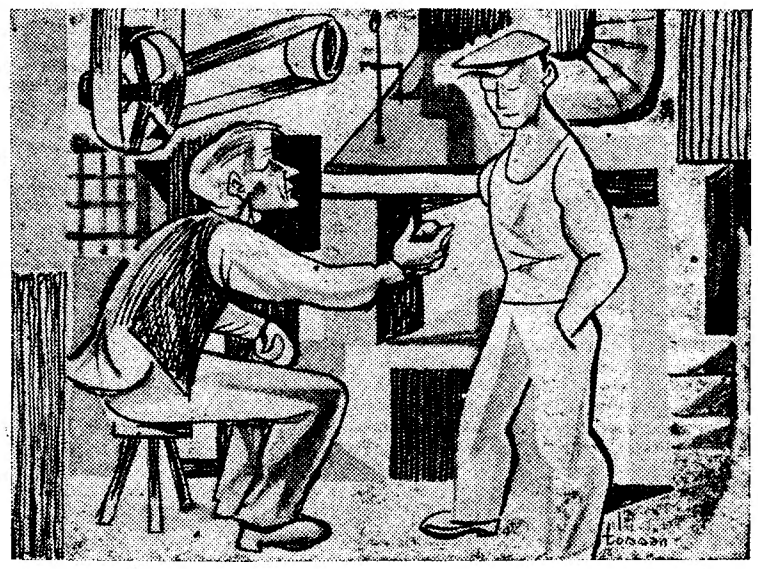
— Perguntei-lhe alguma coisa? Pegue...

E saboreando lentamente, um gomo de cada vez, dizia-me:

— Não sou capaz de comer sem repartir com eles. Não me vai para baixo... E' certo que eles agora já não precisam, já ganham para si. Já são homens. Mas para mim são sempre pequenos, são sempre assim...

E desce a mão espalmada, até um palmo do chão.

Nos seus olhos espraia-se até ao infinito um azul sem pecado.



CONCURSO
GIGANTES DA HUMANIDADE

Eis alguém cuja memória merece ser profundamente venerada! Poucos, no nosso tempo, tanto terão feito em prol da Humanidade. Desde o maravilhoso dia em que inventou a penicilina — já milhões de vidas se pouparam. E que grande ironia! Foi durante esta ultima guerra, em que se desencadearam os mais mortíferos engenhos, que este homem simples e bondoso teve a recompensa dos seus esforços abnegados.

O Governo inglês concedeu-lhe o título de Sir. Rodearam-no de honrarias. Ele, porém, continuou como dantes: um homem modesto, um grande Herói da ciência.

As respostas devem estar no «JUVENIL» até ao próximo dia 6 de Outubro, acompanhadas dos seguintes elementos: data do nascimento, morada e nome completo dos concorrentes e bem assim o seu numero de ficheiro, no caso de já o possuírem. Ao mesmo tempo devem indicar-nos os três artigos que mais apreciaram no «JUVENIL» desta semana.

PROBLEMAS DOS JOVENS

A infância e a educação

por ANTÓNIO FREIRE (18 ans)

Aquilo a que normalmente chamamos civilização tirou ás crianças que vivem em cidades muito populosas, o indispensável privilégio de brincarem em liberdade.

O transito das grandes urbes privou-os de brincarem na rua, opondo limites trágicos ao impulso irreprimível de correr atrás de uma bola; a construção de grandes blocos habitacionais, desprezando as crianças, tirou-lhes o jardim ou o quintal, confinando-as na sala de brinquedos que, de resto, poucas possuem; o horário escolar invadiu abusivamente os períodos destinados a recreio; os pais num permanente terror pela segurança dos filhos erguem barreiras, tentando protegê-los contra todos os acidentes.

As crianças de hoje encontram-se impossibilitadas de dar um passo para se evadirem deste implacável

(Continua na ultima página)

VISTOS PELOS JOVENS

ANIMAIS ESSES DESCONHECIDOS

Falsas aparências

Por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

Coabitando com o homem desde há centenas de milhares de anos, o urso e homem têm-se conservado inimigos. Nunca procuraram conhecer-se, para se estimar. Em nome de uma falsa ferocidade deste animal, o homem dá-lhe caça impiedosa. Nem a legítima defesa pode explicá-la, pois o urso nunca ataca, sem que o ataquem primeiro. Ainda há bem poucos anos, era voz corrente ser o urso sedento de sangue. Falso. Esta afirmação partiu dos exploradores das florestas americanas, no séc. XIX. Está hoje desmentida completamente Provou-se que o urso só se chega ao homem por mera curiosidade. Gosta de ver bem. De resto ele detesta tudo no homem, desde a carne adocicada, à voz áspera, ao cheiro mesmo.

O urso é um animal imensamente inteligente e astucioso. Com o seu aspecto pesadão é extremamente ágil e de grande resistência. Para saborear um fruto é capaz de caminhar uma noite inteira; para conseguir uma raiz apreciada, faz prodígios de escavações. As patas parecem desajeitadas e grosseiras, com unhas que chegam a atingir os oito centímetros de comprido; mas, pelo contrário, são capazes de grande meiguice; comem uvas, uma a uma, com delicadeza extrema; abrem uma porta, rodando a maçaneta; ou apanham um peixe debaixo de água. Graças a estas garras escalam montes com incrível facilidade, sobem ás árvores ou atravessam glaciares. Na água, a sua eficiência é igual: mergulha, pratica a pesca submarina e nada com a velocidade de cinco quilómetros por hora e durante muito tempo, sem mostrar fadiga. E' um lutador temível, porque a uma inteligência arguta alia uma força brutal e uma grande agilidade de movimentos que nada deixaria supor num corpanzil de tanto peso e gordura.

Que eu saiba, o urso, seja ele de que cor for, só tem um defeito: ser miope. E' verdade, Amigos. Só enxerga um vulto a menos de 300 metros e não distingue um homem senão a menos de oitenta. E' esta a causa da sua curiosidade que o leva a aproximar-se demasiado do ser humano que, medroso pelas lendas de ferocidade, o atacam.

Para obviar a esta deficiência, a natureza dotou-o com um ouvido e um olfacto estranhamente agudos. E' capaz de seguir a pista do homem, mesmo seis horas depois de ele por ali ter passado...

Mas sendo um atleta completo como é, o urso é partidário da lei do menor esforço; é mesmo mandrião. Poderia saltar de uma margem para outra de um ribeiro — mas prefere caminhar imenso, até encontrar uma passagem improvisada ou mesmo uma ponte. Poderia subir a uma árvore e colher dela os frutos — mas prefere sacudi-la e aparhá-los do chão.

Sempre pelo menor esforço, quando o Inverno é muito rigoroso — hiberna. Não em letargia, como por exemplo a marmota; mas em vida vegetativa, não respirando mais que quatro a cinco vezes por minuto, não se alimenta nem sai do conforto da sua cama de folhas dentro de uma gruta ou de um tronco escavado, cuja entrada tapou com ramos entrelaçados. E pode rugir a tempestade, pode chover torrentes de granizo, ou neve, pode rugir o trovão; o nosso amigo tudo ouve, mas não se mexe do fofo leito.

Porém, quadno a Primavera surge no calendário, o urso deita o focinho curioso fora da porta, espia o verde que reveste a terra, as neves que se fundem, a vida que acorda por toda a parte. Então, estira as pernas para as desentorpecer, sacode o corpo magro de alguns quilos e sai... não, não em busca de alimentos, mas simplesmente, nesta primeira vez para purgar-se. Para isso procura as ervas que o instinto lhe mostra boas. Feito isto pensa no vestuário para a estação que começa, pois o casaco de peles está já fora de propósito; é preciso desenvencilhar-se dele. Para o despir roça-se pelos troncos rugosos das árvores ou pelas reintrancias das rochas, deixando neles os pêlos supérfluos...

E pronto, ei-lo que começa a vida. Vida solitária, de urso. Apenas umas semanas em cada Verão a solidão parece pesar-lhe mais; uma companheira aparece e é bem recebida. E' sempre a mesma fiel companheira de todos os anos, pois o urso é um animal que só quer uma esposa. Ela chega e instala-se; é recebida com transportes de carinho, numa lua-de-mel de curtas semanas, passadas as quais ela se retira, sem sequer dizer adeus. A solidão volta. Mas o urso é um animal brincalhão por natureza, sabe tirar partido do seu longo celibato. Enrola-se como uma bola e escorrega pelas ladeiras relvosas; ou deita-se de costas e lança-se pelas colinas cobertas de neve.

E a companheira, perguntarão? Pois bem, faz a mesma vida solitária. Só que em chegando o Inverno, recolhe á toca e aí tem um ursinho, ou mais do que um, cego e todo pelado, pesando... 400 gramas! Quando chega a Primavera, é já uma bola de lã que aparece, com alguns quilos, brincalhão como o papá, rolando pelos prados verdes, sob os olhares maternais e carinhosos da ursa-mãe.

As origens da Humanidade

Na Colecção «Saber» acaba de sair a segunda edição do excelente livro de C. Arambourg — «Génese da Humanidade». O autor não é um curioso, como é tão vulgar hoje, que se dedicou a divulgar assuntos e problemas que desconhece. Pelo contrário, Arambourg é um bom especialista e só assim se compreende que tenha escrito este livro tão claro, tão simples e tão bem informado. E' errado supor-se que os especialistas não são bons divulgadores. Para se expor correctamente e com clareza meridiana é necessário saber-se muito.

Aos jovens mais desenvolvidos do quinto ano dos liceus e aos que frequentam o terceiro ciclo este livro pode prestar belos serviços. Mas não a eles apenas. O «JUVENIL» tem muitos leitores, sobretudo em pontos afastados da província, que não frequentaram os liceus e possuem, como é justo, grande ansia de se cultivar. a esses recomendamos esta obra, cujo custo é apenas 15$00.

A edição, como sabem, pertence a «Publicações Europa-América» — a patrocinadora do nosso Concurso «Os Problemas dos Jovens Vistos pelos Jovens».

O GATO DE OLHOS VERDES

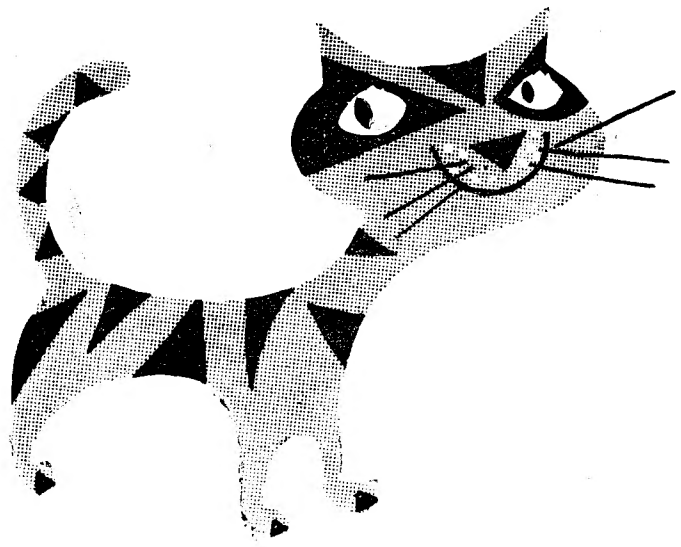
Por MARIA EXALTINA F. GIL

Um gato espreitou à minha janela. Primeiro vi uma cabeça negra. Depois uns olhos verdes, dum verde-água espantoso muito claros e fixantes. Ficou-se a olhar-me muito quieto, orelhas alçadas, à espera... E eu fiquei quieta, a olhá-lo, à espera também. Receosamente colocou uma pata no parapeito da janela. Depois juntou a outra. Eu continuei à espera, quieta. Agora mais ousado vejo-o subir de vez para o parapeito. Muito docemente, não vá assustá-lo, chamo: Bichaninho... Bichaninho...

Ele mira-me com os seus olhos verdes, fixantes, estudando-me. Agrado-lhe por certo. Ei-lo que avança lentamente com timidez.

Estendo a mão com cuidado para o acariciar. Ele recua, receoso ainda. Vai talvez fugir. Não, não foge. Fica imóvel, alerta, pronto a desaparecer ao menor sinal de alarme.

Eu não quero pô-lo em fuga. Tento agarrá-lo sem o amedrontar. Pronto, assusta-se. Corre como uma flecha, trepa à estante, pula para o armário... Jesus! a jarrinha de louça! A jarra da mãe! Bichano, sai daí, palerminha, anda, pula! Mas ele recusa-se. Pelos vistos afeiçoou-se ao poiso. Porém



eu não confio muito na sua delicadeza e temo pela jarra da mãe, que continua numa situação muito instável!...

— Anda, Bichano! Bichaninho... Pula! Não tenhas medo!...

Impaciente, empoleiro-me na cadeira e ameaço por um lado enquanto o agarro por outro. Pronto. Peguei-o pelo rabo. Puxo-o para os meus braços. Caricio-o.

É um gato pequeno. Deve ser bastante novo. Fecho a janela, não vá ele escapar-se já, e, apertando-o contra mim, vou mostrá-lo à criada Ana. Ela diz que o pobre gatinho não deve ter dono. Afirma que nenhum dos nossos vizinhos tem gato. Além disso aquele está na pele e no osso...

— Acha que terá fome, Ana? Ela dá-me um pouco de leite, que eu ponho num pires. Ai, não! Desaparece num ápice! Dou-lhe mais, até ele se fartar. Agora já não tenta fugir.

Passeia pela cozinha e faz rom-rom junto das pernas da mesa. Experimento ver se já está mais sociável e chamo-o. Tento agarrá-lo. Ele encolhe-se, está um bocadinho receoso, mas não intenta escapar-se. Pego-lhe, e pronto... Amizade firmada. Enfim, está estabelecida a confiança entre nós. E brincamos como velhos amigos.

Entardeceu. Os telhados que se vêem da minha janela estão agora banhados pela luz vermelha que vem do Poente e que parece semeá-los de ouro. Passam bandos de andorinhas que voam livres no ceu. Penso no «meu» gato. Terá dono? Fico com ele? Gosto tanto dele! É tão meigo e tem uns olhos tão verdes! Quando nos fixam assim, tão largamente como agora, parecem que desejam teransmitir-nos tudo o que se passa na sua alminha de gato e que não são capazes.

Resolvo-me por fim, Dar-lhe-ei a escolher.

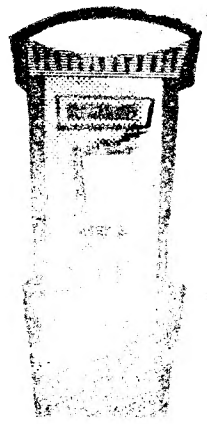
Coloco-o sobre o parapeito da janela e aponto-lhe a liberdade.

Por momentos tenho a ilusão de que ele vai preferir, a sua vida talvez errante, as minhas carícias e a minha casa, Julgo vê-lo ficar indiferente ante a visão dos telhados acolhedores, agarrado ainda à recordação daquele pires de leite e à visão futura de muitos mais pires de leite acompanhados de festas e mimos.

Mas não é assim. Ao passar-lhe uma vez mais a mão pelo lombo ele mia. E de repente pula... corre... e vejo o gato preto de olhos verdes desaparecer para além da minha vida, sem que eu possa detê-lo.

Fico de pé junto à minha janela. Acendem-se estrelas no ceu. E o gato negro de olhar tão verde não volta mais!...

Amigo 984



DIÁRIO DE BORDO

Amigos que seguem, rectifiquem os vossos numeros:

Teófilo Valente Araujo (Almada): o teu numero é o 1.243; Maria Candida Leal (Coimbra): o ter é o 178; Raul F. Tallas Ventura (Almada: o teu é o 1.266; Maria Madalena Santos (Parede): o teu é o 1.217; José H. D. Mendes (Lisboa): 1.289.

Amigo n.º 906 — Ana Maria Martins Simões (Lisboa) toma nota do teu numero, para que o indiques sempre na correspondência.

Amigo 1.277 — António Henrique Tavares e Castro (Coimbra): idem.

Amigo 1.138 — Maria José da Conceição Filipe (Sintra): idem.

Esménio Moedas: os trabalhos não podem ser publicados, sem que a respectiva ficha seja completada; para isso é necessário que mandes a idade.

Amigo 1.273 — António Valério Teixeira Ramires (Olhão): O que significa o nome que assina a segunda parte da tua carta? Um novo amigo? Aguardo a resposta, antes de o inscrever.

Amigo 1.127 — Judite Allen Leal (Lisboa): Para o assunto de teatro será bom que escrevas directamente ao Amigo interessado — Ramiro Alvarez Osório, morador na Rua dos Lusíadas, 114, 2.º.

Amigo 1.331 — António Rebolo Bento (Beja): Claro que podes mandar os desenhos, para que os artistas da página o possam julgar. Desenha só a tinta da China, sim?

Amigo Fernando Lopes: Para entrar para a já longa Família do Juvenil é preciso ter menos de 20 anos, mandar a idade (data do nascimento), morada e nome completo.

TROTE

Concurso Portugal e a Juventude

Recebemos hoje o trabalho do primeiro concorrente ao nosso Concurso Anual de Reportagem para jovens. O velho Amigo José Augusto de Moura Pimenta não quis deixar de apoiar sem demora mais uma iniciativa de JUVENIL. Obrigados!

Como se sabe os trabalhos podem ser entregues até ao fim do ano. Apesar de haver tempo, muito tempo — os nossos jovens leitores não devem guardar a inspiração para a ultima hora.

Mãos á tarefa! Como verdadeiros jovens.

Obras-primas — (3)

Continuamos hoje a cumprir aquele pedido de alguns dos nossos leitores sobre obras literárias de grande vulto. A que hoje indicamos não é o que se costuma chamar uma «Obra-Prima» da literatura. Mas não resistimos a incluí-la nesta lista. Porquê? Porque o assunto é dos mais belos que se poderiam apresentar aos olhos de um jovem; porque a sua autora fez, nisto fez, uma verdadeira obra-prima de verdade, de ternura.

De que lhes falo, então? De «Madame Curie», biografia escrita por sua filha — Eva Curie, irmã de outra grande cientista e Prémio Nobel, Irene. Nesta belíssima obra, conta-se a vida exemplar dá grande Mulher, o seu amor pela ciência, a sua abnegação, a sua modéstia, a sua bondade. Conta-se ainda a vida de outra figura extraordinária—Pedro Curie, seu marido.

«Madame Curie» foi editada em Portugal por «Livros do Brasil, Ld.ª» a cuja Colecção «Dois Mundos» pertence. Todos os jovens — rapazes ou raparigas — o deveriam ler.

O «Diário de Lisboa Juvenil» publica-se para a 11, aos sábados!

Gramática de meio palmo para gente de palmo e meio

Décima Quarta História: «Crescei e multiplicaivos»

Pelo DR. LUÍS MANUEL DA SILVA MARQUES

As palavras têm vida própria como as pessoas: nascem, crescem, fazem-se gente, casam, têm filhos, morrem... As palavras nascem da boca do povo, espontânea e naturalmente, sem preocupações literárias e estilísticas. Fixa bem isto que te digo: *é o povo quem faz a língua!*

Uma palavra nasceu. O bébé tem de ser registado e baptizado. A Dona Gramática regista a palavra gébé no Dicionário e dá-lhe um nome: substantivo, adjectivo, verbo... E por isso ao folheares um dicionário, vês ao lado da palavra e num parêntese a sua designação gramatical. Exemplo: *rosa (substantivo)*. A palavra, depois de nascida, registada e baptizada, começa a fazer a sua vida: vai crescendo: vai-se desenvolvendo e vai-se tornando conhecida, mal começa a ensaiar os primeiros passos, isto é, «começa a andar» de boca em boca, na boca de toda a gente, até que se torna elemento activo na linguagem. Mas, por vezes, a palavra — coitadinha! — ou por isto ou por aquilo, não se faz gente e morre logo á nascença ou pouco depois de nascer. Lá se tem de enterrar a palavra, pobrezinha! O cemitério das palavras é ainda o Dicionário! É lá que tu podes encontrar «palavrões» muito esquisitos, cujo significado desconheces, e que andam na boca de muito pouca gente, porque não entraram na língua. É lá também que se encontram sepultados os *arcaísmos*, aquelas palavras de que te falei na ultima história e que, tendo vivido a sua época, caíram depois no desuso.

A palavra, a que chamaremos *primitiva*, fez-se gente. Tem já idade de constituir família e de cumprir o preceito bíblico: «Crescei e multiplicai-vos!». Quer dizer, *a palavra primitiva* está em muito boa idade de se casar e de ser mamã. E — claro! — começa por namorar... Depois de terem namorado uns tempitos, é marcado o casamento. Tu, menino leitor, és um dos muitos convidados — e convidado de honra! Vê o que se passa na Igreja: a noiva, *a palavra primitiva*, dá o braço ao noivo, o *sufixo*, que se cooca á sua direita. Em linguagem «jurídica» gramatical, chama-se a este casamento um casamento por *derivação*. Foi o caso da Dona *Rosa*. A Dona *Rosa* casou-se com o Senhor *Al* e, daí a uns tempos, desse casamento felicíssimo, nascia o menino *Rosal*. No rede *palavra derivada*. Está bem de ver porquê: porque *deriva* (progisto ficou registado sob o nome vém) da palavra primitiva rosa, com quem é muito parecido. Mas a Dona *Rosa* ficou viuva e, como era ainda nova, casou-se novamente. Desta vez, o marido chamava-se *Eira*. Deste matrimónio, nasceu a menina *Roseira*. O Senhor *Eira* morreu de gripe asiática e a Dona *Rosa* voltou a casar-se, agora com o Senhor *Inha*. Foi então que nasceu a engraçada *Rosinha*. A Dona *Rosa*, que era uma espécie de Barba-Azul de saias, ainda teve outros maridos: o Senhor *Ar*, donde nasceu o menino *Rosar*, o Senhor *Acea*, donde nasceu a menina *Rosácea* e outros que eu não cito.

Outras vezes, na Igreja, o noivo, chamado *prefixo*, coloca-se á esquerda da esposa. A este casamento, costuma chamar-se casamento por *prefixação*. Exemplifico-te com a Dona *Pôr*, que se casou primeiro com o Senhor *Im*. O menino que nasceu desta sagrada união foi o menino *Impor*. Mas também a Dona *Pôr* conheceu uns poucos de maridos. (No reino da Gramática, como parece que na vida dos homens, os homens morrem mais cedo que as mulheres...). Assim, casou-se com o Senhor *Re* e nasceu o menino *Repor*; casou-se com o senhor *De* e nasceu o menino *Depor*; casou-se com o senhor *Com* e nasceu o menino *Compor*, etc.

Há palavras que se casam com separação de bens. A separar o que é do marido e o que é da mulher fica um hifen, um traço de união. A *Couve* casou com a *Flor* e nasceu a repolhuda *Couve-Flor*, o *Guarda* casou com o *Sol* e nasceu o util *Guarda-Sol*, a *Rosa* casou com o *Chá* e nasceu a perfumada *Rosa-Chá*. Chama-se a isto casamento por *justaposição*. Há, porém, as palavras que casam em comunhão de bens e que unem todos os seus haveres para a vida e para além da morte. A *Água* casou com o *Ardente* e aí tens a mal cheirosa *Aguardente*, o *Vinho* casou com o *Acre* e nasceu o azedo *Vinagre*, o *Monte* casou com o *Santo* e aí tens tu a serra de *Monsanto*. Este é o casamento por *aglutinação*.

Graças aos seus casamentos, as palavras também têm a sua família, que, por vezes, é bem numerosa. As palavras pertencentes a uma mesma família chamam-se *cognatas*. Há, contudo, palavras que nunca se casam e que ficam solteironas. Essas, costumam ser muito rabujentas e adoram os sobrinhos. É que nasceram para tias!...

Intercâmbio juvenil

Amigo 929 — Maria Teresa Monteiro de Oliveira (Lisboa): se estiveres disposta a manter correspondência com o Amigo José António de Oliveira Bell estudante do 3.º ano do liceu, morador em Lisboa, manda dizer.

Do Brasil recebemos vários pedidos de correspondência. Trata-se dos jovens:

Lairto Arnaldo — R. Presidente Prudente, Caixa Postal, 232, São Paulo. Brasil; Osmar Floreano — Correios e Telégrafos, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Brasil (é uma jovem); Sonia Abreu — R. Venancio Aires, 1188, Apartamento n.º 3, Santa Maria, Rio Grande do Sul (tem 20 anos); Sonia Machado — Santo António da Patrulha, Rio Grande do Sul, Brasil.

Os Amigos que desejam corresponder-se com jovens franceses e ingleses só podem principiar a partir de Outubro. Paciência, pois, Amigos.

TROTE

Amigos novos entrados esta semana:

1.322 — Francisca da Conceição Brás (manda a morada); 1.323 — Natércia Virginia A. Simões (Lisboa); 1.324 — Amadeu Teixeira dos Reis (Lisboa); 1.325 — Mário Fernando Coelho (Trás-os-Montes); 1.326 — José Manuel Barreto Vinagre (Lisboa); 1.327 — José Luís de Campos Costa (Viseu); 1.328 — José António Coelho (Lisboa); 1.329 — João Vicente (Lisboa); 1.330 — Maria Teresa Simeão Seixo (Moita do Ribatejo); 1.331 — António Rebolo Bento (Beja); 1.332 — Maria Manuela Abreu Santos (Lisboa).

Para as raparigas

Eis mais uma bela novidade que oferecemos ás nossas amiguinhas: a reedição de dois livros célebres — «Quatro Raparigas» e «Alguns Anos Depois», romances de Louise Alcott, adaptados em Portugal por Maria Paula de Azevedo. Já várias gerações de rapariguinhas gozaram o encanto destes belos livros. A sua adoptação cinematográfica constituiu um enorme êxito em todo o Mundo. Algumas das nossas leitoras ainda se devem lembrar desse filme.

Pois agora têm á disposição os livros em que ele se baseou. Vem aí o Outono. As noites começam a ser mais longas. E quando o estudo não aperta, sabe bem, na roda da família ler estas obras...

Trata-se de mais uma edição da «Portugália Editora», já muito conhecida dos nossos leitores através das suas Colecções «Biblioteca dos Rapazes» e «Biblioteca das Raparigas» e «Antologias Universais».

Concurso da semana

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 72: I — AS VOGAIS ESTÃO EM FÉRIAS: Chapeu, bengala, sapato, casaca, anel. II — GIGANTES DA HUMANIDADE: Pasteur.

Vencedores

1. — Amigo n.º 197 — Gastão Alexandre Pessoa Guerreiro (Faro).
2. — Amigo n.º 1.328 — José António Rhodes Sérgio Coelho (Lisboa).
3. — Amigo n.º 1.231 — João Manuel Roque Rodrigues (Lisboa).
4. — Amigo n.º 1.326 — José Manuel Barreto Vinagre (Lisboa).
5. — Amigo n.º 266 — José Luís Abreu Cotrim (Lisboa).
6. — Amigo n. 461 — António Carlos Santiago (Queluz).
7. — Amigo n.º 671 — Marília Margarida Marques Quintela (Lisboa).
8. — Amigo n.º 1.331 — António Rebolo Bento — Beja).
9. — Amigo n.º 1.273 — António Valério Teixeira Ramires (Olhão).
10. — Amigo n.º 1.263 — Carlos Manuel Ladeira da Silva (Foz do Arelho).
11. — Amigo n.º 1.277 — António Henrique Tavares e Castro (Coimbra).
12. — Amigo n.º 1.225 — Rosalinda Monteiro (Lisboa).
13. — Amigo n.º 448 — Beatriz Olinda Oliveira Godinho (Tomar).
14. — Amigo n.º 1.248 — Celeste Martins (Lisboa).
15. — Amigo n.º 806 — Maria Manuela Pereira dos Santos (Caldas).
16. — Amigo n. 1.309 — Fernanda Julieta Correia Lopes (Lisboa).

Prémios

1. — «ROBINSONS DO COSMOS», por F. Carsac — Colecção ARGONAUTA — Livros do Brasil.
2. — «A INVASÃO DOS MARCIANOS», por P. Versins — Colecção ARGONAUTA — Livros do Brasil.
3. — «A IDADE DO OURO», por A. C. Clarke — Colecção ARGONAUTA — Livros do Brasil.
4. — «HISTÓRIA DE DOIS MUNDOS», por MacDonald — Colecção ARGONAUTA — Livros do Brasil.
5. — «UM GOSTO E SEIS VINTENS», por S. Maugham — Colecção MINIATURA — Livros do Brasil.
6. — «AS NEVES DO KILIMANJARO», por Hemingway — Colecção MINIATURA — Livros do Brasil.
7. — «UMA NEGRINHA A' PROCURA DE DEUS» — Shaw — Colecção MINIATURA — Livros do Brasil.
8. — «A MULHER RAPOSA», por David Garnett — Colecção MINIATURA — Livros do Brasil.
9. — «O BAIRRO», por Vasco Pratolini — Colecção MINIATURA — Livros do Brasil.
10. — «AS RAPARIGAS DE SANFREDIANO» — Pratolini — Colecção MINIATURA — Livros do Brasil.
11 e 12. — «DEUS DORME EM MASURIA», por Hans Helmut Kirs — Colecção SÉCULO XX — Publicações Europa-América.
13. — «AS QUATRO RAPARIGAS», por Louise Alcott — BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS — Portugália Editora.
15 e 16. — «ALGUNS ANOS DEPOIS», por Louise Alcott — BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS — Portugália Editora.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE PASTEUR

17. — Amigo n.º 131 — Vitor Manuel Hernandes (Coimbra).
17. — «CHORA, TERRA AMADA», por Allan Paton — Colecção SÉCULO XX — Publicações Europa-América e «FERNÃO MENDES PINTO», por António José Saraiva — Colecção SABER — Publicações Europa-América.

PRÉMIOS DOS CONCURSOS «PENSAMENTOS QUE FAZEM PENSAR»

18. — Amigo n.º 1.072 — Daniel Pinho (Porto).
19. — Amigo n.º 1.068 — Ana Maria Lory (Lisboa).
20. — Amigo n.º 1.050 — Olga Maria Alves Correia Martins (Lisboa).

18. — «A GÉNESE DA HUMANIDADE», Por C. Arambourg — Colecção SABER.
19. — «O MUSICO CEGO», por Korolenko — Colecção OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS — Publicações Europa-América.
20. — «O MUSICO CEGO, por Korolenko — Colecção OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS.

As vogais estão de férias

Este concurso acabou-se...
O preço, no Mundo largo,
de acabar-se o fruto amargo
é acabar-se o fruto doce...

As férias, hoje o descubro,
já procuram agasalho
E as vogais, chegando TBR,
chegam-se elas ao trabalho...

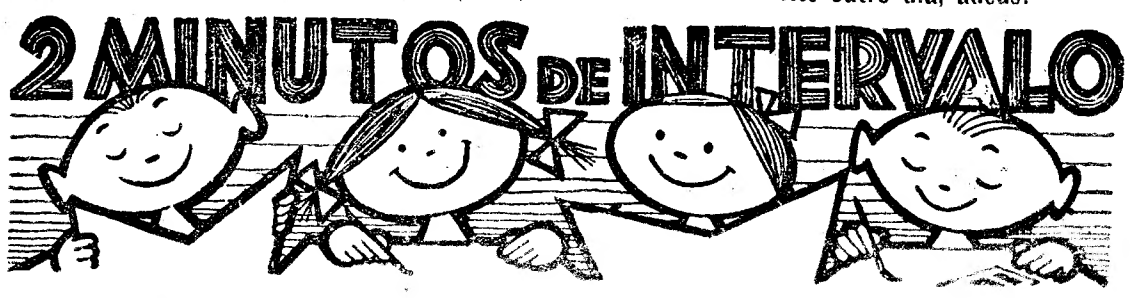
Temo-nos divertido mais
que no campo ou praias belas.
Eu, escondendo as VGS;
vocês, á procura delas...

E neste convivio antigo,
tantas semanas após,
a boa palavra MG
começa a ouvir-se entre nós...

Mas não pára o JVNL
alegre, culto e gentil
Porque parar — quem o disse? —
é morrer — e é tolice...

Há já pronto a ser lançado
um concurso original
concurso que vai dar brado
nas terras de PRTGL...

P'ra ele, pois, atenção,
Atenção, amigos meus!
—Amigos do coração...
Até outro dia, adeus! —



Teste de inteligência para os teus irmãos mais velhos

7 — X... emprestou um livro a Y..., que mostrou desejos de o ter... emprestado, embora houvesse muitos deles á venda.

Tempos depois, Y... devolveu o livro, mas em muito mau estado: sujo, as folhas dobradas, lombada partida...

Qual deve ser a atitude de X... em relação a Y..., a propósito deste caso?

8 — Se fosse tornado obrigatório termos no nosso escritório, no nosso quarto, o retrato de um poeta, ou de um musico, ou de um filósofo, ou de um sábio, ou de um benfeitor, etc., etc., qual escolherias tu? E porquê?

9 — Como interpretar o pensamento de Peter Cheyney, que publicamos hoje, e que nos foi enviado pelo Amigo Fernando Alves?

Pensamentos que fazem pensar

O prémio desta semana coube a Fernando Alves, Amigo n.º 1027. Pelos pensamentos que nos enviou e que a seguir transcrevemos, o Amigo Fernando Alves receberá de prémio um bom livro. Atenção aos pensamentos.

«Os grandes homens empreendem grandes coisas, porque são grandes; os loucos, porque as julgam fáceis».

(LE ROCHEFOUCAULD)

«Acredito na sorte. E' a unica explicação para o êxito das pessoas que nos são antipáticas».

(JEAN COCTEAU)

«Cada homem tem três caracteres: o seu — o que mostra aos outros — e o que julga ter».

(ALPHONSE KARR)

«Não é verdade que a riqueza transforma as pessoas. Apenas os desmascara».

(PETER CHEYNEY)

Um copo de água

Num destes dias calmosos o nosso amigo, o senhor Periquitão, entra no «café» e pede um copo de água.

O criado, delicadamente, pergunta-lhe:

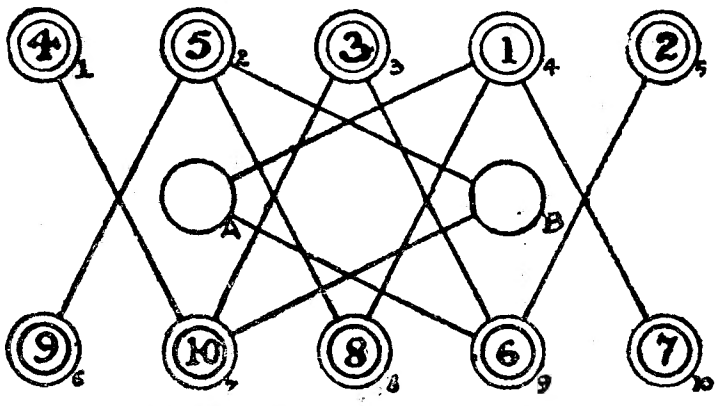
—E' para beber?

—Claro! — resmunga o senhor Periquitão — ou julga que é para aprender a nadar?

PASSATEMPO

Copiem este diagrama para uma folha de papel e coloquem 10 tentos numerados nas posições indicadas. O problema consiste em fazer deslizar um tento de cada vez ao longo de uma linha, de circulo para circulo, até ficarem na ordem 1, 2, 3, 4, 5 na fila de cima, e 6, 7, 8, 9, 10 na fila de baixo, continuando A e B vagos. O primeiro movimento, claro, deve pertencer quer ao numero 1, quer ao 5, 6 ou 10.

Qual o menor numero de movimentos necessários para obter o fim em vista? O autor deste problema admitia 50, mas eu consegui obter um numero muito mais baixo. Experimenta tu agora.



Teste de inteligência para os teus irmãos mais novos

O meu amigo Zeca viu na rua um cãozinho pequeno, abandonado. A mãe consentiu que o levasse para casa onde lhe matou a fome. Com grande espanto, o Zeca viu o cãozinho aproximar-se dele e lamber-lhe as mãos. E os olhos do cãozinho, estavam cheios de uma luz mansinha, com uma expressão tão bela...

Como devemos interpretar essa pressão?

Há uma afirmação muito estranha dos povos nómadas que atravessam os desertos, levando e trazendo mercadorias, guiando viajantes, etc.

O beduino diz: «Sou o meu camelo».

Que significa isto?

Nunca ouviste dizer que a água trabalha? E que o vento trabalha? E que o Sol trabalha? Já ouviste, com certeza. Aponta-me, então, algum ou alguns trabalhos efectuados pela água, pelo vento ou pelo Sol.

Para os «cursos»

Segue uma lista com vários ramos das ciências ou industrias, acompanhada de nomes de homens célebres. O passatempo consiste em seleccionar cada nome com a ciência respectiva:

Química	*Liszt*
Imprensa	*Fulton*
Aviação	*Daguerre*
Navegação a vapor	*Gutemberg*
Fotografia	*Hegel*
Musica	*Lavoisier*
Filosofia	*Gago Coutinho*

Antes

A professora explicava á classe a lei da gravidade.

— Como estão vendo — finalizou — é a lei da gravidade que nos segura no Globo terrestre.

— O' minha senhora — pergunta o Periquito. — E como é que a gente se segurava antes da lei ser decretada?

OS JOVENS TAMBÉM FAZEM A HISTÓRIA — (1)

OS PEQUENOS PATRIOTAS DE CLERMONT-FERRANT

por **TROTE**

Os sobreviventes do grupo são hoje homens entre os vinte e seis e os trinta anos; já têm filhos: e é a estes, sobretudo a estes, que eles contam as heroicas aventuras dos «Chiche-Kaputt».

E' difícil e até impossível saber quem teve a ideia de fundar o grupo. Vagamente se recordam hoje do aparecimento daqueles dois bandos rivais — os Visigodos *e os* Ostrogodos. *Bandos rivais sempre surgiram nas Escolas, não é verdade? Nas horas de recreio ou no fim das aulas emprazam pequenas batalhas, jogam á barra, á bola, aos polícias e ladrões e muitas coisas mais... Se os* Visigodos *e os* Ostrogodos *não saíssem deste trilho talvez nem houvesse nascido a bela ideia dos* «Chiche-Kaputt»; *mas os* Visigodos *e os* Ostrogodos *achavam mais engraçado rivalizar no mal que faziam aos colegas não pertencentes a qualquer dos grupos; mal soava a campainha, eles caíam no pátio do recreio como um vendaval de maldade que se desprendesse dos céus: distribuíam «caldos» e caneladas aos*

incautos, roubavam berlindes aos pacíficos jogadores, extorquiam dinheiro aos mais pequenos, debaixo de constantes ameaças, e tiravam os chapeus ou escangalhavam os penteados das raparigas...

Foi então que, uma tarde, alguém disse:

— Temos de acabar com isto! Se nossos pais lutam contra a injustiça e a violência, nós não podemos ficar de braços cruzados.

O pequeno grupo de futuros heróis agitou-se como se agita a bandeira da pátria quando homens generosos a levantam aos céus. Alguns dos jovens sentiram, num arrepio de comoção, que chegara o tão sonhado momento de imitarem, de se mostrarem dignos dos pais — homens da Resistência (1). Era o ano de 1942. A «doce França», ocupada e torturada pelos alemães, organizava a luta pela sua liberdade, afinal a liberdade de tantos outros povos. Juntavam-se dois, três, muitos homens de boa vontade; escutavam directrizes, propagavam-nas como propaga o vento a boa sementeira: e os conquistadores viam erguer-se, pouco a pouco, á sua roda, um muro de resistência cada vez mais forte, cada vez mais alto.

Os filhos dos patriotas conheciam os segredos dos pais; mas calavam tudo isso no seu coração; e apesar de crianças, medo algum as faria abrir a boca que não fosse para cantar a Marselhesa *— imenso sonho de amor transformado em canção.*

Naquela tarde, meia duzia de meninos resolveu acabar com os vergonhosos feitos dos Ostrogodos *e* Visigodos. *E cumpriram! Algumas batalhas campais, uma semana de intensa actividade de guerrilhas, golpes de surpresa, emboscadas contra os* Germanicos *— e ninguém mais falou no caso.*

E agora? — pensaram todos. Acabaria o grupo, já então baptizado com o nome de «Chiche-Kaputt»?

Não! Quando regressavam a casa, ouviam seus pais relatar em voz baixa mais um feito dos patriotas da resistência; vinha depois a noite cerrada: e as famílias reuniam-se em torno da telefonia, da mesma forma que nos cortantes Invernos, os pobres se debruçam sobre o calor amoroso das fogueiras. Estavam ouvindo Rádio Londres, a «Voz da França Livre» — aquela voz solene e comovida que, galgando quilómetros, sem nenhum cansaço, chegava aos seus ouvidos como o bater do coração:

« Demoralisez ... Demoralisez ... Demoralisez tous les boches» (2)

As crianças sentiam palpitar dentro de si, noite e dia, aquelas palavras. E então resolveram transformar os «Chiche-Kaputt» *em grupo de resistência contra os alemães. Os primeiros sinais surgiram nas paredes da Escola, no rebordo liso dos passeios — milhentas inscrições feitas a giz: «Abaixo os nazistas!», «Viva a França!». Até que um dia o capitão — um jovem alto, magro e desgrenhado que dava pelo pseudónimo de* «Gigante da Flandres» *— disse:*

— E' bom que continuemos com as inscrições, mas não chega. E' preciso assestar golpes mais fundos nos inimigos da nossa pátria.

Todo o grupo estremeceu de alegria. Mas que fariam?

Os agentes do governo-fantasma do marechal Pétain forneceram uma esplêndida ocasião para o baptismo de fogo dos jovens patriotas. Aqueles haviam-se lembrado, com efeito, de celebrar na escola primária Jean Macé a cerimónia do arvorar da bandeira. Apenas soube da notícia, «Gigante da Flandres» *convocou sem demora uma sessão plenária do grupo, num cantinho do pátio de recreio.*

— E' impossível — disse — aceitar na nossa escola uma cerimónia que, feita por quem é, representa um insulto para os nossos pais, não acham?

Como todos estivessem de acordo, logo se traçou um plano de acção, solenemente fechado, com a palavra de ordem:

Não haverá cerimónia do arvorar da bandeira!

Rápidamente se estabeleceram contactos com as diversas classes. Salvo alguns medrosos, todos juraram o seu apoio. O filho de um «colaborador» (3) que quis denunciar os colegas perdeu dois dentes e ficou com um olho negro. Isto aconteceu á saída da escola: doze «Chiche-Kaputt» *cercaram-no e ele teve de aceitar o desafio do* «Gigante da Flandres»...

Chegou finalmente o grande dia. Os jovens alinharam, por classes, no pátio de recreio junto ao mastro onde, dentro em breve, flutuaria a bandeira. Muitos sentiam a garganta apertada, mas dominavam-se. Os representantes oficiais, solenes como empregados de uma casa funerária, avançaram. O professor de musica subiu a uma cadeira e espevitou a batuta. Era a altura de os «mais velhos» cantarem a «Marselhesa», *enquanto a filha de um prisioneiro de guerra puxaria pela adriça...*

Então o professor empurrou em voz baixa:

«Allons, enfants de la patrie...»

Ninguém correspondeu. Um silêncio de morte. Apesar do temor que os gelava, nem um jovem, do mais crescido ao mais pequeno, abriu a boca. O filho do «colaborador» teve de coçar a perna direita, no sítio onde Petit Jean lhe descarregara um pontapé...

O professor de musica engasgou-se, engoliu em seco e deixou-se cair tal qual um balão que se rompe e se esvazia. Os oficiais mudaram de cor. Os professores iluminaram um sorriso de orgulho. Que lição de amor da pátria e de dignidade dada por um cento de pequeninos corações! E no silêncio glacial, a bandeira das três cores subiu... voou para os céus...

Os «Chiche-Kaputt» *de Clermont-Ferrand escreveram depois muitas outras aventuras de heroísmo. Grande parte dos actores desta história verdadeira entraram mais tarde nas fileiras da Resistência. Muitos aí encontraram uma morte gloriosa. Um tinha dezassete anos quando foi fuzilado. O amor pela terra em que nascemos não tem preço.*

---

(1) Chamou-se Resistência ao movimento dos patriotas franceses contra os ocupantes alemães.

(2) «Boches» foi a alcunha que os aliados, na Grande Guerra de 1914-1918, puseram aos alemães. Significa «porco».

(3) Colaborador («collaborateur», ou simplesmente «collabo») designava todo o traidor que servia os alemães.

Problemas dos jovens vistos pelos jovens

(Continuação da 1.ª página)

e total encarceramento. Constroem-se grades á volta das suas escolas, fiscalizam-se-lhes os passeios, enchem as suas pequenas cabeças de recomendações quando vão a uma festa, sózinhas, proibem-nas de saltar sobre a relva dos jardins, brincar com um cão vádio, aproximarem-se dum tanque, sujarem as mãos na terra do quintal, enfim, rodeiam-nas de um sem-número de interdições, constrangendo-as a ser sossegadas.

A vida da criança devia ser uma corrente contínua de experiências e aventuras. Só assim ela pode evoluir perfeitamente, e tornar-se um adulto consciente, de sentimentos amadurecidos e carácter saudável. Ensinando a criança a ter medo de tudo e de todos, é encaminhá-la para um futuro cheio de tibiezas, é formar um adolescente sem acção e um adulto sem personalidade.

Todo o pai que enche o filho de temores injustificados, reflecte os defeitos da educação que lhe deram quando criança. O medo que incute no filho é o seu próprio medo, o mesmo que sente ao atravessar uma rua ou quando lê nos jornais as pasmosas revelações da ciência atómica. O pai sem confiança em si próprio não pode ensinar o filho a ser corajoso.

O adulto vacilante, vendo perigos em tudo o que o rodeia, procurando evadir-se da realidade a todo o momento, não é mais que uma criança que não recebeu na altura própria, os ensinamentos que a vida em liberdade lhe oferece.

Há muitas pessoas de incontestáveis méritos, ocupando posições de relevo na sociedade actual, que nunca viram nascer um cachorro e têm nojo de matar um rato.

Atravessaram continentes mas, não sabem nadar. Dormiram em muitos hoteis mas, nunca o fizeram á sombra de uma árvore. Subiram a montanhas, de automóvel, mas, nunca treparam um muro. Gostam de ver flores em casa mas, nunca semearam uma.

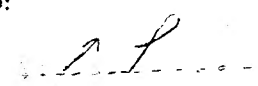
Esses indivíduos, apesar das suas muitas qualidades nas profissões a que se dedicaram, não conheceram os primórdios da experiência, precisamente aquilo que se recebe na infancia e serve de base pela vida fora, de modo a tornar-se um adulto com uma dose muito razoável de confiança em si mesmo e de independência.

AMIGO 1.301

Curso elementar de estenografia

Por Natália da Fonseca

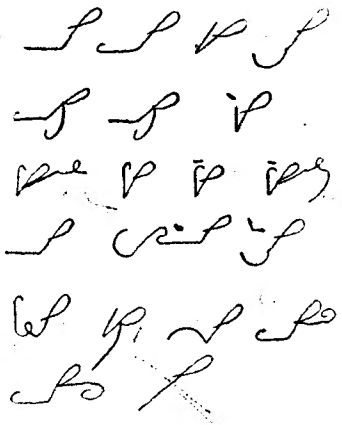
Todos preparados? Papel, lápis, tudo pronto? Pois atenção ao som desta semana, o som geral Alto-also-aldo:



Alto, elto, ilto, olto, ulto
Altro, eltro, iltro, oltro, ultro
Also, elso, ilso, olso, ulso
Aldo, eldo, ildo, oldo, uldo
Aldio, eldio, ildio, oldio, uldio

Não oferece qualquer dificuldade, o som *Alto-Also-Aldo*. Basta ter presente que se traça de baixo para cima e da esquerda para a direita, conforme indica a seta junta do som. E não esquecer nunca que esta representação fonética, como todas as anteriores, é válida para o singular, plural, feminino, masculino, formas verbais e semelhantes.

Exemplos de ligação:



Da esquerda para a direita: malta, falsa, soldo, biltre, filtrar, multar, descalço, poltrozinho, pulso, impulso, impulsionado, míldio, gerifalto, desenvolto, pernalta, soldado, contralto, faltoso, falsidade, excelso.

Os nossos amigos devem repetir estes estenogramas tantas vezes quantas sejam as necessárias para obter no seu traçado a maior rapidez e perfeição.

Palavras a estenografar em casa e a enviar depois para correcção, que faremos individualmente e sem qualquer encargo para os nossos amigos:

Salsa, baldio, fraldas, fraldiqueiro, descalçar, solda, saldar, feltro, embolsado, desembolsar, beltraneja, esbelto, solto, vultoso, voltado, pulsar, alçará, baldar, ribalta.

E ainda as frases em que os sons já vão separados, para dar uma pequena ajuda:

A/s p/essoas d/anç/avam a v/alsa des/c/alças.

O ch/apeu d(e) f/eltro f/o/i v/olt/ado d/o a/v/esso s/o com um impulso.

N/o/s v/ersos d/o P/oeta (e)x/c/elso p/ulsa o c/o/r/ação d/a P/átria.

Damos hoje um pequeno trecho para o seguinte exercício:

1.º — Leitura em voz alta não das palavras mas dos sons em que se decompõem (t amo pra z anto a s u a c arto com a d ato dê anto...).

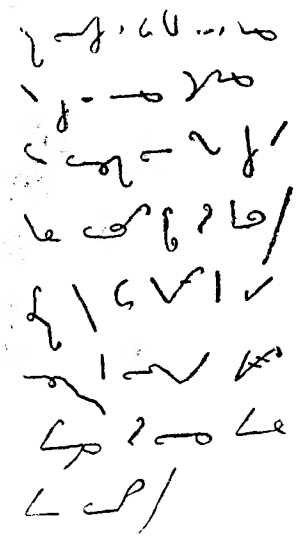
2.º — Cópia cuidadosa

3.º — Comparação da cópia com a rectificação que segue em baixo

4.º — Nova cópia, devidamente corrigida.

«Temos presente a sua carta com a data de ontem e muito gratos lhe ficaremos por tudo quanto se dignou fazer pela nossa casa.

«Podemos desde já dizer-lhe que as mercadorias que pretende ser-lhe-ão remetidas na próxima semana, sem falta».



Até sábado, meus senhores.